

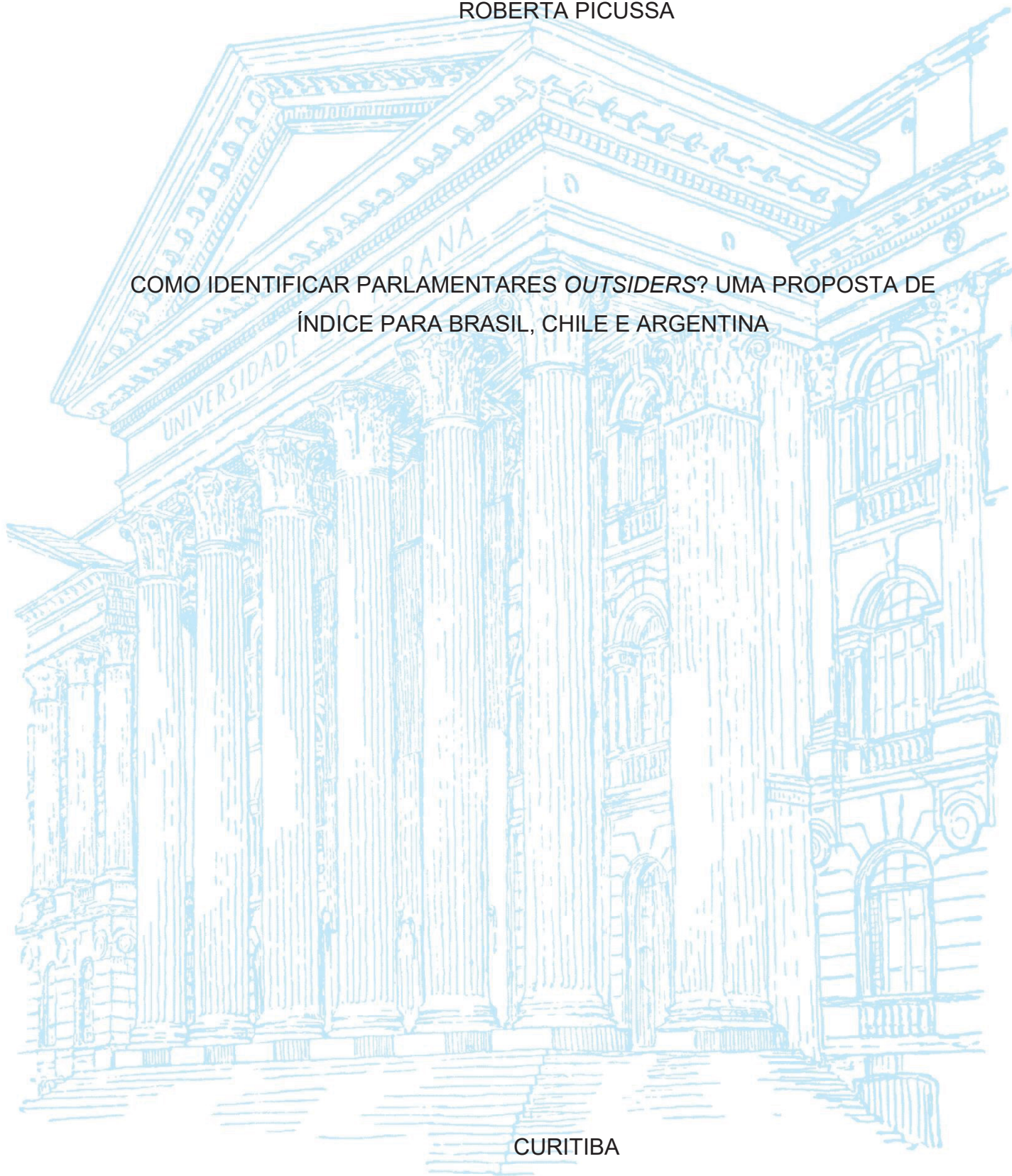
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROBERTA PICUSSA

COMO IDENTIFICAR PARLAMENTARES *OUTSIDERS*? UMA PROPOSTA DE
ÍNDICE PARA BRASIL, CHILE E ARGENTINA

CURITIBA

2024



ROBERTA PICUSSA

COMO IDENTIFICAR PARLAMENTARES *OUTSIDERS*? UMA PROPOSTA DE
ÍNDICE PARA BRASIL, CHILE E ARGENTINA

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em
Ciência Política, Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência
Política.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Nervo Codato

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Picussa, Roberta

Como identificar parlamentares outsiders? : uma proposta de índice para Brasil, Chile e Argentina. / Roberta Picussa. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Nervo Codato.

1. Partidos políticos. 2. Presidentes - Brasil - Eleições. 3. Presidentes – Argentina – Eleições. 4. Presidentes – Chile – Eleições. I. Codato, Adriano Nervo, 1965-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIA POLÍTICA -
40001016061P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CIÊNCIA POLÍTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de ROBERTA PICUSSA intitulada: *Como identificar parlamentares outsiders? Uma proposta de índice para Brasil, Chile e Argentina, sob orientação do Prof. Dr. ADRIANO NERVO CODATO*, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

28/08/2024 14:16:28.0

ADRIANO NERVO CODATO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

28/08/2024 10:41:30.0

EMERSON URIZZI CERVI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

28/08/2024 10:46:27.0

BASTIÁN GONZÁLEZ-BUSTAMANTE

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE LEIDEN)

Assinatura Eletrônica

28/08/2024 17:43:55.0

DANUSA MARQUES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

Assinatura Eletrônica

29/08/2024 10:57:53.0

GLAUCO PERES DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

AGRADECIMENTOS

Esta é uma tese de doutorado e aqui quero deixar meus agradecimentos às pessoas que contribuíram diretamente para a sua elaboração.

Em primeiro lugar, agradeço ao professor Adriano Codato, um orientador exemplar, dedicado, exigente, encorajador e amigo, com quem pude contar em todos os momentos do doutorado.

Agradeço aos colegas e amigos do grupo de pesquisa Latino Elites: Nilton Sainz, Gabryela Gabriel, Maiane Bittencourt, Mariana Lorencetti e Juan Suhurt, que contribuíram com ideias e análises sobre o meu objeto de pesquisa e possibilitaram avanços importantes na tese. Estendo o agradecimento a todos os alunos e alunas participantes do grupo, em especial ao Lucas Montes, que me auxiliou em algumas coletas de dados.

Agradeço ao professor Ednaldo Ribeiro, que sugeriu e testou uma proposta metodológica que se tornou vital para o desenvolvimento da pesquisa: a Teoria de Resposta ao Item. Estendo o agradecimento também ao colega Acácio Telechi, que gentilmente me auxiliou a entender e reproduzir os *scripts* do *software* R, que constituem parte importante desta tese.

Agradeço à colega e amiga Rafaela Dorigo, que gentilmente fez a revisão textual da tese.

Agradeço aos amigos que fiz no doutorado e que tornaram esses quatro anos de estudo mais leves e prazerosos. Nomeio aqui alguns: Fernando Zelinski, Rafael Perich, Breno Pacheco, Diogo Tavares e Geissa Franco.

Agradeço, por fim, a todos os colegas, amigos e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná, que, com seu empenho e excelência, construíram um belo legado e contribuíram para fazer deste Programa um dos mais conceituados. É um grande orgulho fazer parte desta comunidade de cientistas políticos tão inteligentes, profissionais, sagazes e inovadores.

RESUMO

As eleições gerais ocorridas no Brasil (2018), Chile (2021) e Argentina (2023) elegeram Presidentes que guardam uma característica em comum: pertenciam a partidos novos ou marginais de seus países e derrotaram os candidatos dos partidos tradicionais. A eleição de presidentes *outsiders*, ou com atributos de *outsiders*, isto é, aqueles que concorrem por partidos recém-fundados ou marginais ao sistema partidário, têm pouca ou nenhuma experiência na política profissional, e utilizam um discurso *anti-establishment* político, tem sido estudada pela literatura desde os anos 1990. Países como o Peru, Bolívia e Venezuela testemunharam esse fenômeno nos anos 1990. Já nos anos 2010, países que gozavam de democracias mais consolidadas também experimentaram esse fenômeno, como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, e de Emmanuel Macron na França. Os estudos sobre políticos *outsiders* são abordados por perspectivas diversas, como, por exemplo: os desenhos institucionais que incentivam a eleição de *outsiders*; os impactos que a eleição deles têm nas instituições; o comportamento do eleitorado frente a estes candidatos, e o papel dos partidos na concretização deste fenômeno. Entretanto, um aspecto pouquíssimo abordado é sobre a entrada de *outsiders* nos parlamentos. Esta tese pretende investigar se junto à eleição de Presidentes com atributos de *outsiders*, chamados de Rebeldes pela literatura, elegem-se também *outsiders* nas Câmaras Baixas de seus países, provocando uma renovação parlamentar caracterizada por deputados e deputadas com pouca ou nenhuma experiência política e pouco envolvimento com os partidos estabelecidos. Para atingir esse objetivo, foi necessário desenvolver um método para a classificação dos parlamentares como *outsiders*, que chamamos de Índice de *Outsiderismo*. Para fazer a mensuração, foram coletadas informações sobre os atributos políticos dos deputados e deputadas que foram eleitos para um cargo eletivo pela primeira vez: deputados e deputadas novatos, no Brasil, nos anos de 2018 e 2022, no Chile, em 2017 e 2021 e na Argentina, em 2019 e 2023. Após coletar informações sobre a vida pregressa destes parlamentares, no que se refere às suas experiências políticas e suas relações com os partidos políticos, desenvolveu-se o Índice de *Outsiderismo* utilizando a Teoria de Resposta ao Item. Os resultados mostraram que parlamentares *outsiders* possuem atributos diferentes em cada país. No Brasil e na Argentina, os atributos que mais discriminam quem são os e as *outsiders*, dentre os novatos e novatas, são a ausência de experiência em cargos no Poder Executivo e de Secretário/Ministro. Já no Chile, é o não pertencimento a partidos políticos. Também foi possível verificar que uma proporção maior de deputados(as) novatos(as) foi eleito(a) junto aos presidentes com atributos de *outsider*. Além disso, o Índice de *outsiderismo* aferiu que os parlamentares eleitos junto a esses presidentes tinham um grau maior de *outsider*, em comparação aos parlamentares que se elegeram junto a um presidente do *establishment* político. Exemplos de graus extremos de *outsiderismo* foram apresentados para demonstrar o contraste existente entre parlamentares novatos(as) que têm fortes ligações com o ambiente político, daqueles que são completos *outsiders* na política. O arcabouço institucional de cada país, além de seus contextos políticos, foi abordado para ajudar a compreender a particularidade dos perfis de parlamentares *outsiders* em cada um deles.

Palavras-chave: políticos *outsiders*; experiência política; *anti-establishment* político; teoria de resposta ao item e; partidos políticos.

ABSTRACT

General elections in Brazil (2018), Chile (2021), and Argentina (2023) elected Presidents who share a common characteristic: they belonged to new or marginal parties in their countries and defeated candidates from traditional parties. The election of outsider presidents, or those with outsider attributes, that is, those who run for recently founded or marginal parties to the party system, have little or no experience in professional politics, and use anti-establishment rhetoric, has been studied in the literature since the 1990s. Countries like Peru, Bolivia, and Venezuela witnessed this phenomenon in the 1990s. In the 2010s, countries with more consolidated democracies also experienced this phenomenon, such as the election of Donald Trump in the United States of America and Emmanuel Macron in France. Studies on outsider politicians are approached from various perspectives, such as: the institutional factors that contribute to the election of outsiders; the impacts their election has on institutions; the behavior of the electorate towards these candidates; and the role of political parties in the realization of this phenomenon. However, a scarcely addressed aspect is the entry of outsiders into parliaments. This thesis aims to investigate whether, along with the election of Presidents with outsider attributes, referred to as Rebels in the literature, outsiders are also elected to the Lower Houses of their countries, leading to a parliamentary renewal characterized by representatives with little or no experience in politics and minimal involvement with established parties. To achieve this goal, it was necessary to develop a method for classifying legislators as outsiders, which we call the Outsiderism Index. To measure this, information was collected on the political attributes of representatives who had been elected to an office for the first time, thus, novice representatives, in Brazil in 2018 and 2022, in Chile in 2017 and 2021, and in Argentina in 2019 and 2023. After collecting information on these legislators' backgrounds, particularly regarding their political experiences and their relationship with political parties, we developed the Outsiderism Index using Item Response Theory. Our results showed that outsider legislators have different attributes in each country. In Brazil and Argentina, the attributes that most distinguish outsiders among the newcomers are the lack of experience in Executive Branch positions. In Chile, it is the non-affiliation with political parties. It was also possible to verify that a larger proportion of novice representatives were elected along with presidents with outsider attributes. Furthermore, the Outsiderism Index found that parliamentarians elected alongside these presidents had a higher degree of outsiderism, compared to parliamentarians who were elected alongside a president from the political establishment. Examples of extreme degrees of outsiderism were presented to demonstrate the contrast between novice legislators with strong ties to the political environment and those who are complete outsiders in politics. The institutional framework of each country, along with their political contexts, were addressed to help understand the particularities of the profiles of outsider legislators in each country.

Keywords: outsider politicians; political experience; anti-establishment politics; item response theory; political parties.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O TRIÂNGULO ANTIPOLÍTICO.....	29
FIGURA 2 – TIPOLOGIA DE CANDIDATOS PRESIDENCIAIS.....	31
FIGURA 3 – FLUXOGRAMA PRISMA.....	34
FIGURA 4 – NÚMERO DE PARTIDOS E ALIANÇAS QUE COMPETEM POR BANCADAS DE DEPUTADOS NACIONAIS (1983-2017).....	107
FIGURA 5 – GRÁFICO DA SÉRIE TEMPORAL DO <i>SURVEY</i> DO LATINO BARÔMETRO SOBRE CONFIANÇA NO CONGRESSO.....	133
FIGURA 6 – GRÁFICO DA SÉRIE TEMPORAL DO <i>SURVEY</i> DO LATINO BARÔMETRO SOBRE CONFIANÇA NO PRESIDENTE.....	133
FIGURA 7 – GRÁFICO DA SÉRIE TEMPORAL DO <i>SURVEY</i> DO LATINO BARÔMETRO SOBRE CONFIANÇA NOS PARTDOS POLÍTICOS..	134

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CRITÉRIO PARA A SELEÇÃO DOS TEXTOS DE INTERESSE NA SCOPUS E WEB OF SCIENCE.....	33
QUADRO 2 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM INSTITUIÇÕES E EM CONTEXTOS HISTÓRICO-POLÍTICOS	37
QUADRO 3 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM PARTIDOS.....	39
QUADRO 4 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM COMPORTAMENTO DO ELEITORADO.....	41
QUADRO 5 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM RETÓRICA DOS ATORES POLÍTICOS.....	43
QUADRO 6 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM ESTRATÉGIAS CONCEITUAIS.....	44
QUADRO 7 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM PERFIL DE ELITES POLÍTICAS.....	46
QUADRO 8 – DEFINIÇÕES DO CONCEITO DE OUTSIDERS POLÍTICOS PRESENTES NA LITERATURA ANALISADA.....	48
QUADRO 9 – RESULTADOS OBTIDOS NA ANÁLISE DO CORPUS DE ARTIGOS UTILIZANDO A FICHA DE LEITURA.....	50
QUADRO 10 – CLASSIFICAÇÃO DOS PRESIDENTES DE BRASIL, CHILE E ARGENTINA DE ACORDO COM A TIPOLOGIA DE CARRERAS..	57
QUADRO 11 – ESCALA DE OUTSIDERISMO PARA PARLAMENTARES DAS CÂMARAS BAIXAS.....	62
QUADRO 12 – VARIÁVEIS QUE COMPÕE O ÍNDICE DE OUTSIDERISMO.....	66
QUADRO 13 – DEFINIÇÃO DA TIPOLOGIA DOS PARTIDOS.....	70
QUADRO 14 – CLASSIFICAÇÃO DOS PARTIDOS BRASILEIROS POR TIPO E IDEOLOGIA.....	77
QUADRO 15 – CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA BRASIL (2018).....	81
QUADRO 16 – CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA BRASIL, 2022.....	84

QUADRO 17 – CLASSIFICAÇÃO DOS PARTIDOS CHILENOS POR IDEOLOGIA E TIPOLOGIA.....	94
QUADRO 18 - CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA CHILE, 2017.....	97
QUADRO 19 - CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA CHILE, 2021.....	98
QUADRO 20 – CLASIFICAÇÃO DOS PARTIDOS E BLOCOS ARGENTINOS POR ELEIÇÃO, IDEOLOGIA E TIPO.....	106
QUADRO 21 – CASOS EXTREMOS (MÍNIMO E MÁXIMO) DE GRAU DE OUTSIDERISMO, ARGENTINA.....	113
QUADRO 22 – CASOS EXTREMOS (MÍNIMO E MÁXIMO) DE GRAU DE OUTSIDERISMO, ARGENTINA, 2023.....	113
QUADRO 23 – GRAU DE <i>OUTSIDER</i> , ARGENTINA, ELEIÇÕES DE 2019 E 2021.....	135
QUADRO 24 - GRAU DE <i>OUTSIDER</i> - ARGENTINA, ELEIÇÃO DE 2023.....	138
QUADRO 25 - GRAU DE <i>OUTSIDER</i> - BRASIL, ELEIÇÃO DE 2018.....	140
QUADRO 26 - GRAU DE <i>OUTSIDER</i> - BRASIL, ELEIÇÃO DE 2022.....	144
QUADRO 27 - GRAU DE <i>OUTSIDER</i> - CHILE, ELEIÇÃO DE 2017.....	146
QUADRO 28 - GRAU DE <i>OUTSIDER</i> - CHILE, ELEIÇÃO DE 2021.....	148

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CAPACIDADE DE DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS DO MODELO DE OUTSIDERISMO, BRASIL.....	75
TABELA 2 – NÚMERO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS FEDERAIS NOVATOS(AS) POR ELEIÇÃO E POR GÊNERO.....	76
TABELA 3 – GRAU DE OUTSIDERISMO PARA DEPUTADOS E DEPUTADAS FEDERAIS, BRASIL.....	76
TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS FEDERAIS NOVATOS POR TIPO DE PARTIDO, BRASIL.....	79
TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS FEDERAIS NOVATOS POR IDEOLOGIA DO PARTIDO, BRASIL.....	80
TABELA 6 – DEPUTADOS E DEPUTADAS NOVATAS ELEITAS NO CHILE.....	91
TABELA 7 – CAPACIDADE DE DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS DO MODELO DE <i>OUTSIDERISMO</i>	92
TABELA 8 – ESTATÍSTICAS DO ÍNDICE DE OUTSIDER PARA DEPUTADOS E DEPUTADAS DE CHILE.....	93
TABELA 9 – DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS NOVATOS POR TIPO DE PARTIDO, CHILE.....	95
TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADOS(AS) NOVATOS(AS) POR IDEOLOGIA DO PARTIDO OU LISTA, CHILE.....	96
TABELA 11 – NÚMERO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS NACIONAIS NOVATOS(AS) POR ELEIÇÃO E POR GÊNERO.....	107
TABELA 12 – NÚMERO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS NACIONAIS NOVATOS(AS) POR ELEIÇÃO E POR GÊNERO.....	108
TABELA 13 – CAPACIDADE DE DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS DO MODELO DE <i>OUTSIDERISMO</i> , ARGENTINA.....	110
TABELA 14 – GRAU DE <i>OUTSIDERISMO</i> PARA DEPUTADOS E DEPUTADAS NACIONAIS, ARGENTINA.....	110
TABELA 15 – MÉDIA DO GRAU DE OUTSIDERISMO POR TIPO DE PARTIDO/BLOCO PARTIDÁRIO ARGENTINA.....	111
TABELA 16 – GRAU DE <i>OUTSIDERISMO</i> POR IDEOLOGIA DO PARTIDO/ BLOCO PARTIDÁRIO, ARGENTINA.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AfD	<i>Alternative for German</i>
CABA	<i>Ciudad Autónoma Buenos Aires</i>
CFI	<i>Comparative Fit Index</i>
DEM	Democratas
EUA	Estados Unidos da América
FEFC	Fundo Especial de Financiamento de Campanha
FP	Fundo Partidário
FLI	<i>Futuro e Libertà per l'Italia</i>
FPö	<i>Freedom Party of Austria</i>
LLA	<i>La Libertad Avanza</i>
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer e mais denominações
MBL	Movimento Brasil Livre
MORENA	<i>Movimiento Regeneración Nacional</i>
M5S	<i>Movimento Cinque Stelle</i>
PASO	<i>Primárias, Abertas, Simultâneas e Obrigatórias</i>
PDL	<i>Popolo della Libertà</i>
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido Movimento Democrático Brasileiro
PR	Partido da República
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PRD	Partido da Revolução Democrática
PRO	Proposta Republicana
PPS	Partido Popular Socialista
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
RMSEA	<i>Root mean-square error of approximation</i>
SRMSR	<i>Standardized Root Mean Square Residual</i>

TSE	Tribunal Superior Eleitoral
TRI	Teoria da Resposta ao Item
UF	Unidade da Federação
UCR	União Cívica Radical

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA	22
1.2 OBJETIVOS	22
1.2.1 Objetivo geral	22
1.2.2 Objetivos específicos.....	22
1.3 JUSTIFICATIVA	24
1.4 ESTRUTURA DA TESE	25
2 REVISÃO DE LITERATURA	26
2.1 REVISÃO DE ESCOPO: COMO A CIÊNCIA POLÍTICA ABORDA O FENÔMENOS DOS OUTSIDERS.....	26
2.1.1 <i>Outsiders</i> na política: por onde começar	27
2.1.2 Metodologia para a seleção dos documentos da revisão.....	31
2.1.3 Resultados da pesquisa nas Bases Indexadoras	35
2.1.4 DISCUSSÃO	51
2.1.5 Por que presidentes <i>outsiders</i> e <i>rebeldes</i> têm sucesso eleitoral e qual o impacto da eleição deles nas instituições políticas?	54
2.1.6 Resumo do capítulo.....	56
3 MATERIAIS E MÉTODOS	57
3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA.....	57
3.1.1 Parlamentares	57
3.1.2 Classificação dos Presidentes.....	57
3.2 ESCALA E ÍNDICE DE <i>OUTSIDERISMO</i> : OPERACIONALIZANDO O CONCEITO DE <i>OUTSIDER</i> NA POLÍTICA.....	58
3.2.1 Variáveis coletadas para a construção do Índice de <i>Outsiderismo</i>	64
3.3 USO DA TEORIA DA RESPOSTA AO ITEM (TRI) PARA A MENSURAÇÃO DO TRAÇO LATENTE DO <i>OUTSIDER</i> POLÍTICO	67
3.4 TIPOS DE PARTIDO.....	70
4 BRASIL – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71
4.1 BRASIL: A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO E A ONDA DA REJEIÇÃO DA CLASSE POLÍTICA EM 2018.....	71
4.2 AS ELEIÇÕES DE 2022 E O RETORNO DO PRESIDENTE LULA PARA UM TERCEIRO MANDATO	73

4.3 RESULTADO DA APLICAÇÃO DO ÍNDICE DE <i>OUTSIDERISMO</i>	75
5 CHILE – RESULTADOS E DISCUSSÃO	87
5.1 REFORMAS NAS LEGISLAÇÕES ELEITORAL E PARTIDÁRIA DO CHILE E A ELEIÇÃO DE SEBASTIAN PIÑERA	87
5.2 A EXPLOÇÃO SOCIAL NO CHILE, NOVAS PROPOSTAS DE MUDANÇA POLÍTICA E A ELEIÇÃO DE BORIC	88
5.3 RESULTADO DA APLICAÇÃO DO ÍNDICE DE <i>OUTSIDERISMO</i>	91
6 ARGENTINA – RESULTADOS E DISCUSSÃO	101
6.1 A ELEIÇÃO DE ALBERTO FERNANDEZ E O AGRAVAMENTO DA CRISE FINANCEIRA E POLÍTICA DA ARGENTINA	101
6.2 A REJEIÇÃO DA CLASSE POLÍTICA ARGENTINA E A VITÓRIA DE JAVIER MILEI	103
6.3 CLASSIFICAÇÃO DE PARTIDOS, BLOCOS E COLIGAÇÕES.....	104
6.4 APLICAÇÃO DO ÍNDICE DE <i>OUTSIDERISMO</i>	107
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE 1 – GRÁFICOS SOBRE CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES DE BRASIL, ARGENTINA E CHILE.....	133
APÊNDICE 2 – QUADROS COM OS GRAUS DE <i>OUTSIDERISMO</i> PARA OS DEPUTADOS E DEPUTADAS NOVATAS.....	135

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa sobre um tipo de perfil político que tem se tornado cada vez mais comum no Brasil e em outras partes do mundo: o político *outsider*. *Outsider* é um termo em inglês que descreve alguém que não pertence a um determinado lugar ou grupo. O protagonismo que estes políticos *outsiders* têm tido na última década incentivou a investigá-los enquanto um fenômeno político.

Contextualizando o problema, dois cientistas políticos (Levitsky; Ziblatt, 2018) escreveram um livro emblemático sobre as condições políticas que levam à derrocada das democracias contemporâneas. Em regimes democráticos que sucumbiram ao autoritarismo, os protagonistas foram líderes políticos *outsiders* que conseguiram espaço entre os partidos tradicionais para ascender à Presidência pela via eleitoral, como o ex-presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, que foi eleito em 2016.

Esse fenômeno não é novo. Há três décadas, nos anos 1990, a América colecionava exemplos de presidentes *outsiders*: Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, Fernando Lugo no Paraguai e Alberto Fujimori no Peru são alguns exemplos de lideranças políticas surgidas fora dos partidos tradicionais e que ascenderam ao cargo utilizando como retórica eleitoral a crítica ao *establishment* político. Mais recentemente, na França, Emmanuel Macron venceu as eleições presidenciais em 2017, por meio de um partido fundado especialmente para viabilizar sua candidatura, o *Le Republique En Marché!*, sem nunca ter disputado eleições anteriormente, embora já tivesse ocupado o cargo de Ministro de Estado. Em 2022 a disputa presidencial ficou novamente entre Macron e Marine Le Pen, o primeiro, membro de um partido recém-criado e, a segunda, de um partido antigo, porém marginal ao sistema, o *Front National*. Já os partidos tradicionais da Quinta República Francesa, que se alternaram no poder dos anos 1960 até 2017, alcançaram juntos apenas 11% dos votos.

Outro *outsider* que ganhou imenso destaque na mídia foi Volodymyr Zelensky. Antes de sua eleição em 2019, Zelensky era comediante, roteirista e diretor de TV sem qualquer experiência política. Ele ficou muito popular ao interpretar em um programa de humor um cidadão indignado contra a corrupção que se torna Presidente do país. Em 2019, ele disputou a presidência com outros 44 candidatos. No primeiro turno, apenas quatro conseguiram conquistar mais de 10% dos votos. Zelensky teve

30,4%, seguido pelo então Presidente da Ucrânia, Petro Poroshenko (16%), com quem disputou o segundo turno. O estreante superou adversários com larga experiência política concorrendo pelo recém-fundado partido “Servo do Povo”, mesmo nome do show de TV que estrelava. Yulia Tymoshenko, então deputada e ex-primeira-ministra da Ucrânia, teve menos da metade dos seus votos (13,4%), e Yuriy Boyko, deputado e ex-ministro de combustíveis e energia do país, 11,6%. No segundo turno, Zelensky bateu Poroshenko, um bilionário ex-ministro de dois governos anteriores e líder do partido Solidariedade, com mais de 73% dos votos (Figus; Alberti; De Serio, 2020). Com esta vitória, o ucraniano entrou para o rol de presidentes *outsiders* da nova onda das democracias.

Além destes casos mais emblemáticos, na Europa, desde meados dos anos 1990 até recentemente, surgiram pelos países novos movimentos e partidos com retórica *anti-establishment* político, que obtiveram rápido crescimento eleitoral: *Lega Nord*, *Forza Italia*, *PDL (Popolo della Libertà)*, *FLI (Futuro e Libertà per l'Italia)* e *M5S (Movimento Cinque Stelle)* na Itália; *Podemos*, na Espanha; *List Pim Fortuyn* e *Freedom Party*, na Holanda; *Civic Platform*, *Law and Justice*, *self-defense* e *League of the polish families*, na Polónia; *UK Independence Party* e *British National Party*, no Reino Unido; *Freedom Party of Austria - FPÖ*, na Áustria, *Syriza* na Grécia; e *AfD (Alternative for German)*, na Alemanha. São exemplos de partidos à esquerda e à direita, que pregam (ou já pregaram) soluções radicais para os problemas sociais de seus países, promovem uma crítica exacerbada à classe política e às suas soluções insatisfatórias, reforçando uma dicotomia de Elite política versus Povo.

Mas o que esses líderes e partidos têm em comum? Qual seria o denominador comum que os caracterizaria como *outsiders*?

Voltando à obra de Levitsky e Ziblatt (2018), os autores não definiram categoricamente porque chamavam Trump e outros líderes de *outsiders*. Em um dado momento, mencionam que Trump nunca ocupou um cargo público anteriormente, referindo-se, portanto, à ausência de uma experiência profissional de Trump na política. Outros líderes *outsiders* mencionados, também não recebem uma definição clara do motivo pelo qual são chamados assim. Hugo Chavez, por exemplo, foi chamado de *outsider* e descrito como um líder que atacava a elite governante de seu país, supostamente corrupta. Mais adiante, ressaltam que antes de se eleger, Chávez era um oficial de baixa patente sem experiência em cargos públicos. Ao longo da obra, outros adjetivos vão aparecendo para descrever *outsiders*: “populistas”, “autocratas

em construção”, “demagogos”, “autoritários” etc. Chama-se a atenção para essa interlocução entre os adjetivos e falta de precisão na definição do *outsider* não para criticar os autores da obra, mas para ilustrar um problema que percebemos ser comum a diversas obras: não há um rigor conceitual para caracterizar políticos *outsiders*. Muitos autores utilizam o termo como se o seu significado fosse dado ou óbvio. Outro problema é que, com frequência, o termo *outsider* é usado para descrever características que não se referem apenas à condição de ser um forasteiro na cena política, mas se mistura a outros fenômenos que são preocupantes, que se relacionam à ascensão ao poder de líderes que desprezam as regras democráticas, as convenções políticas e sociais, invocando um discurso *anti-establishment* político. Embora haja na Ciência Política alguns estudos que tratam do conceito *outsider*, ele não é totalmente consensual no campo, conforme fica evidenciado na revisão de literatura.

Além disso, ser um político *outsider* não é um fenômeno restrito aos Presidentes, pois os *outsiders* podem vir aos montes através das eleições ao parlamento. A vitória de um presidente *outsider* pode, inclusive, estar vinculada à eleição de parlamentares *outsiders* que sigam o seu estilo de retórica e de governo, conforme é mostrado ao longo da tese.

Para ilustrar, a Eleição de 2018 no Brasil levou à Câmara Federal mais de 100 parlamentares novatos na política, eleitos em um processo eleitoral muito particular, em que um partido pequeno e pouco competitivo, o Partido Social Liberal (PSL), desbancou os partidos tradicionais, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), na disputa presidencial, levando à Presidência Jair Bolsonaro, um candidato “azarão”, que mesmo detentor de uma carreira longa como parlamentar, vociferava que era o candidato contra o sistema político e que iria “acabar com tudo isso que tá aí”. Com um discurso *anti-establishment* político, junto a uma promessa de políticas econômicas neoliberais e, ao mesmo tempo, falas carregadas de cunho religioso e conservador, como o *slogan* “Deus, pátria e família”, Bolsonaro venceu a eleição elevando o número de cadeiras do PSL de 1 para 52 na Câmara dos Deputados, junto a outros *outsiders* que o cercavam.

Diante das deputadas e deputados eleitos em 2018, para aferir a qualidade do capital político deles e conhecer quais tipos de representantes foram eleitos no conjunto dos novatos, era preciso identificar quem eram esses deputados(as) e pensar em como caracterizá-los enquanto *outsiders* na política. Mas se definir um

presidente como *outsider* já pode ser problemático, como tratar dessa questão no Legislativo, em que se espera uma presença maior de novatos na política?

É nesse ponto que começa a jornada desta tese, com a primeira tarefa de buscar na literatura como a Ciência Política aborda o fenômeno dos *outsiders* e as bases para classificar políticos como tal. Essa tarefa está posta no Capítulo 2 da tese, em que é apresentada uma revisão de escopo sobre *outsiders* na política e discute-se de que maneiras o conceito de *outsider* pode ser operacionalizado.

Posteriormente, foram estabelecidas as bases para a identificação e classificação de parlamentares como *outsiders*, utilizando também conceitos do campo de estudo sobre carreiras políticas e políticos profissionais. Em seguida, é operacionalizada a classificação de parlamentares *outsiders* por meio da criação do *Índice de Outsiderismo*, índice desenvolvido para medir o grau de *outsidersimo* de um parlamentar, isto é, o quão *outsider* ele(a) é, que é a principal inovação desta tese para o campo da Ciência Política. A explicação sobre o desenvolvimento e aplicação deste Índice está no Capítulo 3, sobre materiais e métodos.

A definição conceitual de políticos *outsiders* e a proposta metodológica de operacionalização deste conceito através de um índice são os principais objetivos e inovações da tese. Para testar o modelo e ver como ele funciona em diferentes contextos, foram identificados outros países da América Latina em que presidentes com características de *outsiders* tinham sido eleitos recentemente.

O Chile se encaixou nesta comparação: após longa tradição de disputas eleitorais entre coalizões de centro-esquerda e centro-direita, importantes mudanças na legislação que operaram pela primeira vez em 2017, já prospectavam um cenário favorável a novos atores e à fragmentação partidária. O Presidente eleito, Sebastian Piñera, foi uma candidatura independente, mas era também um ex-Presidente, figura já conhecida no panorama político e já testada no cargo. As eleições de 2021, no entanto, foram realizadas na esteira dos grandes protestos de rua ocorridos em 2019 e 2020, que levaram milhões de pessoas às ruas. O segundo turno foi disputado por candidatos que concorreram por partidos recém-fundados. De um lado, José Antônio Kast, candidato da extrema-direita, pelo Partido Republicano, criado em 2019, fruto de uma dissidência do *Unión Demócrata Independiente* e, de outro lado, Gabriel Boric, o vencedor, candidato do partido *Convergencia Social*, fundado em 2018 como resultado da união de diversos novos movimentos políticos.

Além disso, Brasil e Chile têm boas bases para uma comparação: ambos Presidentes são eleitos por maioria dos eleitores, com possibilidade de segundo turno; as eleições presidenciais e legislativas são realizadas simultaneamente nos dois países; as eleições para a Câmara Baixa em ambos os países adotam um sistema eleitoral de lista aberta, em que os partidos podem formar listas partidárias conjuntas para disputar assentos legislativos. Finalmente, os partidos, em ambos os países, precisam de maioria para garantir a presidência.

Em 2023, a vitória de Javier Milei como Presidente da Argentina, alçou o país a mais um caso propício para testar o modelo. A Argentina, por sua vez, tem diferenças importantes em seu sistema eleitoral que dificultam a comparação: a eleição legislativa ocorre a cada dois anos, sendo que uma delas não é simultânea com a eleição para Presidente. Além disso, seu sistema de lista eleitoral é fechado, e o sistema partidário é muito complexo, pois são muitos partidos regionais e nacionais, e as alianças eleitorais e os blocos de governo parecem ter mais importância do que o partido.

Embora não seja objetivo da tese desvendar por que os *outsiders* surgem, ressalta-se que a ascensão deles está conectada a outros fenômenos importantes na agenda da Ciência Política. Além de sua relação com a “morte” das democracias, conforme a obra citada no início da Introdução – e outras que serão tratadas na revisão de literatura, a ascensão de *outsiders* nos países estudados parecem ser fruto de movimentos similares, que, em poucas palavras pode ser definida como um sentimento generalizado de insatisfação da população com os rumos do governo e como eles refletem na qualidade de vida, que se traduz em insatisfação com aqueles que comandam o governo, isto é, a classe política, que, com frequência, é denunciada por corrupção, e transforma a insatisfação em um sentimento de revolta, atingindo os níveis de confiança nas instituições políticas democráticas. Essa revolta acaba por desencadear em movimentos de insurgência popular, que querem mudanças significativas de forma rápida e são capturados por novos partidos e novos líderes que, uma vez no poder, acabam promovendo transformações na operação da dinâmica política e nas políticas públicas de seu país.

Guardadas as devidas proporções e particularidades, essa sequência de movimentos ocorreu também no Chile e na Argentina, além do Brasil. O resultado foi a eleição de três Presidentes que não faziam parte dos partidos tradicionais de seus países: Gabriel Boric (*Convergencia Social*) em 2021, Javier Milei (*La Libertad*

Avanza) em 2023, e Jair Bolsonaro (PSL) em 2018. Com mais ou menos graus de conexão com o universo político, esses três líderes se elegeram na esteira da rejeição dos partidos tradicionais e na onda de uma renovação política em seus países.

A seguir, são apresentados dados do Latinobarômetro dos últimos 20 anos sobre confiança em três instituições centrais nesta tese: Presidentes, Congresso e Partidos Políticos. Os Presidentes e os parlamentares, que formam o Congresso, são os objetos acionados para testar o modelo de operacionalização do conceito de *outsider*. Os partidos políticos representam o *habitat* da classe política estabelecida, e é fora deles que os *outsiders* ganham proeminência.

Nos últimos 20 anos, os dados sobre confiança da população no Congresso atingiram o ápice de desconfiança – quando os respondentes dizem não terem nenhuma confiança na instituição – nos anos anteriores às eleições analisadas nesta tese: Chile, 2020 (52,9%), Argentina¹, 2020 (40,2%), e Brasil, 2017 (60,2%). Após essas eleições, os níveis de desconfiança diminuíram².

Com relação aos dados sobre confiança no Presidente, há um movimento parecido, mas, como os intervalos temporais das pesquisas são maiores, não é possível medir a desconfiança no ano anterior à eleição nos três países. Em 2020, no Chile, a desconfiança foi a maior nos últimos 20 anos, de 53,5%. Na Argentina, da mesma forma, em 2020, chegou a 45,8%, e em 2023, aumentou 1%, enquanto no Chile, a desconfiança caiu para 29,1% em 2023. No Brasil as pesquisas foram feitas em 2013 e novamente em 2020 e 2023, anos que não atingem o momento da ascensão dos *outsiders*, que ocorreu entre 2017 e 2018.

Por fim, com relação aos partidos políticos, o brasileiro chegou ao máximo de sua desconfiança em 2017 (72,4%). Os chilenos, em 2020, (64,9%), e os argentinos vivenciaram o máximo da desconfiança entre os anos de 2001 (79,8%) e 2003 (64,8%), oscilando para baixo na década seguinte, chegando a 31% em 2011, e voltando a crescer até chegar a um novo ápice em 2020 (60,5%). Em todos os casos, após as eleições supracitadas, os níveis de desconfiança baixaram.

¹ Não havia dados sobre a Argentina em 2022 ou 2021.

² Os gráficos completos estão no apêndice.

1.1 PROBLEMA

Uma das instituições impactadas pela eleição de presidentes *outsiders* é o Legislativo. A chegada de grande número de parlamentares *outsiders* junto a presidentes que não têm experiência política prévia ou que têm experiência, mas não fazem parte dos partidos estabelecidos de seus países, pode alterar os padrões de formação de gabinetes ministeriais e de funcionamento das coalizões políticas, impactando o comportamento das instituições como um todo e, também, as políticas públicas do país. Porém, antes de saber quais impactos a atuação de parlamentares *outsiders* pode causar, é preciso identificar quem são eles, o que implica saber diferenciar os *outsiders*, que são novatos no universo político, daqueles que são novatos apenas no Congresso.

Assim, o problema desta pesquisa é de ordem metodológica:

- a) Como discernir novatos no Congresso de novatos na política?
- b) Como operacionalizar o conceito de *outsider* para classificar membros do parlamento como tal?
- c) Como se mensura quão *outsider* são os parlamentares em diferentes contextos?
- d) Há relação entre a eleição de presidentes *outsiders*/rebeldes e de deputados(as) *outsiders*?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é explorar o conceito de *outsider* político e operacionalizá-lo para classificar os membros do Poder Legislativo com tal. O pano de fundo é o efeito das eleições de presidentes *rebeldes* e *outsiders* sobre as Câmaras Baixas do Brasil, Argentina e Chile. Especificamente, a questão é verificar se, juntamente com esses presidentes, foram eleitos mais deputados(as) *outsiders* para o Parlamento, resultando em uma renovação parlamentar caracterizada por deputados e deputadas com pouca experiência política e pouca relação com os partidos estabelecidos.

1.2.2 Objetivos específicos

Para realizar o objetivo geral da tese, a pesquisa precisa cumprir alguns objetivos específicos.

- i) O primeiro deles é compreender como a Ciência Política trata a questão dos *outsiders* na política, e qual a relação deste fenômeno com outros que o circundam ou ocorrem de forma concomitante, como o discurso *anti-establishment* político, o radicalismo político e o populismo.
- ii) A partir dos resultados do primeiro objetivo, estabelecer um conceito de *outsider* na política que possa definir atores políticos como tal. Estes dois objetivos são cumpridos no Capítulo 2, na revisão de literatura;
- iii) O terceiro objetivo é operacionalizar o conceito de *outsider* para que se possa aplicar aos membros do Poder Legislativo, de forma que seja possível mensurar o grau de *outsiderismo* dos parlamentares eleitos pela primeira vez a um cargo político. Essa mensuração é feita através do Índice de *outsiderismo* desenvolvido no âmbito desta pesquisa. Esta etapa é esmiuçada no Capítulo 3, na seção de metodologia.
- iv) O quarto objetivo é verificar qual o número e o grau de *outsiderismo* dos parlamentares novatos eleitos junto a presidentes *rebeldes* e *outsiders*, e, comparar à quantidade e grau de *outsiderismo* dos parlamentares novatos eleitos em processos eleitorais anteriores ou posteriores, em que um presidente do *establishment* político e partidário foi eleito;
- v) A partir da comparação de duas eleições em cada país, e de dois conjuntos de parlamentares novatos eleitos, sendo um grupo eleito junto a presidentes *rebeldes* e *outsiders*, e outro junto a presidentes do *establishment* político, pretende-se argumentar e discutir se a eleição de presidentes *rebeldes* e *outsiders* está conectada à eleição de *outsiders* às Câmaras Baixas.
- vi) Adicionalmente, objetiva-se apresentar mais elementos de cada país para a comparação também entre eles, a fim de verificar como cada contexto específico contribuiu para a eleição de presidentes *rebeldes* e *outsiders*, e o que há em comum e de particular na eleição deles em cada país. Entre os elementos que se pretende abordar estão: sistemas eleitorais e partidários, com foco nas mudanças recentes nas

legislações; contextos histórico-políticos, com destaque para as crises políticas pelas quais passaram na última década, e as respostas dadas pelas Instituições para elas.

Não é objetivo desta tese testar a associação estatística entre a eleição de presidentes *outsiders*/rebeldes e parlamentares *outsiders*. A comparação da quantidade de deputadas e deputados novatos eleitos junto a presidentes *outsiders*/rebeldes foi um ponto de partida para observar e mensurar a ocorrência desse fenômeno, considerando que, em outros estudos publicados, o contexto de crise econômica/política e o sentimento de rejeição da classe política contribuiu para a eleição de *outsiders*.

Também não é objetivo tratar da atuação política dos presidentes e dos deputados e deputadas *outsiders*, ou analisar se eles contribuem para desconstruir as instituições democráticas. Embora muitas obras que abordam *outsiders* tenham este viés, este trabalho se atém à tarefa de identificar e classificar *outsiders* no parlamento, e discutir fatores que, de acordo com a literatura prévia, podem ter contribuído com a eleição deles, como contextos histórico-políticos e o desenho institucional de cada país.

1.3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa empreendida nesta tese justifica-se como uma contribuição ao campo da Ciência Política no esforço de compreender esses novos fenômenos políticos que fazem parte de um movimento de desgaste dos políticos e partidos estabelecidos, estes que sustentaram e organizaram a democracia dos países citados (EUA, França, Brasil, Chile e Argentina) nas últimas décadas. A eleição de *outsiders* pode ser interpretada como um sinal de que as opções ofertadas pela política tradicional, isto é, os políticos com carreira no setor público pertencentes a partidos estabelecidos, estão sendo preteridos por atores vindos de outros campos profissionais, vinculados a partidos pequenos, e, por vezes, detentores de um discurso radical, demagogo, e, também, à representantes da extrema-direita.

Conforme o próximo capítulo, a eleição de *outsiders* é, em geral, tratada junto a outros fenômenos políticos, e a especificidade do político *outsider* por vezes é ofuscada por outros conceitos ou problemas de pesquisa. Esta tese se justifica por

analisar as especificidades do fenômeno e por propor um método inédito e inovador para classificar deputados e deputadas *outsiders*.

1.4 ESTRUTURA DA TESE

A tese está estruturada da seguinte maneira: no Capítulo 2, é realizada uma revisão de literatura detalhada, em que são explorados os diferentes conceitos e abordagens teóricas em torno do fenômeno dos *outsiders* na política, discutindo-se a ausência de um consenso claro na definição desses atores políticos e propondo uma base conceitual para sua identificação e classificação.

No Capítulo 3, a tese se concentra em descrever os materiais e métodos utilizados para operacionalizar o conceito de *outsiders* no contexto do Poder Legislativo. É detalhado o desenvolvimento do Índice de *Outsiderismo*, um instrumento metodológico inovador, aplicado para medir o grau de *outsiderismo* de parlamentares eleitos em três países latino-americanos.

Os Capítulos 4, 5 e 6 são dedicados à aplicação desse índice nos contextos específicos do Brasil, Chile e Argentina, respectivamente, onde são apresentados e discutidos os resultados das análises realizadas para cada um desses países, comparando as características dos parlamentares novatos com base em suas experiências políticas e afiliações partidárias. Por fim, o Capítulo 7 apresenta as conclusões da tese.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 REVISÃO DE ESCOPO: COMO A CIÊNCIA POLÍTICA ABORDA O FENÔMENO DOS OUTSIDERS

Outsider é um termo da língua inglesa utilizado para caracterizar alguém que não pertence a um determinado lugar ou grupo. Ser *outsider* é ser de fora, um forasteiro, um estranho em relação a um lugar ou grupo específico. No contexto da Ciência Política o uso do termo *outsider* para designar figuras políticas é usado de diferentes formas. Alguns dos chamados *outsiders* não tinham nenhuma experiência política antes de se elegerem, outros tinham alguma experiência, mas não tinham vínculos com os partidos tradicionais. Muitos – se não todos - destes líderes *outsiders* que obtiveram sucesso em eleições são caracterizados pelo tipo de discurso que propagam e não pela localização em relação ao sistema partidário (Barr, 2009). Isso significa que os observadores tendem a dar mais ênfase para a questão de que esses atores têm um discurso crítico à classe política, e por isso são classificados como *anti-establishment* (Schedler, 1996) e/ou populistas, sendo que esta questão ganha mais proeminência do que a análise exclusiva sobre se esses atores são novatos ou não em relação à dinâmica política tradicional (Carreras, 2012).

Para entender os motivos dessa indefinição, o objetivo deste Capítulo é realizar uma revisão bibliográfica de escopo sobre *outsiders* na política. As principais questões que se pretende responder são:

Q1) Como a literatura aborda o fenômeno político dos *outsiders*?

Q2) Há uma definição consensual de *outsiders* políticos?

Q3) É possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do Executivo, quanto do Legislativo?

A motivação para empreender tal revisão é contribuir promovendo uma intersecção entre duas agendas de pesquisa na Ciência Política. A primeira é a que investiga os motivos pelos quais diversos países têm “virado as costas” para a classe política e para os partidos tradicionais, e têm preferido eleger atores estranhos à política. Esses líderes, em geral, possuem um forte discurso de crítica ao *status quo*, tendências autoritárias e populistas. Exemplos emblemáticos dessa discussão são as obras de Levitsky e Ziblatt (2018) e Norris e Inglehart (2019).

Enquanto essas obras icônicas procuram fornecer uma discussão ampla e, ao mesmo tempo, profunda das mudanças sociais, econômicas e políticas que favorecem a ascensão de *outsiders* ao cargo de Presidente, elas se preocupam menos em conceituar o que caracteriza o *outsider* enquanto ator político. Esse tipo de discussão importa a outra agenda de pesquisa, sobre o perfil das elites políticas e, mais especificamente, os padrões de carreira na política e a profissionalização dos políticos (Lorencetti, 2024; Vercesi, 2018). Este trabalho pretende conceituar e identificar um *outsider* político. Sendo ele o presidente da maior democracia do mundo ou um membro do parlamento nacional de uma democracia qualquer, como identificá-lo e caracterizá-lo de acordo com a literatura?

A revisão está desenhada da seguinte forma: a seção seguinte apresenta o estado da arte da literatura sobre políticos *outsiders*. Em seguida, são apresentados os materiais e os métodos utilizados no desenvolvimento da revisão. Em resultados, os principais achados da pesquisa mostram quais temas o fenômeno dos *outsiders* políticos está mais atrelado, como o discurso *anti-establishment* e o populismo. Na sequência, a seção de discussão enfatiza o debate acerca das questões de pesquisa levantadas, e os problemas e desafios das definições encontradas de políticos *outsiders*. Por fim, é apresentada uma proposta de definição de políticos *outsiders*.

2.1.1 *Outsiders* na política: por onde começar

A literatura sobre políticos *outsiders* está em sua grande maioria escrita na língua inglesa ou espanhola. Até o início de 2021, eram pouquíssimos os trabalhos que tratavam deste tema no Brasil, ou que estivessem traduzidos para o português. Os poucos estudos publicados (Marenco, 1997; Oliveira *et al.*, 2019; Paiva; Alves, 2020) analisam casos empíricos de alguns atores *outsiders* na política brasileira, mas sem oferecer uma discussão teórica robusta sobre o termo e seu significado para o sistema político.

As principais obras que tratam de *outsiders* na arena política (Kenney, 1998; Barr, 2009; Carreras, 2012) exploram seus sucessos em disputas presidenciais. Esses estudos se destacam por discutir a definição mais adequada de *outsider* e, em todos os casos, os autores identificaram diferentes tipos de *outsiders*.

Os *outsiders*, enquanto atores políticos, são muitas vezes caracterizados como populistas ou *anti-establishment*. Kenney (1998) vislumbrou a necessidade de definir

duas dimensões das relações dos políticos com os sistemas partidários: classificá-los como *outsiders* (de fora) ou *insiders* (de dentro), dependendo de sua origem *vis-à-vis* o sistema partidário, e como antipartido ou tolerante a partidos, dependendo de seu discurso sobre o sistema partidário. Dessa forma, *outsiders* seriam aqueles líderes que ganharam proeminência fora do sistema partidário nacional, enquanto *insiders* seriam aqueles que ganharam destaque dentro do sistema partidário, mesmo que posteriormente tenham rompido com seus antigos partidos e criado novos.

Em relação ao discurso, Kenney considera como antipartidos aqueles líderes que rejeitam os partidos estabelecidos e a política partidária, e como tolerante a partidos aqueles que reconhecem os partidos como organizações essenciais à política democrática. A partir destas classificações, Kenney identificou quatro categorias diferentes de agentes: 1) *outsider* e antipartido; 2) *outsider* e tolerante a partidos; 3) *insider* e antipartido; e 4) *insider* e tolerante a partidos.

Da mesma forma, diante da indiferenciação conceitual de três fenômenos que costumeiramente são tratados nos estudos de forma conjunta (*outsiders* na política, populismo e políticos *anti-establishment*), Barr (2009) propôs novas ferramentas analíticas para diferenciar os três fenômenos, baseado em três fatores-chaves: os *apelos* utilizados pelos atores para construir apoio, a *localização* dos atores políticos com relação ao sistema partidário e os *vínculos* entre cidadãos e políticos.

Para Barr, os *outsiders* devem ser assim caracterizados a partir da localização deles *vis-à-vis* o sistema partidário. Deste modo, se um político tradicional (*insider*) é aquele que ganha proeminência dentro dos partidos estabelecidos e competitivos e ajuda a manter o sistema político, um *outsider* é alguém que ganha proeminência fora desses partidos, ou como político independente, ou em associação a partidos novos, ou a partidos que só se tornaram competitivos recentemente. Nesse sentido, partidos pequenos e não-competitivos, mesmo que antigos, não são considerados como parte do sistema partidário estabelecido.

Uma complicação derivada dessa classificação dual (*insider-outsider*) de Barr diz respeito a políticos saídos de partidos tradicionais que abandonam seu partido de origem para formar um novo. Para compreender esse comportamento político, Barr oferece uma categoria intermediária, reconhecendo como Rebelde (*Maverick*) aquele político que cresce em um partido tradicional, mas o deixa para se filiar ou fundar outro novo e concorrer às eleições por ele; ou ainda, aquele que não sai do partido, mas faz uma reestruturação radical nele.

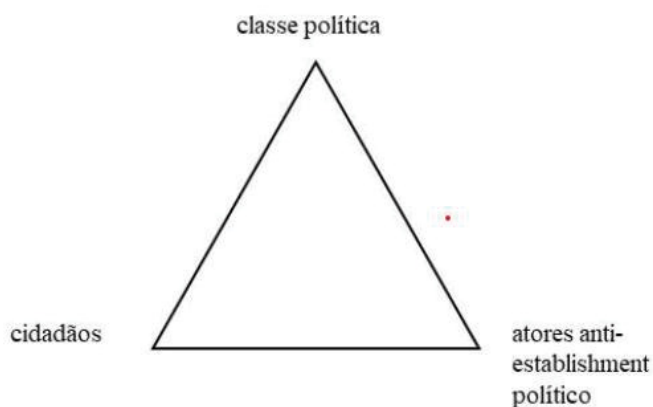
Um exemplo desse tipo de *outsiders rebelde* é o Presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, eleito em 2018. Indivíduo com longa carreira política que rompeu com seu antigo partido (Partido da Revolução Democrática - PRD) e ajudou a fundar em 2014 um novo partido, o *Movimiento Regeneración Nacional (MORENA)*, pelo qual se elegeu a Presidente pela primeira vez em 2018 e derrotou os candidatos dos partidos tradicionais do sistema. Foi a primeira vez desde os anos 1990 que um candidato do Partido da Ação Nacional - PAN ou do Partido Revolucionário Institucional - PRI não venceu as eleições presidenciais.

A definição do *outsider* e do *rebelde* reside exclusivamente na sua localização no sistema partidário. Não tem, portanto, relação com o tipo de discurso usado pelo candidato. É comum, no entanto, que *outsiders* e *rebeldes*, pela posição que ocupam no sistema partidário, usem como apelo eleitoral um discurso *anti-establishment*.

O discurso *anti-establishment* político é aquele direcionado especificamente à crítica da classe política. É uma retórica mais precisa e mais focada do que a do populismo. Essa última implica com mais força o julgamento e a condenação de outras elites, principalmente a econômica. Historicamente, o populismo até pode admitir “elementos antipolíticos, mas a sua tônica principal tem sido anticapitalista, antioligárquica e anti-imperialista” (Schedler, 1996, p. 293).

Segundo Schedler (1996), a retórica *anti-establishment* política é construída como um triângulo, em que em cada vértice estão os agentes dessa gramática especial: a classe política tradicional, o povo e os atores contra o poder estabelecido.

FIGURA 1 – O TRIÂNGULO ANTIPOLÍTICO



FONTE: Schedler, 1996, p. 294

Nesta lógica, o primeiro vértice representa os algozes do povo, o segundo, as vítimas inocentes e o terceiro, os heróis salvadores do povo. Esses últimos pretendam atuar ou já atuam na esfera política enquanto criticam a classe política instituída e, através do discurso, se posicionam como *outsiders*, ou seja, como atores que não pertencem à classe no governo. Mais adiante, aborda-se como essas dimensões – discursos radicais, oposição ao *status quo* – interagem, se confundem e se distinguem na literatura de Ciência Política.

Ainda de acordo com Barr (2009), o uso da retórica *anti-establishment* não depende da localização do ator no sistema partidário: embora tenha mais apelo quando é proferido por alguém que está fora da classe política (*outsider*), ou que rompeu com ela (*rebelde*), ele também pode ser utilizado por atores de dentro do sistema político (*insiders*) que conseguem convencer seu eleitorado de que não fazem parte da elite política, como Fernando Collor de Mello, no Brasil, em 1989.

Finalizando a síntese do estudo de Barr (2009), os populistas, por sua vez, são atores *outsiders* ou *rebeldes* que buscam ganhar ou manter poder usando apelos *anti-establishment* e vínculos plebiscitários, isto é, estabelecem vínculos diretos com o eleitorado, minando as instâncias intermediárias, como os partidos e o parlamento. Esse tipo de vínculo oferece oportunidades pontuais e episódicas dos cidadãos participarem do processo decisório, como plebiscitos, e servem para fornecer apoio político passivo para o líder confirmar a legitimidade popular de sua própria autoridade.

Carreras (2012), ao tratar do tema *outsiders* em eleições presidenciais na América Latina, a exemplo de Barr, montou sua tipologia baseado apenas nas origens partidárias e políticas dos candidatos. A finalidade da classificação foi mostrar quanto fora do sistema político cada tipo de *outsider* está.

A tipologia de Carreras (FIGURA 2) admite três tipos de *outsiders*: 1) Amadores: são políticos com pouca ou nenhuma experiência que competem eleitoralmente por partidos tradicionais; 2) *Mavericks* (Rebeldes): são políticos que já pertenceram a partidos do sistema, mas decidiram concorrer eleitoralmente por partidos novos; e 3) *Full outsiders* (completos forasteiros): são políticos que não têm uma carreira política prévia e competem em eleições presidenciais por um partido recém-criado. Por fim, o *insider* é aquele político que não cabe na definição de *outsider*, pois já acumula experiência política e faz parte de um partido consolidado: é o político tradicional.

FIGURA 2 – TIPOLOGIA DE CANDIDATOS PRESIDENCIAIS

Experiência política	Partidos	
	Tradicionais	Novos
carreira prévia	<i>Insider</i> (inserido)	<i>Maverick</i> (rebelde)
novato	<i>amateur</i> (amador)	<i>full outsider</i> (completo forasteiro)

FONTE: Adaptado de Carreras, 2012.

Após essa breve apresentação dos principais artigos que tratam de *outsiders* na política, segue uma revisão de escopo buscando mapear o estado atual das pesquisas sobre o tema e responder às questões de pesquisa.

2.1.2 Metodologia para a seleção dos documentos da revisão

Para encontrar estudos que auxiliassem na tarefa de analisar o fenômeno dos *outsiders* na política foi feita uma revisão de escopo. Tal tipo de revisão bibliográfica foi escolhida, pois, de acordo com Arksey e O'Malley (2005), dentre os vários tipos de revisões bibliográficas, as revisões de escopo são adequadas para examinar a extensão, o alcance e a natureza da atividade de pesquisa sobre determinado assunto, resumir e disseminar achados de pesquisa e identificar lacunas na literatura existente. Para realizar a revisão, primeiramente foram feitas pesquisas sobre “políticos *outsiders*” na base Scopus Elsevier e na Web of Science. A pesquisa foi realizada em maio de 2021 e buscou somente artigos ou *papers* sobre o tema.

Para a busca nas bases foi utilizado o termo “*outsiders*”, adicionalmente o termo “*politics*” e suas variações, e ainda o termo “*establishment*” e suas variações. Após alguns testes, verificou-se a necessidade de adicionar à *string* alguns termos que estavam enviesando a busca, com a finalidade de excluí-los dos resultados, como os termos “*immigrants*” e “*refugees*”.

Assim, a *string* utilizada no levantamento da literatura na base *Scopus* foi a seguinte:

((TITLE-ABS-KEY (politic* AND outsiders AND *establish*) AND NOT TITLE-ABS-KEY (*migrant* OR refugees OR labor OR market))) AND (SUBJMAIN (3312) OR SUBJMAIN (3320)).

Na Web of Science, na *string* utilizada os resultados foram refinados em seguida por categorias do Web of Science: *Political Science* ou *International Relations* ou *Sociology* ou *Social Sciences Interdisciplinary*, e por tipos de documento: *article* ou *proceedings paper*.

String: TÓPICO: ((politic* AND outsiders AND *establish*) NOT(*migrant* OR refugee OR market OR labor))

Na base Scopus a *string* escolhida obteve 75 resultados, e na base Web of Science, 56 documentos. Removidas as duplicatas, 97 artigos restaram e a seleção manual foi feita conforme os critérios do Quadro 1. A seleção dos textos que permaneceram na revisão final (22) foi feita somente pela autora deste trabalho a partir da leitura dos resumos dos 97 artigos. O método de seleção principal foi a simples exclusão daqueles artigos que não se relacionavam ao tema de atores *outsiders* na política, mas que ainda assim foram filtrados pelas *strings*. Os documentos selecionados são trabalhos que, de alguma forma, abordam o tema dos *outsiders* na política institucional.

Após a leitura destes 22 artigos, concluiu-se que o conjunto de estudos encontrados apresentava duas lacunas: poucas definições conceituais sobre *outsiders* na política (apenas 35% dos textos apresentavam uma definição clara), e poucos estudos sobre *outsiders* no âmbito do poder Legislativo. Novas buscas foram então empreendidas em outras bases indexadoras, desta vez nas bases SciELO (coleção Brasil), Redalyc e Google Scholar no mês de novembro de 2021. O foco dessa nova rodada de buscas foi encontrar textos que, além de abordar políticos *outsiders*, oferecessem alguma definição ou discussão sobre o conceito.

As novas bases utilizadas não possuíam recursos tão avançados de busca como as bases anteriores, o que obrigou a utilizar *strings* mais simples, e que consequentemente, apresentaram resultados menos refinados e mais numerosos. Nas buscas na SciELO Brasil e Redalyc apenas o termo “*outsiders*” foi utilizado. Na primeira base foram encontrados 22 artigos, mas nenhum que abordasse o fenômeno.

Na base Redalyc, 942 artigos foram encontrados na busca pela *string* “*outsider* OR *outsiders*”, filtrados pela disciplina “política”. Os primeiros 100 resultados foram considerados e, após a leitura dos títulos e resumos, apenas dois documentos foram

escolhidos para entrar na revisão. Removidas as duplicatas, somente um novo artigo foi adicionado, somando então 23 documentos.

Na base Google Scholar, a *string* “*party AND outsiders*” foi utilizada, resultando em milhares de artigos (543.000). Os primeiros 100 resultados foram considerados e examinados conforme os critérios de inclusão e exclusão (Quadro 1). Após a leitura do título e resumo destes documentos, 14 artigos foram selecionados, e excluídas as duplicatas, restaram dez artigos. Após a leitura da Introdução destes dez artigos, apenas quatro foram selecionados para leitura integral. Nesta fase, não se demonstrava adequado selecionar os textos apenas com base na leitura dos resumos, pois nem sempre ficava claro se haveria um debate sobre o conceito de político *outsider* no texto.

QUADRO 1 – CRITÉRIO PARA A SELEÇÃO DOS TEXTOS DE INTERESSE NA SCOPUS E WEB OF SCIENCE

Critério	Inclusão	Exclusão
1ª fase Scopus e Web of Science. Temático	Textos que investigavam contextos políticos em que líderes ou partidos <i>outsiders</i> ascendiam ao poder ou ganhavam notoriedade; Textos que investigavam aspectos diversos de líderes considerados <i>outsiders</i> : eleição, discurso, governo etc.	Textos que discutiam a relação entre países emergentes (<i>outsiders</i>) e países ricos (<i>insiders</i>) no contexto de grupos como o G20 e o BRICS; Relação (conflituosa ou não) dentro de um território específico (comunidade, cidade ou clube) entre nativos e forasteiros.
2ª fase Redalyc, ScELO Brasil e Google Scholar. Temático	Textos que ofereciam debate para a definição do termo <i>outsider</i> político;	Textos que tratavam sobre outros tipos de <i>outsiders</i> que não o político. Textos empíricos sobre líderes considerados <i>outsiders</i> , mas sem que houvesse um debate sobre o conceito. Textos que traziam definições de outros autores, ou uma definição imprecisa ³ de <i>outsiders</i> políticos.

FONTE: elaborado pela autora, 2022.

Ainda, artigos relevantes foram encontrados em outras fontes, como nas referências bibliográficas de Carreras (2012) e a partir de buscas mais específicas no

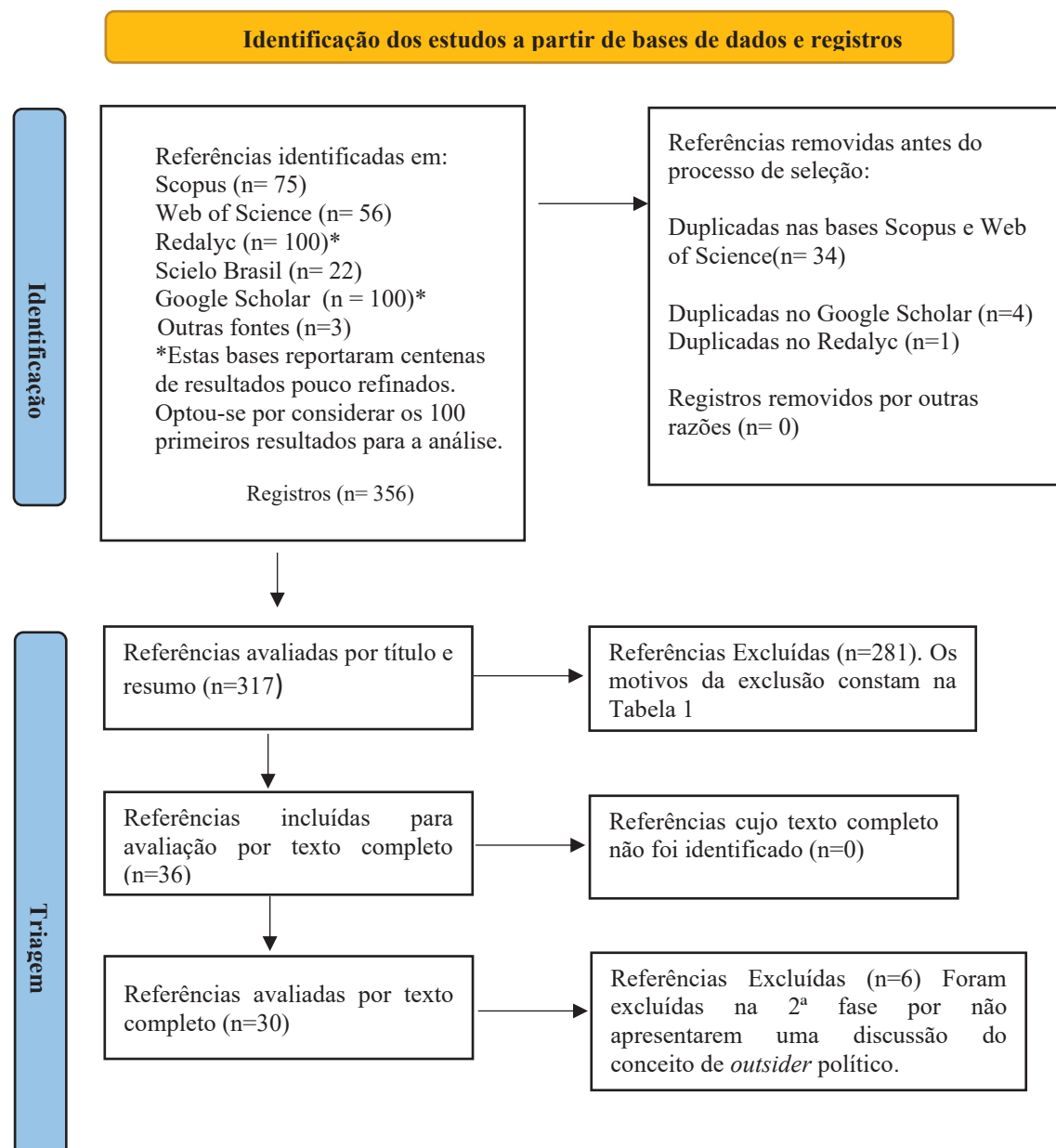
³ Na primeira fase da pesquisa, alguns autores definiram *outsiders* como "mulheres", por exemplo. Na segunda fase, esse tipo de definição apareceu em pelo menos mais um artigo, que era mais focado na entrada de mulheres na política do que no conceito de *outsiders*. Considerou-se essa uma definição imprecisa. Outro exemplo são definições de *outsiders* como pessoas "excluídas da política", mas que não explica o motivo da exclusão e nem o que a caracteriza.

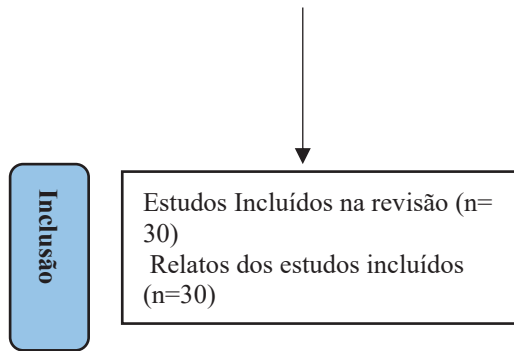
Google Scholar com *strings* que não se mostraram eficazes para uma revisão de escopo, mas que eventualmente pinçaram artigos interessantes. Após a leitura de alguns artigos encontrados com esse método, três foram selecionados após a leitura de todo o texto e a constatação da existência de conteúdo imprescindível para os objetivos desta revisão.

Resumindo, foram escolhidos para compor a revisão de escopo: na primeira fase da pesquisa, mais abrangente, 22 artigos nas bases Scopus e Web of Science. Na segunda fase, mais específica, oito artigos foram escolhidos: um na base Redalyc; quatro no Google Scholar. A partir desse total de 27, três artigos foram encontrados em outras fontes e adicionados ao *corpus* da análise, somando assim 30 documentos.

A seguir, a FIGURA 3 PRISMA mostra o fluxo de identificação, triagem e inclusão dos textos que compõem a revisão.

FIGURA 3 – FLUXOGRAMA PRISMA





FONTE: Elaborado pela autora com base em adaptação do PRISMA 2020 (2023)

Finalmente, os textos escolhidos foram analisados tendo como base uma ficha de leitura com o objetivo de identificar pontos específicos dos textos e auxiliar a tarefa de destacar e agrupar as principais características dos estudos analisados. As questões da ficha serão apresentadas na próxima seção.

2.1.3 Resultados da pesquisa nas Bases Indexadoras

Os resultados da pesquisa foram organizados em uma série de Quadros. O objetivo foi sintetizar cada artigo destacando o foco de análise, a abrangência e o período estudado, bem como alguns aspectos metodológicos e os principais achados.

Os Quadros mostram a variedade de abordagens metodológicas e temáticas dos estudos sobre *outsiders* na política. A chegada de *outsiders* à presidência de seus países, por exemplo, é explorada tanto a partir do contexto político, como a partir da retórica dos candidatos ou em função do comportamento do eleitorado. Os casos da América Latina e da Indonésia mostram que a ascensão de *outsiders* envolveu questões como declínio econômico, crise de confiança nos partidos e nas instituições e personalismo dos líderes. No caso dos EUA, a retórica de Trump e a identificação de parte do eleitorado com o discurso dele, bem como a rejeição do *establishment* político, foram os aspectos mais abordados.

Os estudos sobre a Europa, por sua vez, tendem a enfatizar mais as características dos partidos, a retórica dos atores e o comportamento do eleitorado. A Itália se destaca nesse cenário. Os artigos sobre o país abordam a sequência de acontecimentos que culminaram na reforma eleitoral italiana de 1993, resultado de um longo e persistente processo de mobilização em torno do tema, que acabou por

enfraquecer o *establishment* político e alavancar partidos *outsiders* (Donovan, 1995). Os partidos de centro-direita, *Lega Nord* e *Forza Italia* principalmente, protagonizaram um longo período de hegemonia, mas que acabou com a renúncia de Berlusconi em 2011. O legado da abordagem antipolítica desses partidos permitiu que novos movimentos populistas emergissem e redirecionassem a crítica contra os próprios partidos de centro-direita que estavam envolvidos em casos de corrupção (Fella; Ruzza, 2013). O populismo do movimento político *Cinque Stelle* (M5S), e seu impacto no sistema partidário é avaliado com referência à tradição populista na cultura política italiana e o apelo contínuo da liderança carismática. O M5S ganhou destaque mundial por suas características peculiares: a velocidade com que conquistou cadeiras no parlamento, as inovações tecnológicas da organização, a atuação dos principais líderes, Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio, a dinâmica da organização e o caráter *anti-establishment* e parapartidário (Tronconi, 2018).

OS QUADROS 2, 3, 4, 5, 6 e 7 apresentam informações sintetizadas sobre cada artigo. Eles foram organizados a partir do foco da análise dos estudos. Os quadros são dos seguintes tipos: foco apenas nas instituições ou nos contextos histórico-políticos, nos partidos, no comportamento do eleitorado, nas retóricas dos atores, no perfil de elites políticas e, por fim, em estratégias conceituais (quando os textos discutem a noção de *outsider*).

O QUADRO 2, a seguir, mostra artigos que tratam de desenhos institucionais que podem propiciar o surgimento de líderes *outsiders* e do impacto institucional que a eleição de *outsiders* pode causar na relação Executivo-Legislativo. Adicionalmente, apresenta artigos sobre o contexto político e/ou econômico que propiciou a ascensão de líderes *outsiders* à presidência de seu país. A maioria trata de estudos de caso em países da América Latina. Porém, um deles é sobre os Estados Unidos da América e outro sobre a Indonésia. São estudos muito particulares e contextuais, dificultando sistematizar um resultado a partir deles.

QUADRO 2 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM INSTITUIÇÕES E EM CONTEXTOS HISTÓRICO-POLÍTICOS

Autor	foco da análise	Localização	período	atores outsiders	como foram caracterizados	Método	principal achado
(Donovan, 1995)	Instituições	Itália	1990-1993	<i>Lega Nord e Forza Italia</i>	Movimentos ou partidos que se formaram rapidamente no pouco tempo antes das reformas eleitorais de 1993 e conseguiram conquistar um número significativo de cadeiras nas eleições seguintes	Estudo de caso	A reforma eleitoral italiana de 1993 enfraqueceu o <i>establishment</i> político e alavancou partidos <i>outsiders</i> .
(Carreras, 2012)	Instituições	14 países da América Latina	1980-2010	32 candidatos à Presidência na América Latina considerados <i>full outsiders</i>	Candidatos à presidência sem experiência política concorrendo por um partido não-tradicional.	Estudo comparado	Além de fatores econômicos, desenhos institucionais também impactam o sucesso de candidatos <i>outsiders</i> .
(Carreras, 2014)	Instituições	América Latina	1980-2010	Lucio Gutiérrez (PSP); Rafael Correa (<i>Alianza País</i>); Violeta Chamorro (UNO); Fernando Lugo (APC); Alberto Fujimori (<i>Cambio 90</i>); Alejandro Toledo (<i>Peru Posible</i>) e Hugo Chávez (MVR).	Presidentes que tinham menos de dois anos de experiência política antes da eleição, combinando liderança executiva, legislativa e partidária, ou que eram candidatos concorrendo por partidos novos, marginais ou movimentos políticos independentes dos partidos consolidados.	Estudo comparado	O risco de conflito Executivo-Legislativo aumenta significativamente quando o presidente é um <i>outsider</i> .
(Silva, 2013)	contextos histórico-políticos	Bolívia	2002-2010	Evo Morales	Candidato eleito por um novo partido (MAS-IPSP) de mobilização de massas, em um contexto de colapso do sistema partidário estabelecido da Bolívia.	Estudo de caso	O partido do presidente dissociou sua própria agenda da dos movimentos sociais em seu segundo mandato.

(Aspinall, 2015)	contextos histórico-políticos	Indonésia	2004-2014	Prabowo Subianto	Um candidato à eleição presidencial, general militar com fortes ligações com a elite política e econômica do país, com forte apelo populista, sem experiência eleitoral, e que fundou seu próprio partido para concorrer, o Partai Gerindra (<i>Great Indonesia Movement party</i>).	Estudo de caso	Analisa os fundamentos ideológicos e materiais de Prabowo e suas implicações para a democracia do país.
(Wilpert, 2007)	contextos histórico-políticos	Venezuela	1958-2006	Hugo Chavez	Candidato com discurso populista, eleito por um partido novo (MQR), marginal ao sistema político tradicional, em um contexto de profunda crise econômica, social e política.	Estudo de caso	O sucesso de Chavez se deve à crise dos preços do petróleo, pois levou o país a um profundo declínio econômico e, consigo, a classe política estabelecida.
(Luke, 2017)	contextos histórico-políticos	EUA	1912 e 2016	Donald Trump e Woodrow Wilson	Um líder nacionalista-populista, com tendência autoritárias e plutocráticas, que chegou ao poder criticando as elites políticas e os especialistas dos altos escalões governamentais.	Estudo comparado	Traça um paralelo entre o contexto social e político das eleições de dois <i>outsiders</i> nos EUA: Woodrow Wilson em 1912 e a de Donald Trump, em 2016.
(Fergusson et al., 2021)	contextos histórico-políticos	Colômbia	1988-2015	Partidos de esquerda em eleições municipais	Grupos políticos da ala de esquerda, que tradicionalmente foram excluídos da participação político-eleitoral, em um país dominado por elites nacionais da ala da direita, dos partidos Conservador e Liberal.	Estudo de caso; quantitativo	Há um aumento de eventos violentos por grupos paramilitares de direita no ano imediatamente posterior à eleição de <i>outsiders</i> de esquerda.

FONTE: Elaborado pela autora (2022)

O QUADRO 3 é formado exclusivamente por estudos sobre partidos europeus, dos anos 1990 até 2017, evidenciando assim a importância do fenômeno do surgimento de novos partidos com discurso *anti-establishment* na Europa. A gama do estilo dos estudos é variada, há estudos comparados, de caso, descritivo e agregado. A maioria deles foca na retórica adotada pelos novos partidos, mas versam também outras estratégias usadas por eles para ganhar adeptos e votos. O processo de passagem desses partidos da posição de protesto às coalizões de governo também é abordado. Apenas um deles, sobre a França, discute as estratégias dos partidos tradicionais, e não dos *outsiders*, e aponta de que forma uma estratégia errada propiciou o cenário para o surgimento de um líder *outsider*, Macron.

QUADRO 3 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM PARTIDOS

Autor	foco da análise	localização	período	atores outsiders	como foram caracterizados	Método	principal achado
(McDonnell; Newell, 2011)	partidos	Países da Europa Oriental	1996-2015	Communist Refoundation) in Italy; FPO – Freedom Party) in Austria	Partidos que devido à natureza de sua ideologia, retórica e posições sobre a participação do governo, se colocam ou são colocados por outros, ‘fora’ da esfera de poder dos partidos, inviáveis para uma coalizão de governo.	Estudo agregado	Discute os problemas e os dilemas que os partidos <i>outsiders</i> enfrentam ao adentrar em uma coalização de governo.
(Van Kessel, 2012)	partidos	Holanda, Polônia e Reino Unido	2002-2012	List Pim Fortuyn e Freedom Party (Holanda); Civic Platform, Law and Justice, Self-defense e League of the Polish families (Polônia); UK Independence Party e British National Party (Reino Unido)	Partidos políticos que se formaram nos anos 1990-2000, com forte discurso populista, e que obtiveram rápidos sucessos eleitorais, com exceção dos partidos do Reino Unido.	Estudo comparado	O sucesso dos partidos populistas depende da capacidade de responderem a demandas eleitorais que não eram ouvidas pelos partidos estabelecidos.

(Hartleb, 2015)	partidos	Europa	1990-2014	Syriza - Grécia; Podemos - Espanha; Movimento Cinque Stelle - Itália; <i>the Progress Party</i> ; <i>The Finns Party</i> - Finlândia; <i>Front National</i> - França; <i>Dutch Party for Freedom</i> - Holanda; <i>Fremskrittpartiet</i> - Noruega; <i>the Swiss People's Party</i> - Suíça; <i>Freedom Party of Austria</i> - Áustria; <i>Ordinary People and Independent Personalitie</i> - Eslováquia; UKIP - Reino Unido; <i>Palikot's Movement</i> - Polónia.	Novos partidos surgidos na Europa a partir dos anos 1990, com forte apelo à crítica aos partidos tradicionais, à classe política, às decisões da União Europeia etc.; partidos radicais de direita ou de esquerda; partidos populistas. Partidos de protesto	Estudo descritivo	Os partidos <i>anti-establishment</i> em crescimento na Europa têm agências e estratégias semelhantes, independentemente do alinhamento à esquerda ou à direita.
(Mény, 2017)	partidos	França	2016-2017	Emmanuel Macron	Candidato sem experiência eleitoral, que ganhou as eleições concorrendo por um partido novo (<i>En Marche</i>), com discurso populista.	Estudo de caso	A introdução das “primárias americanas” nos principais partidos políticos da França teve consequências não pretendidas e culminaram ajudando a eleição de Macron.
(Tronconi, 2018)	partidos	Itália	2005-2017	Movimento Cinque Stelle	Um movimento político <i>anti-establishment</i> , organizado na internet através de um blog e de fóruns online, que em poucos anos cresceu a ponto de eleger candidatos em nível municipal, nacional e europeu. Ainda assim não se reconhece como	Estudo de caso	Mostra o impacto que o sucesso de votos do Movimento <i>Cinque Stelle</i> (M5S) causou nos sistemas eleitoral e partidário italiano, e também os dilemas da adaptação do movimento à política institucional

					partido, e seus representantes são obrigados a continuar agindo como atores <i>anti-establishment</i> .		
--	--	--	--	--	---	--	--

FONTE: Elaborado pela autora (2022)

O QUADRO 4 possui um grupo de estudos diversificado, que trata de países da Europa e da América Latina. A maioria é formada de estudos comparados entre vários países. A gama de atores analisados também é ampla. Os achados dos estudos vão na mesma direção ao associarem o surgimento de líderes *outsiders* ou populistas à baixa confiança do eleitorado nas instituições políticas. Um deles também associa a abundância de candidatos novatos em eleições presidenciais com a polarização do eleitorado.

QUADRO 4 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM COMPORTAMENTO DO ELEITORADO

Autor	foco da análise	localização	período	atores outsiders	como foram caracterizados	Método	principal achado
(Freschi; Mete, 2020)	Comportamento do eleitorado	Itália	1997-2017	Mulheres; candidatos à frente de listas cívicas; aqueles que lideram coalizões posicionadas nos extremos do eixo esquerda/direita.	Candidatos que se apresentam como desafiantes do <i>establishment</i> .	Estudo de caso; quantitativo	Candidatos que se apresentam como <i>outsiders</i> são os que obtêm mais votos personalizados nas eleições municipais.
(Petrarca; Giebler; Weißels, 2022)	Comportamento do eleitorado	30 países europeus	1998-2018	Partidos radicais e populistas	Usa a mesma definição de McDonnell e Newell, 2011 (já mencionada).	Estudo comparado; quantitativo	Mostra que quando a confiança política é baixa, especialmente a confiança institucional, os partidos estabelecidos recebem menos apoio eleitoral.

(Corrales, 2008)	Comportamento do eleitorado	21 países da América Latina e 10 países da Europa	1988-2006	Vargas Llosa e Fujimori em 1990, Toledo em 2000, e Humala em 2006 (Peru); Chávez em 1998 (Venezuela); Carrió em 2001 (Argentina); Elhers em 1996, Gutiérrez em 2002, e Correa em 2006 (Equador); e Morales em 2002 (Bolívia), etc.	Candidatos novatos à presidência que conquistaram mais de 10% dos votos	Estudo comparativo	A abundância de ex-presidentes e novatos nas eleições acelera a desinstitucionalização e polariza o eleitorado.
(Doyle, 2011)	Comportamento do eleitorado	18 países da América Latina	1996-2006	Presidentes neopopulistas de países da América Latina	Líderes políticos que se elegeram por partidos novos ou pequenos utilizando o discurso antielite política	Estudo comparado; quantitativo	Países em que há menos confiança nas instituições políticas são mais propensos a votarem em líderes populistas.

FONTE: Elaborado pela autora (2022)

O QUADRO 5 traz em destaque os estudos que focam no discurso dos atores políticos. A retórica de Donald Trump é tratada em três dos seis artigos analisados; o discurso é considerado muito eficaz para comunicar com o eleitorado, não só pelo conteúdo *anti-establishment* político, mas também pela ausência de formalidade. Os partidos e líderes italianos também ganham proeminência neste tema, lá, há um longo histórico e diversos exemplos de partidos novos e antigos que adotam a retórica *anti-establishment* político. Alguns desses estudos sobre a Itália mostram como partidos e líderes que já foram *outsiders* tentam manter essa pecha mesmo quando já estão há anos fazendo parte de coalizões governamentais com partidos tradicionais e sendo confrontados a adotar o mesmo modo *modus operandi* deles.

QUADRO 5 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM RETÓRICA DOS ATORES POLÍTICOS

Autor	foco da análise	localização	período	atores outsiders	como foram caracterizados	Método	principal achado
(Fella; Ruzza, 2013)	Retórica de atores políticos	Itália	1993-2012	<i>Lega Nord, Forza Italia, PDL (Popolo Della Libertà), FLI (Futuro e Libertà per l'Italia), M5S (Cinque Stelle -Five Stars Movement)</i>	Diversos movimentos políticos que se tornaram novos partidos e obtiveram sucesso nas eleições nacionais e locais da Itália. Todos populistas e <i>anti-establishment</i> , embora tenham conteúdos ideológicos diferentes.	Estudo de caso	A ascensão da coalizão italiana de centro-direita de 1990 pavimentou o caminho para o surgimento de novos movimentos populistas nos anos 2000.
(Kellner, 2017)	Retórica de atores políticos	EUA	2016-2017	Donald Trump	Um líder populista, nacionalista, <i>anti-establishment</i> , que se apresentou como <i>outsider</i> , e desprezava seu partido e as tradições dele.	Estudo de caso	O discurso <i>anti-establishment</i> de Trump cativou e fidelizou muitas parcelas da sociedade americana, culminando em sua eleição em 2016.
(Perottino; Guasti, 2020)	Retórica de atores políticos	França	2016-2019	Emmanuel Macron	Um líder moderado, sem experiência eleitoral, populista e tecnocrático, desafiante das elites políticas estabelecidas, e que para chegar ao poder, fundou um movimento político que se tornou um novo partido político, o <i>Le Republique en Marche</i>	Estudo de caso	O sucesso eleitoral de Macron se deveu principalmente ao seu discurso <i>anti-establishment</i> e o apelo à sua capacidade tecnocrática.
(Moon, 2020)	Retórica de atores políticos	EUA	1999 a 2016	Donald Trump e Jesse Ventura	Atores políticos advindos do universo do entretenimento, que transportaram seu estilo "rude e falastrão" desta esfera para a esfera política, incorporaram o discurso <i>anti-establishment</i> e se colocam como políticos de protestos.	Estudo comparado	Os candidatos conseguiram se comunicar de forma efetiva com parcelas do eleitorado ao se contraporem ao comportamento formal e sóbrio dos políticos do <i>establishment</i> .

(Muravchik; Shields, 2019)	Retórica de atores políticos	EUA	2015-2016	Donald Trump	Um líder <i>outsider</i> e <i>anti-establishment</i> , descarado e nepotista, com uma visão “velha” da política, centrada na figura do chefe político, semelhante à compreensão política de comunidades dos EUA vinculadas às origens do partido Democrata	Estudo comparado	Certas comunidades apoiaram Trump por se identificarem culturalmente com seu estilo e comportamento peculiar.
(Ceron; Gandini; Lodetti, 2021)	Retórica de atores políticos	Itália, Áustria, Suíça e Espanha	2016-2018	Luigi Di Maio (M5S, Itália), Pablo Iglesias (Podemos, Espanha), Matteo Salvini (Lega Nord, Itália), e Heinz-Christian Strache (Fpö, Áustria)	Não os caracteriza como <i>outsiders</i> , mas como líderes políticos populistas e <i>anti-establishment</i>	Estudo comparado	Os líderes populistas considerados de esquerda ou centro-esquerda tendem a amenizar seus discursos quando chegam ao poder, enquanto os líderes de direita tendem a mantê-los.

FONTE: Elaborado pela autora (2022)

O QUADRO 6 apresenta o grupo de estudos que mais interessam a esta pesquisa, pois são aqueles que buscam elaborar estratégias para conceituar adequadamente uma série de atores políticos que possuem certas características, e que muitos autores tendem a considerar todos “a mesma coisa”, quando na verdade eles possuem diferenças entre si. Schedler fez um esforço para diferenciar partidos *anti-establishment* dos antissistemas e dos antipolítica. Rodríguez Andrés demonstrou as diversas formas como o termo *outsider* é usado, e citou grande número de exemplos de cada tipo considerado *outsider*. As obras de Barr e Kenney já foram discutidas anteriormente neste artigo.

QUADRO 6 – SÍNTESE DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS SELECIONADOS COM FOCO EM ESTRATÉGIAS CONCEITUAIS

Autor	foco da análise	localização	período	atores <i>outsiders</i>	como foram caracterizados	Método	principal achado
-------	-----------------	-------------	---------	-------------------------	---------------------------	--------	------------------

(Schedler, 1996)	Estratégias conceituais	Europa	1980-1993	Frente Nacional (França); <i>Republikaner</i> (Alemanha); <i>Lega Nord</i> (Itália); <i>Freedom Movement</i> (Áustria); <i>Reform Party</i> (Canadá); <i>United We Stand America</i> (EUA); Fernando Collor (Brasil); Alberto Fujimori (Peru); Rafael Caldera (Venezuela)	Partidos que se contrapõem aos partidos do <i>establishment</i>	Estudo agregado	Apresenta a taxonomia adequada para conceituar como partidos <i>anti-establishment</i> e a diferença deles para os antissistemas e antipolítica.
(Kenney, 1998)	Estratégias conceituais	Peru	1995	Parte dos Deputados peruanos eleitos em 1990	Legisladores peruanos que nunca pertenceram ou mantiveram gabinete de qualquer partido político que fazia parte do sistema partidário existente a partir de 1978 a 1990.	Estudo de caso	Propõe maior rigor na classificação desses fenômenos distinguindo quatro tipos: 1) <i>outsider</i> e antipartido; 2) <i>outsider</i> e tolerante a partidos; 3) <i>insider</i> e antipartido; e 4) <i>insider</i> e tolerante a partidos.
(Rodríguez Andrés, 2016)	Estratégias conceituais	Não se aplica	1885-2015	Diversos exemplos: escritores, artistas, apresentadores de TV, advogados, juizes, militares, atletas, atores, cantores, militantes economistas e outros profissionais que ocuparam cargos políticos	Pessoas com carreiras em outra área profissional que assumiram cargos políticos eletivos e da alta administração.	Estudo descritivo	Faz um robusto levantamento das diferentes definições de <i>outsiders</i> políticos e suas origens, bem como, apresenta uma série de exemplos empíricos.
(Barr, 2009)	Estratégias conceituais	Não se aplica	Não se aplica	Partido Libertário	Partido político dos EUA que embora seja antigo, não possui relevância no sistema eleitoral do país	Elaboração de tipologia	Oferece novas ferramentas analíticas para distinguir três fenômenos políticos: (1) apelos usados pelos atores; (2) localização deles <i>vis a vis</i>

Todos os quadros contêm muitos exemplos de atores políticos que são tratados empiricamente como *outsiders*, tanto líderes como partidos. É possível perceber que na maioria dos casos não há uma preocupação em embasar a caracterização de *outsider*. Em geral, os textos simplesmente colocam este rótulo nos líderes e partidos políticos, e descrevem aspectos de suas lideranças, principalmente a retórica utilizada por eles (*anti-establishment*) e a habilidade dos *outsiders* em organizar novos movimentos e partidos políticos que se contrapõem aos partidos tradicionais, e obtêm sucesso nas eleições.

Um dos objetivos desta revisão é encontrar uma base comum para a definição de *outsiders* políticos. A seguir, apresenta-se, no QUADRO 8, as definições conceituais encontradas nos artigos.

QUADRO 8 – DEFINIÇÕES DO CONCEITO DE *OUTSIDERS* POLÍTICOS PRESENTES NA LITERATURA ANALISADA

Referência	definição de <i>outsiders</i>
(Kenney, 1998)	Líderes que ganharam proeminência fora do sistema partidário nacional
(Corrales, 2008)	Segue a definição de novato de Linz (1994): candidatos à presidência que não disputaram nenhuma outra eleição anteriormente, e não possuem experiência em nenhum cargo da alta administração pública.
(Barr, 2009)	Alguém que ganha proeminência política não por meio ou em associação a um partido estabelecido e competitivo, mas como político independente ou em associação a partidos novos ou recém-competitivos.
(McDonnell; Newell, 2011)	Partidos que, devido à natureza de sua ideologia, retórica e posições sobre a participação do governo, se colocam ou são colocados por outros, 'fora' da esfera de poder dos partidos, inviáveis para uma coalizão de governo.
(Carreras, 2012)	Há três tipos de <i>outsiders</i> : "amadores" são atores novos na política, mas que concorrem por partidos tradicionais; " <i>mavericks</i> " são atores com experiência política que concorrem por novos partidos; e " <i>full outsiders</i> " são atores sem experiência política que concorrem por novos partidos.
(Carreras, 2013)	É o ator que não possui experiência política e que busca poder por meio de um novo partido.
(Carreras, 2014)	Um presidente é considerado um político <i>outsider</i> quando tem menos de dois anos de experiência política antes de chegar ao poder, combinando liderança executiva, legislativa e partidária. Candidatos independentes dos partidos consolidados e politicamente inexperientes também são considerados <i>outsiders</i> políticos.
(Aspinall, 2015)	Apresenta a definição de Barr (2009)

(Rodríguez Andrés, 2016)	Oferece várias: um novo ator na política; uma opção alternativa ou alheia ao <i>establishment</i> político; candidatos com poucas chances de vitória, o "azarão" da disputa; pessoas com carreiras profissionais consolidadas em outra área.
(Donatello; Levita, 2017)	Aqueles que iniciaram a carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora da política como principal atividade profissional antes de assumirem a sua cadeira
(Petarca; Giebler; Wessels, 2022)	Partidos que não recebem votos suficientes para participar do governo, ou que não são considerados capazes de formar uma coalizão.
(Freschi; Mete, 2020)	Mulheres; candidatos que sempre perdem as eleições; e candidatos apoiados por somente uma lista no contexto das eleições municipais da Itália.
(Fergusson <i>et al</i> , 2021)	grupos tradicionalmente excluídos da participação política eleitoral.

FONTE: Elaborado pela autora, 2023.

Dentre os 30 textos selecionados, apenas 13 apresentaram definições de *outsiders*. A seção seguinte discute com mais detalhes quais são as definições predominantes. Em geral, elas giram em torno da relação do agente com o sistema partidário e da experiência profissional na política. Algumas exceções são encontradas, como, por exemplo, Freschi e Mete (Freschi; Mete, 2020) que consideraram *outsiders* as candidatas mulheres e aqueles que sempre perdem eleições. O pesquisador Rodríguez Andrés (Rodríguez Andrés, 2016) oferece vários tipos de definições possíveis, entre elas, o "azarão" de uma disputa eleitoral, aquele candidato que ninguém acredita que tem potencial de ganhar. Essa definição é interessante, pois, por vezes, candidatos *insiders* são definidos como *outsiders* somente por serem o "azarão" da disputa.

O restante dos estudos trouxe o tema dos *outsiders* políticos de alguma forma, mas se ocupou em discutir outros conceitos ou contextos que não a caracterização de *outsiders*. No Quadros de 2 a 7 é possível visualizar que todos os artigos chamaram certos atores de *outsiders*, embora não tenham apresentado propriamente uma definição para o termo.

O QUADRO 9 apresenta os resultados da tabulação das fichas utilizadas para guiar as leituras dos textos. A partir delas foi possível identificar os assuntos que são tratados conjuntamente com o tema *outsiders* na política.

QUADRO 9 – RESULTADOS OBTIDOS NA ANÁLISE DO CORPUS DE ARTIGOS UTILIZANDO A FICHA DE LEITURA

Perguntas da ficha de leitura	Percentual presente no corpus
1) O tema principal do artigo é sobre políticos <i>outsiders</i> ?	33
2) O artigo oferece alguma definição do termo <i>outsider</i> ?	43
3) O tema principal do artigo é um líder político?	40
4) O tema principal do artigo é políticos/partidos populistas?	37
5) O tema principal do artigo é políticos/partidos <i>anti-establishment</i> ?	40
6) O texto aborda a falta de confiança nas instituições políticas?	20
7) O artigo aborda causas/consequências da crise de legitimidade de partidos?	37
8) O texto aborda crise de representação política?	30
9) O texto aborda movimentos sociais, cívicos ou políticos?	40
10) O texto foca em eleições legislativas?	30
11) O texto foca em eleições presidenciais?	53
12) O texto aborda crises econômicas?	43
13) O texto é um estudo de caso?	47
14) O artigo apresenta testes estatísticos?	23

FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

A partir da tabulação das fichas de leituras, percebe-se que grande parte dos textos são estudos de caso (47%) que têm como tema principal um líder específico que disputou eleições presidenciais (53%). Já as eleições para o parlamento são pouco enfatizadas nestas pesquisas, somando apenas 30% dos casos. Outro achado importante é que, curiosamente, poucos textos analisados apresentam o tema de políticos *outsiders* como o principal, já que apenas 33% deles o fazem. Aparentemente, esse fenômeno dos políticos *outsiders* é tratado em conjunto com outros temas, principalmente a ascensão de líderes e partidos *anti-establishment* e/ou populistas (37% e 40%), ou a associação desses líderes a movimentos sociais, cívicos ou políticos de contestação (40%).

2.1.4 DISCUSSÃO

Tendo explorado a literatura, relembram-se as questões de pesquisa: Q1) Como a literatura aborda o fenômeno político dos *outsiders*?; Q2) Há uma definição consensual de *outsiders* políticos? Q3) É possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do Executivo, quanto do Legislativo?

Acerca da primeira questão, a principal preocupação era verificar o prisma pelo qual os estudos de Ciência Política enxergam o fenômeno. Percebe-se que a maioria dos artigos são estudos de caso e estão focados em eleições presidenciais. Ainda, 57 % dos estudos que abordam atores *outsiders* não necessariamente se detêm em explorar o tema e o conceito de *outsiders* na política, mas sim outras características do líder ou do partido que o autor considera *outsider*, dentre as quais se destacam o tipo de discurso que esses atores sustentam (e que geralmente é fundado na retórica *anti-establishment*). O tema não é muito explorado por estudos da área de elites políticas.

Uma porcentagem considerável de estudos (43%) se preocupou em estabelecer uma definição de políticos *outsiders*, o que leva à segunda questão de pesquisa: há uma definição consensual de *outsiders* políticos? Há uma definição mais ou menos consensual, mas ao mesmo tempo, diversos estudos utilizam este termo indiscriminadamente e pressupõe-se que o contexto político do estudo explique o motivo pelo qual aquele ator ou partido é considerado *outsider*. Dito isso, as principais dimensões que caracterizam os *outsiders* vistos na literatura e sintetizados no Quadro 9 são as seguintes:

- 1) *dimensão partidária* (relevância em relação ao sistema partidário): a irrelevância pode ser uma característica de partidos novos ou recém-fundados, ou de antigos que se tornaram competitivos recentemente, como movimentos políticos que se tornam partidos posteriormente ao sucesso eleitoral de seu líder (Carreras, 2014; Barr, 2009). Esses partidos geralmente não são aqueles em torno dos quais as disputas eleitorais acontecem e nem essenciais para uma coalizão de governo (McDonnell; Newell, 2011; Petrarca; Giebler; Weißels, 2022). Os *outsiders* geralmente são associados a esse tipo de partido.
- 2) *dimensão discursiva*: o discurso de crítica exacerbada à classe política estabelecida e aos partidos tradicionais é um elemento que, embora não tenha sido muito abordado no Quadro 9, acaba por aparecer como uma variável essencial em uma série de estudos analisados aqui (Ceron;

Gandini; Lodetti, 2021) (Kellner, 2017) (Fella; Ruzza, 2013) (Van Kessel, 2012) (Hartlab, 2015). Muitos caracterizam esse discurso como populista, mas por influência de autores que se esforçaram em definir com mais rigor esse tipo de discurso, como Schedler (1996), preferiu-se chamar essa retórica de *anti-establishment* político.

Para definir indivíduos como *outsiders*, além das dimensões partidária e discursiva, é preciso examinar também a dimensão profissional:

- 3) *dimensão profissional*: Carreras (2012; 2014) defende que para identificar um *outsider*, é preciso olhar para a experiência política prévia do indivíduo e considerar se ele já desempenhou alguma atividade na política ou na administração pública. Assim, não se pode considerar um *outsider* legítimo um indivíduo que se elege por um partido novo, mas que previamente foi, por exemplo, um ministro de Estado.

Quanto à última questão de pesquisa, se é possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos, tanto do Executivo, quanto do Legislativo, mostra-se com uma tarefa complexa. Mesmo com estas três dimensões claramente definidas, ainda há complicadores na tarefa de definir um político como *outsider* e de aplicar esse conceito a casos empíricos, principalmente quando se pretende expandir essa definição para outros cargos que não o de presidente. São complicadores:

- a) nuances do que pode ser considerado *experiência prévia* na atividade política;
- b) a posição política para qual ele foi eleito na política institucional;
- c) dificuldade de caracterizar partidos marginais e novos em sistemas multipartidários como os da América Latina.

Em relação ao primeiro tópico, é preciso questionar o que pode ser de fato considerada “atividade política”. Além dos cargos eletivos, os cargos não eletivos, como ministro e secretário de estado, ou chefe e assessor de gabinete parlamentar, também são atividades muito relevantes e que deveriam ser qualificadas como experiências políticas prévias a uma eleição. No entanto, quando se toma toda a administração pública, o posto de direção de uma autarquia ou de chefia de departamento de órgão público podem ser assim consideradas? E como ficaria a experiência fora da política institucional, como a atuação na direção de uma associação profissional, de sindicatos, movimentos sociais e estudantis e outros tipos de ativismo político?

Sobre a esfera legislativa, Donatello e Levita (2017) analisaram as características sociológicas dos deputados nacionais de países do Mercosul entre 2003 e 2015, e classificaram como *outsiders* aqueles que iniciaram a carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora da política como

principal atividade profissional antes de assumirem uma cadeira no Legislativo. Assim, para ser considerado um *outsider*, o deputado não podia ter iniciado sua trajetória política nem em partido político e nem em organização estudantil. Além disso, a atividade principal exercida antes de assumir o cargo não poderia ser nem na política e nem na administração pública. Sendo assim, pode-se dizer que, embora seja relativamente mais simples de operacionalizar, não é adequado classificar como *outsiders* os indivíduos que se elegeram pela primeira vez a um cargo político, pois sem saber a atividade principal desempenhada por tal candidato antes da sua candidatura, não é possível saber ao certo se ele é realmente um *outsider*.

A classificação sugerida por Donatello e Levita (2017), entretanto, parece apresentar um problema de viés, pois, considerar como trajetória política “clássica” o ingresso na política por partido político e organização estudantil é uma forma de entender a militância de esquerda como a entrada política clássica. Essa classificação deixa de fora ingressos na política típicos da direita tradicional como a inserção em associações profissionais e setoriais (empresas, indústrias e agronegócio), conforme apontado por Marengo e Serna (2007). Portanto, considerou-se que essas entradas na política devem ser tratadas como equivalentes, sendo a militância em movimentos estudantis e sociais uma atuação política não institucional tanto quanto o engajamento em outros tipos de associações profissionais ou de classe que buscam se organizar para influenciar a política.

Por fim, a dificuldade em classificar partidos como marginais ou novos em sistemas multipartidários como o do Brasil é outro complicador. Nos artigos aqui estudados, os partidos novos e *anti-establishment* da Europa eram claramente identificáveis dada à natureza de seus sistemas partidários, com dois partidos dominantes e no máximo um terceiro que poderia oferecer alguma ameaça na competição eleitoral ou ser um aliado de peso. No caso dos estudos sobre América Latina, os partidos eram na verdade movimentos sociais que se tornaram veículos eleitorais para seus candidatos à Presidência. A definição do que seria um partido novo ou marginal irá variar de um sistema partidário para o outro, ou seja, apesar de existirem bases comuns para a definição, ela será mais contextual do que generalizadora.

A limitação da classificação dual *outsider-insider* já havia sido identificada por Barr (2009), Carreras (2012) e Kenney (1998), que ofereceram alternativas intermediárias a esses dois tipos ideais. Porém, trabalhando com casos empíricos

para além das corridas presidenciais, vislumbra-se a necessidade de aprimorar essa classificação. Uma maneira mais eficiente de operacionalizar o conceito de *outsider* seria uma escala que considere todas essas nuances. Assim, não seria possível decretar se tal indivíduo é um *outsider* ou um *insider*, mas sim, o quão fora da política ele estava antes de se eleger.

Para avançar nessa agenda, propõe-se a criação de uma escala de *outsiderismo* que mensure o quão fora do sistema político e partidário o ator estava antes de vencer as eleições. Isso implica considerar, além do engajamento em partidos e a atuação na política institucional, também a atuação prévia na política não institucional. Assim, todo tipo de ativismo político e as posições conquistadas em outros tipos de organização política seriam levadas em conta nessa escala e seriam devidamente ordenadas conforme sua importância relativa. Mas é fundamental não tratar como equivalentes todo tipo de atuação política prévia. A proposta será apresentada no próximo capítulo.

2.1.5 Por que presidentes *outsiders* e *rebeldes* têm sucesso eleitoral e qual o impacto da eleição deles nas instituições políticas?

Presidentes que se encaixam na alcunha de *outsiders* têm sido objeto de estudos relevantes. Conforme já mencionado, Levitsky e Ziblatt (2018) escreveram um livro emblemático sobre as condições políticas que levam à derrocada das democracias contemporâneas. Em regimes democráticos que sucumbiram ao autoritarismo, os protagonistas foram líderes políticos *outsiders* que conseguiram espaço entre os partidos tradicionais para ascender à Presidência pela via eleitoral. Embora não haja uma definição precisa do que caracteriza um *outsider*, é possível perceber que se trata de líderes que não pertenciam à classe política estabelecida, nem haviam ocupado cargos na política institucional. O principal ator, o ex-Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é caracterizado como “um homem sem nenhuma experiência em cargos públicos, com aparente pouco compromisso no que diz respeito a direitos constitucionais e dono de claras tendências autoritárias” (Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 14).

Os cientistas políticos Norris e Inglehart (2019) publicaram uma obra sobre os perigos à democracia da ascensão de líderes políticos populistas com tendências autoritárias, mas adotaram uma abordagem mais ampla, considerando o contexto

cultural, social e econômico do eleitorado que propicia um cenário mais favorável à essa ascensão. Novamente, Donald Trump é um dos personagens centrais. Ele é chamado de *outsider* por não ter tido nenhum cargo público antes de sua eleição em 2016, mas as características mais destacadas pelos autores é o tipo de discurso que ele propaga. Além de *anti-establishment* político, é misógino, xenófobo e grosseiro. Dos exemplos citados de líderes e partidos com tendências populistas e autoritárias, a qualidade de *outsider* é pouco abordada, apesar de ser constante a ideia de que esses líderes se contrapõem aos políticos instituídos e às autoridades vigentes.

Acerca do impacto da eleição de um Presidente *outsider* no sistema político, Carreras fez um estudo comparado com sete Presidentes *outsiders* (considerando os tipos *Rebeldes*, *Amadores* e *completos outsiders*) em cinco países da América Latina (Equador, Paraguai, Venezuela, Peru e Nicarágua) entre os anos 1980 e 2010, em que concluiu que a combinação de presidencialismo e *outsiders* é nociva para o desempenho institucional e a governabilidade democrática (Carreras, 2014). Por meio de regressões logísticas, constatou que o risco de conflito Executivo-Legislativo aumenta significativamente quando o presidente é um tipo de *outsider*. Além disso, a probabilidade de paralisia institucional também aumenta quando um candidato independente é eleito, devido à falta de apoio de uma coalização parlamentar ao presidente e à carência (e certo desprezo) das habilidades políticas típicas de um político tradicional (*insider*). O risco de uma tentativa de dissolução do Congresso por parte do Executivo também é muito maior quando o presidente é um *outsider*.

Sobre os motivos que levam o eleitorado a rejeitar os políticos e partidos tradicionais e optarem por *outsiders*, um estudo comparado com 21 países da América Latina (Corrales, 2008) demonstrou que o eleitorado é muito sensível às volatilidades econômicas e junto à desconfiança da classe política, tendem a direcionar suas esperanças para candidatos que são ex-presidentes e já provaram seu valor, ou novatos, que apostam no discurso *anti-establishment* político e fazem referências à líderes do passado, aos quais querem associar sua imagem, além de apelar para uma ligação especial com a cultura étnica do país. Corrales demonstra que a abundância destes dois tipos de candidatos em eleições presidenciais acelera a desinstitucionalização e polariza o eleitorado.

Em outro estudo comparado com 18 países da América Latina (Doyle, 2011) concluiu-se que países em que há menos confiança nas instituições políticas são mais propensos a votarem em líderes populistas. Esses eleitores desacreditam dos

políticos tradicionais quando suas expectativas não estão sendo correspondidas e tendem a acreditar nos discursos radicalizados dos *outsiders* que dizem desafiar o sistema estabelecido.

2.1.6 Resumo do capítulo

Como conclusão da revisão de escopo sobre políticos *outsiders* foram elaboradas respostas sucintas às três questões de pesquisa:

Q1) Como a literatura aborda o fenômeno político dos outsiders? Concluiu-se que a faz de maneira muito diversificada e contempla pelo menos seis grandes áreas de estudo, conforme demonstrado nos Quadros 2 a 7. *Outsiders* em eleições presidenciais, seu discurso e as relações deles com as instituições políticas e o eleitorado são as questões mais abordadas. Não há um nicho de pesquisa consolidado sobre o tema.

Q2) Há uma definição consensual de outsiders políticos? Apesar do uso um tanto indiscriminado do termo, em geral, o *outsider* preenche ao menos duas destas três características: 1) concorre em eleições por um partido novo ou marginal ao sistema partidário; 2) não tem experiência na política institucional; 3) adota um discurso *anti-establishment* político (Picussa, 2023). Para distinguir os diferentes tipos de outsider que podem surgir numa eleição presidencial, há a tipologia de Carreras (2012).

Q3) É possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do Executivo quanto do Legislativo? É possível, mas demanda maior desenvolvimento do tema. Embora haja uma tipologia já definida para candidatos à presidência, a aplicação dos tipos de *outsider* político para atores que almejam cargos no Legislativo não foi largamente explorada, com exceção de alguns poucos estudos (Donatello; Levita, 2017; Ortiz de Rozas; Levita; Rodrigo, 2020). Contudo, essas operacionalizações são feitas *ad hoc* e dificilmente podem ser generalizadas para outros contextos.

Estudos de caso e comparados sobre presidentes *outsiders* mostram que o estilo de governo deles tem alto potencial de deterioração das instituições democráticas.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA

3.1.1 Parlamentares

A partir do número de deputadas e deputados eleitos para as Câmaras Baixas no Brasil em 2018 e 2022 (1.026 parlamentares), no Chile em 2017 e em 2021 (310 parlamentares), e na Argentina em 2019, 2021 e 2023 (387 parlamentares) foram selecionados para essa pesquisa aqueles que nunca tinham sido eleitos anteriormente a nenhum cargo na política institucional, tais como vereador, prefeito, deputado estadual, deputado federal, governador ou senador, isto é, são os deputados e deputadas novatas, que se elegeram pela primeira vez na vida a um cargo político nas eleições mencionadas.

No Brasil encontramos 113 casos na eleição de 2018 e 85 casos na eleição de 2022, de deputados(as) novatos(as), possíveis *outsiders*.

Na Argentina, achamos 33 casos na eleição de 2019, 31 casos na eleição de 2021 e 51 casos na eleição de 2023.

No Chile, encontramos 56 casos na eleição de 2021 e 39 casos na eleição de 2017.

3.1.2 Classificação dos Presidentes

Para a classificação dos presidentes objeto desta pesquisa (QUADRO 10), utiliza-se a classificação de Carreras (2012), que, rememorando, admite três tipos de *outsiders*: 1) *amadores*: são políticos com pouca ou nenhuma experiência que competem eleitoralmente por partidos tradicionais; 2) *mavericks* (rebeldes): são políticos que já pertenceram a partidos do sistema, mas decidiram concorrer eleitoralmente por partidos novos; e 3) *full outsiders*: são políticos que não têm carreira política prévia e competem em eleições presidenciais por um partido recém-criado.

QUADRO 10 – CLASSIFICAÇÃO DOS PRESIDENTES DE BRASIL, CHILE E ARGENTINA DE ACORDO COM A TIPOLOGIA DE CARRERAS

Presidente	Classificação	Critério
Jair Bolsonaro (Brasil, 2018)	Rebelde	É um político com longa experiência parlamentar (7 mandatos), que concorreu por um partido

		marginal, o PSL, utilizando de discurso <i>anti-establishment</i> político.
Gabriel Boric (Chile, 2021)	Rebelde	É um político que foi eleito deputado duas vezes enquanto independente, fora das principais alianças políticas do Chile, e que concorreu à Presidência por um partido novo, o <i>Convergência Social</i> , utilizando um discurso que é chamado por alguns de “nova esquerda”.
Javier Milei (Argentina, 2023)	Rebelde ⁴	É um economista que ganhou fama como comentarista de TV, teve uma rápida passagem de apenas dois anos pelo parlamento, eleito pelo partido recém-criado <i>La Libertad Avanza</i> , e se elegeu à Presidência pelo mesmo partido, utilizando o discurso <i>anti-establishment</i> .
Lula (Brasil, 2022)	<i>Insider/Carreirista</i>	É um político com longa experiência política e partidária, ex-Presidente, que se elegeu novamente por um partido tradicional, o PT.
Alberto Fernandez (Argentina, 2019)	<i>Insider/Carreirista</i>	É um político que acumulou cargos no Executivo e no Legislativo, e se elegeu por um partido tradicional, o Partido Justicialista.
Sebastian Piñera (Chile, 2017)	<i>Insider/Carreirista</i>	É um político com longa experiência legislativa, ex-Presidente, que venceu novamente as eleições como candidato independente dentro de uma aliança com partidos tradicionais e emergentes.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

3.2 ESCALA E ÍNDICE DE *OUTSIDERISMO*: OPERACIONALIZANDO O CONCEITO DE *OUTSIDER* NA POLÍTICA

A partir das três dimensões sistematizadas na revisão de literatura para definir *outsiders* na política, quais sejam: 1) dimensão partidária, 2) dimensão discursiva e 3) dimensão profissional, e que pelo menos duas dimensões são necessárias para classificar *outsiders*, foi elaborada uma Escala (Quadro 11), em que foram elencadas etapas da vida política, considerando aí principalmente as dimensões profissional e partidária.

⁴ Inicialmente, Javier Milei foi classificado como “completo *outsider*”, mas essa classificação é passível de contestação. Como informado no quadro, Milei exerceu mandato parlamentar por dois anos antes de se candidatar a Presidência. Entretanto, ele ganhou proeminência política fora da arena parlamentar, e para se lançar a deputado, não o fez dentro dos partidos estabelecidos, mas sim, fundou um novo partido com clara conotação *anti-establishment* político. Por esses motivos, Milei poderia ser considerado um *outsider* completo, mas sendo fiel à classificação de Carreras, a breve experiência na arena legislativa configura os requisitos para a classificação como Rebelde.

Ressalta-se que a dimensão discursiva não foi abordada nesta Escala por dois motivos: o primeiro é que, conforme já explicado, os estudos que se dedicaram a buscar estratégias conceituais para definir *outsiders* não incluíram a questão do discurso como uma característica elementar. Essa dimensão aparece, no entanto, em muitos estudos empíricos. O segundo motivo é que políticos que já têm carreira na política por vezes adotam esse tipo de discurso, provando que é uma variável mais complexa de trabalhar.

Em relação à dimensão profissional, nesta Escala, elencaram-se elementos que se referem a uma trajetória política que pode passar por atividades políticas não profissionais, isto é, quando a pessoa se envolve com atividades de cunho político, sem que esse envolvimento seja sua profissão ou ocupação principal. Essas atividades podem acontecer através de um ativismo político por uma determinada causa, como pelo fim da violência contra as mulheres, pelos direitos das pessoas LGBTQIAPN+, ou por restrições aos procedimentos de interrupção voluntária da gravidez etc. Podem acontecer também através da participação na direção de associação de classes e de sindicatos, que é um nível de engajamento maior, quando o sujeito se dispõe a coordenar uma associação de pessoas que se organizam politicamente para defender direitos seus e de seus pares.

Em determinados contextos, o envolvimento de um candidato com um tipo de ativismo político ou sua atuação junto à associações, configura-se como uma porta de entrada para o Legislativo (Almeida; Lüchmann; Ribeiro, 2012; Bordignon, 2017; King, 1981; Marenco; Serna, 2007).

Em seguida, a Escala evolui para experiências que estão dentro da política institucional, e se referem a pessoas que têm como sua principal ocupação ou profissão uma atividade dentro de um órgão onde a política acontece, como os Poderes Executivos ou Legislativo. As pessoas que trabalham em determinadas funções em Casas Legislativas com o assessoramento de parlamentares e de comissões, envolvem-se diariamente com atividades típicas dos políticos profissionais. Muitas vezes, esse conhecimento e a socialização dentro desse ambiente especializado, além de uma porta de entrada para uma carreira eleitoral na política (Lorencetti, 2024; Snagovsky; Taflaga; Kerby, 2023), é também uma experiência altamente profissionalizada que pode ser adquirida antes de seu ingresso em um mandato parlamentar. Uma pessoa que chega ao parlamento como uma novata, mas tem essa experiência no seu currículo, não poderia ser considerada uma

novata tal qual a pessoa que chega à Casa após ter pisado ali poucas vezes (ou até nenhuma) durante sua vida.

Da mesma forma, a experiência no assessoramento e chefia de secretarias de estado, em todos os níveis federais, ou outros setores estratégicos do governo, proporciona um conhecimento diferenciado de certas políticas públicas e familiaridade com ambientes que são geralmente comandados por políticos - secretários(as) e ministros(as) - e movimentado pelo atendimento de demandas que vem de outros políticos, como vereadoras(es) e deputadas(os). O trabalho em certos postos do governo podem funcionar como ocupações instrumentais da política (Allen, 2013; Cairney, 2007; Lorencetti, 2024).

A ocupação de cargos de Secretário municipal ou estadual, e de Ministro de Estado, dispensa explicações. Estes cargos são o primeiro escalão de um governo, e são altamente disputados por políticos e por partidos, já que são responsáveis por partes importantes da gestão orçamentária e do planejamento e execução de suas políticas públicas. Às vezes uma pessoa é estreante na Câmara Federal, mas já teve passagem por cargos de primeiro escalão do governo. Embora ela seja novata na Câmara, classificá-la como *outsider* seria incompatível com sua trajetória.

Assessores(as) legislativos(as) e gestores(as) públicos(as) e até alguns Secretários e Secretárias de Estado, podem perfeitamente se dedicar profissionalmente aos seus trabalhos sem que isso implique em um envolvimento partidário. Já as pessoas que optam por militar em um partido político demonstram um tipo diferente de interesse e engajamento político.

A localização do sujeito em relação ao sistema partidário é uma das ferramentas utilizadas para classificar *outsiders*. Assim, o tempo de filiação partidária é um elemento importante para diferenciar novos eleitos de *outsiders* políticos. Na Escala, a militância pode ser de dois níveis: uma é a exercida pela pessoa que tem como atividade principal outra, que não a política, e é filiada a um partido político. O outro nível é quando a pessoa tem uma ocupação em ambientes profissionalizados da política e, além disso, se envolve em atividades partidárias. Outro patamar, ainda, é aquele sujeito que, além de se filiar a um partido, se engaja ao ponto de assumir funções de gestão e coordenação do partido, demonstrando um nível de engajamento partidário mais alto e, além de ser uma pessoa com estreita relação com o partido, provavelmente, estará mais apta a compreender dinâmicas do sistema político-partidário.

Por fim, há a dimensão eleitoral. Quando o *outsider* acessa o parlamento pela via eleitoral, em um primeiro momento, ele continua na condição de novato ou *outsider* neste novo ambiente, até que através do tempo ou de uma curva de aprendizagem ele se familiariza com o novo ambiente. Quando o *outsider* se reelege ou se elege para um novo cargo, aí sim ele perde a qualidade de novato ou de *outsider*.

A seguir, o QUADRO 11 sintetiza as etapas percorridas até aqui. Como é uma Escala de *Outsiderismo*, o grau máximo (10) é conferido àquele caso em que há menos relação com as dimensões da política profissional, e o grau 0, àquele que tem mais experiências relacionados à política.

QUADRO 11 – ESCALA DE OUTSIDERISMO PARA PARLAMENTARES DAS CÂMARAS BAIXAS

dimensão profissional: ocupação principal fora da política				dimensão profissional: ocupação principal na política			dimensão partidária			Dimensão eleitoral	
Grau 10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0	Insider
Tem como ocupação principal outra atividade que não a política e não faz nenhum tipo de ativismo.	Tem como ocupação principal outra atividade que não a política, mas se engajou em algum tipo de ativismo político.	Tem como ocupação principal outra atividade política, e ocupa posições relevantes em associações profissionais ou sindicatos.	Tem como ocupação principal outra atividade que não a política, e é engajado em um partido político.	Tem como ocupação principal a política não institucional : dedica-se exclusivamente a cargos de direção de sindicato, ou associação profissional.	tem como ocupação principal a política institucional: dedica-se exclusivamente a um gabinete político do Poder Executivo ou Legislativo, e se dedica às atividades de um partido político.	tem como ocupação principal a política institucional : foi secretário de estado ou ministro. (Poder Executivo)	tem como ocupação principal a política institucional: se dedica exclusivamente a um órgão ou gabinete político do Poder Executivo ou Legislativo, e se dedica às atividades de um partido político.	tem como ocupação principal a política partidária: se dedica exclusivamente à gestão de um partido político (recém-fundado) ou antigo, mas sem relevância no Congresso Nacional.	tem como ocupação principal a política partidária: se dedica exclusivamente à gestão de um partido político tradicional, relevante no Congresso Nacional. (dirigentes partidários).	eleito pela primeira vez (outsider eleito)	Reeleição ou eleição a outro cargo (Insider)

FONTE: Elaborado pela autora, 2023.

Uma questão que se coloca é a opção de incluir ou não a questão da família na política como etapa da escala. Seria esperado, já que se trata de um tipo de capital político muito comum e importante no Brasil (De Oliveira *et al.*, 2018; Miguel; Marques; Machado, 2015; Silva; Chaves; Barbosa, 2023). Contudo, por se tratar de uma escala que tem como matriz a literatura sobre *outsiders*, e por isso, privilegia a experiência com atividades políticas e partidárias, e não necessariamente a socialização política, optou-se por não incluir este fator. Além disso, acredita-se que esse fator não passará despercebido na Escala, pois, por observação empírica, é comum que o(a) cônjuge, filho(a) ou irmã(o) de político que pretenda seguir carreira na política seja nomeado para cargos no Executivo e no Legislativo antes de competir

em uma eleição. A participação nestes cargos é uma forma de ganhar um pouco de experiência e mesmo aqueles parentes que não querem seguir carreira na política são nomeados para cargos de confiança no Executivo e no Legislativo.

Além disso, esposas, filhas(os) e irmãs(os) de políticos com ambições eleitorais, muitas vezes são escolhidos para comandar a ala de mulheres e da juventude do partido. Dessa forma, pode-se considerar que seria muito difícil que filhos(as) e cônjuges fossem eleitos sem que antes tivessem passado por algumas das etapas presentes na escala. E, caso aconteça de parentes de políticos serem eleitos sem passar por essas etapas, admite-se que ele(a) provavelmente terá mais facilidades e familiaridade dentro do novo ambiente, mas essas facilidades não são equivalentes a uma experiência própria na política.

Outra dúvida que pode ser levantada sobre a Escala é a ausência de uma etapa que contabilize o número de vezes que a pessoa já foi candidata antes de se eleger pela primeira vez. Essa variável não foi incluída, primeiramente porque esse fator não foi mencionado como relevante na literatura sobre *outsiders*. Em segundo lugar, como o modelo foi pensado a partir do contexto brasileiro, e as regras eleitorais do país permitem a formação de listas que apresentem até 150% de candidatos para cada cargo em disputa, há muitos casos em que as candidaturas não são com intenções reais de eleição, mas sim, para fechar a lista do partido e auxiliar os candidatos mais competitivos a se elegerem.

É fato que muitas candidaturas de pessoas com real expectativa de se elegerem acabam frustradas algumas vezes antes da primeira eleição. Mas estas pessoas que têm como objetivo real ingressar na política eleitoral e conquistam uma boa votação, vão acabar sendo nomeadas para algum cargo de confiança em gabinete do Legislativo ou do Executivo, como “prêmio de consolação”, e com o objetivo de oportunizar que se dediquem integralmente às atividades políticas e do partido.

Em outros casos, principalmente em partidos menores em que não há tantas possibilidades de nomeação em cargos do governo, a pessoa vai continuar se dedicando ao seu ativismo político ou atividade associativa, ou seja, candidatos(as) que passam por algumas eleições sem se elegerem, provavelmente vão acabar ocupando algum daqueles espaços da Escala já projetados. Se não ocuparem, ao menos o tempo de filiação partidária mais longa irá contar para diferenciá-los daqueles que se filiam e se candidatam no mesmo ano da eleição.

3.2.1 Variáveis coletadas para a construção do Índice de *Outsiderismo*

A escala do QUADRO 11 foi utilizada como base norteadora da coleta de dados sobre a trajetória política e partidária dos parlamentares que fazem parte do *corpus* da pesquisa. A base de dados para a coleta propriamente dita precisou ser simplificada para que pudesse ser operacionalizada.

Foi necessária uma descrição mais detalhada da Escala para explicar os fundamentos do que constituiu a elaboração das variáveis usadas para a construção do Índice. As variáveis e outros elementos coletados nas planilhas para a pesquisa estão detalhados a seguir:

- a) Nome do(a) parlamentar;
- b) País em que foi eleito(a);
- c) Ano da eleição;
- d) Gênero;
- e) Partido ou Lista partidária pela qual foi eleito(a);
- f) Ideologia do partido ou da Lista partidária;
- g) Tipologia do partido;
- h) Variável 1 – ativismo;
- i) Variável 2 – associativismo;
- j) Variável 3 – assessoramento parlamentar;
- k) Variável 4 – burocracia do poder Executivo;
- l) Variável 5 – Secretariado;
- m) Variável 6 – tempo de filiação partidária;
- n) Variável 7 – Direção partidária.

As fontes de informação utilizada para a coleta dos dados foram as seguintes:

No Brasil, foram coletados dados dos candidatos e das candidatas a Deputado(a) Federal informados pelo Tribunal Superior Eleitoral - TSE (<https://www.tse.jus.br/>); nas biografias dos(as) parlamentares informadas pela Câmara dos Deputados (<https://www.camara.leg.br/>); nas biografias informadas pelo Wikipedia (<https://pt.wikipedia.org/wiki>); e eventualmente as informações foram completadas com buscas em jornais nacionais e locais que abordavam o perfil dos e das parlamentares; nos sítios eletrônicos dos partidos políticos, e nos sítios eletrônicos do próprio

parlamentar, quando havia. A fonte de informação foi especificada junto aos dados coletados nas planilhas.

No Chile, foram coletados dados biográficos dos deputados e das deputadas: no sítio eletrônico da Biblioteca Nacional do Congresso Nacional do Chile (<https://www.bcn.cl/portal/>); no sítio eletrônico da Wikipédia; e também no sítio do Serviço Eleitoral do Chile (<https://www.servei.cl/>); eventualmente foi necessário acessar páginas eletrônicas de jornais ou páginas alimentadas pelos próprios parlamentares para complementar a informação.

Na Argentina, foram coletados dados biográficos dos deputados e das deputadas no sítio eletrônico do Diretório Legislativo (<https://directorio.directoriolegislativo.org/>); e no sítio eletrônico da Wikipédia. Eventualmente foram acessadas as contas de mídias sociais como Instagram e o LinkedIn para obter informações mais detalhadas. Para coletar os dados dos deputados e das deputadas eleitas em 2023, foi necessário acessar com frequência contas em mídias sociais, páginas de jornais argentinos nacionais e regionais, para obter informações biográficas dos eleitos, já que estas informações ainda não estavam sistematizadas nas fontes já mencionadas. Uma série de sítios eletrônicos oficiais foram acessados para coletar informações sobre parlamentares e seus partidos políticos, mas não foi possível encontrar as informações necessárias nos seguintes sítios eletrônicos: Câmara de Deputados da Nação Argentina (<https://www.diputados.gov.ar/>); Câmara Nacional Eleitoral (<https://www.electoral.gob.ar/nuevo/index.php>); Justiça Nacional Eleitoral (<https://afiliados.pjn.gov.ar/consulta/acceso>); Informação Legislativa e Documental (<https://www.infoleg.gob.ar/>) fornecido pelo Ministério de Justiça do país. Por último, foi formulado um formulário no Google *Forms* com perguntas sobre a filiação partidária dos parlamentares e enviados para o e-mail deles, mas não se obteve respostas.

A seguir o QUADRO 12 resume as variáveis, explica a definição, modo de mensuração e a justificativa de cada uma delas. Cada um desses elementos foi preenchido conforme informações coletadas nas fontes supracitadas.

QUADRO 12 – VARIÁVEIS QUE COMPÕEM O ÍNDICE DE *OUTSIDERISMO*

Variável	Definição	Mensuração	Justificativa
Ativismo	É o engajamento em uma causa específica antes da eleição.	Teve engajamento = 0; não teve engajamento = 1.	Teórica e empírica. Muitas pessoas de fora da política se elegeram após um período de engajamento com uma pauta específica (Bordignon, 2017). Ou após liderar protestos de rua.
Associativismo	É a participação em cargos de uma associação de classe ou sindical.	Participação = 0; sem participação = 1.	Teórica e empírica. Sucesso de candidatos que têm experiência em atividades associativas, como conselhos profissionais e sindicatos, foram apontados por (Almeida; Lückmann; Ribeiro, 2012; Marengo; Serna, 2007).
Assessoria Parlamentar	É a ocupação de um cargo de assessoria ou chefia no poder Legislativo.	Teve cargo = 0; não teve cargo = 1.	Teórica e Empírica. Experiência na política é uma dimensão para identificar <i>outsiders</i> segundo Carreras (2012) e Donatello e Levita (2017). Muitos candidatos tiveram experiências como assessores de parlamentares antes de se elegerem a um cargo Legislativo.
Burocracia do Executivo	É a ocupação de um cargo de assessoria ou chefia no poder Executivo.	Teve cargo = 0; não teve cargo = 1.	Teórica e Empírica. Experiência na política é uma dimensão para identificar <i>outsiders</i> segundo Carreras, 2012 e Donatello e Levita, 2017. Muitos candidatos tiveram experiências em cargos do poder Executivo antes de candidatar-se ao cargo do Legislativo.
Secretariado	É a ocupação de um cargo de Ministro em nível nacional, ou de Secretário em nível estadual ou municipal.	Teve cargo = 0; não teve cargo = 1.	Teórica e Empírica. Experiência na política é uma dimensão para identificar <i>outsiders</i> segundo Carreras, 2012 e Donatello e Levita, 2017. Muitos candidatos ganham proeminência eleitoral após uma gestão como secretários municipais e estaduais ou como Ministro.
Tempo de filiação	É o tempo de filiação em partidos políticos antes da eleição medidos em anos.	Mais de um ano de filiação = 0; menos de um ano de filiação = 1.	Teórica e empírica. A localização do candidato em relação aos partidos estabelecidos do país é uma maneira de classificar <i>outsiders</i> (Barr, 2009). Calcular os anos de filiação foi uma maneira de mensurar a relação do candidato com o partido. Cada partido do <i>corpus</i> foi categorizado como tradicional, emergente, marginal e novo.
Filiação partidária	É filiado a partido político ou não. Só para Chile	É filiado = 0; não é filiado = 1.	Teórica. A localização do candidato em relação aos partidos estabelecidos do país é uma maneira de classificar <i>outsiders</i> (Barr, 2009). Não pertencer a um partido indica que pode se tratar de um <i>outsider</i> .
Direção partidária	Teve cargo de liderança ou gestão no partido político antes da eleição.	Teve cargo = 0; não teve cargo = 1.	Teórica e empírica. Indivíduos que têm cargos partidários apresentam experiência política e relação estreita com os partidos, características típicas de <i>insiders</i> (Carreras, 2012; Barr, 2009).

FONTE: Elaborado pela autora, 2023.

Após o preenchimento das informações da trajetória de cada parlamentar do *corpus*, atribuindo 0 quando o indivíduo possui o atributo, e 1 para quando não possui, o grau de *outsiderismo* de cada um foi calculado utilizando o método da Teoria de Resposta ao Item (TRI), para criar uma medida que diferencia essas características em termos da sua capacidade de discriminação.

3.3 USO DA TEORIA DA RESPOSTA AO ITEM (TRI) PARA A MENSURAÇÃO DO TRAÇO LATENTE DO *OUTSIDER* POLÍTICO

A pontuação do Índice poderia ser atribuída de maneira clássica por um escore (Babbie, 2001) ou seja, por um mero somatório dos atributos. Todavia, deste modo, todos os atributos (etapas da trajetória política) teriam o mesmo peso, ou o peso seria atribuído por discricionariedade da pesquisadora, como é possível verificar na formulação inicial da Escala (Quadro 11), o que seria menos adequado, seja por desconsiderar diferenças individuais nas trajetórias dos *outsiders*, ou também por uma série de fatores políticos contextuais dos países estudados que podem, por sua vez, induzir a diferenças significativas na ocorrência dessas características e influenciar a condição de *outsider*. Utilizando a TRI em um grupo específico de candidatos, o método é capaz de aferir quais atributos são mais ou menos relevantes dentro dele, atribuindo uma pontuação maior ou menor para quem tem certos atributos. Assim, as notas de 0 a 10 atribuídas inicialmente à Escala do Quadro 11 foram totalmente substituídas pela pontuação obtida através da TRI.

A Teoria da Resposta ao Item é uma teoria do traço latente aplicada primariamente a testes de habilidade ou de desempenho. O termo teoria do traço latente se refere a uma família de modelos matemáticos que relaciona variáveis observáveis (itens de um teste, por exemplo) e traços hipotéticos não observáveis ou aptidões, estes responsáveis pelo aparecimento das variáveis observáveis ou melhor, das respostas ou comportamentos emitidos pelo sujeito que são as variáveis observáveis. (Pasquali; Primi; Francisco, 2003, p. 101 e 102).

A TRI é uma abordagem estatística criada originalmente para aprimorar os testes de personalidade da área da psicometria, e hoje também é utilizada em diferentes tipos de questionários e áreas de conhecimento (Andrade; Anjos, 2012), com destaque na avaliação de habilidades em testes educacionais, como o Exame Nacional do Ensino

Médio⁵. Neste caso específico de uso em testes de proficiência, a TRI contrasta com a Teoria Clássica dos Testes (TCT). Na TCT, em um caso de prova de proficiência, a pontuação ou escore dos respondentes é simplesmente o número de questões que o candidato acerta. Esse tipo de teste não diferencia as questões fáceis das difíceis, ou seja, um candidato que conseguiu acertar várias questões difíceis, mas que em número de acertos teve o desempenho igual a outro candidato que acertou várias questões fáceis, mas errou as difíceis, obteriam a mesma pontuação. A TRI, se utilizada em um teste de aptidão bem desenhado, terá capacidade de: discriminar os diferentes tipos de candidatos através do parâmetro “a”; de mensurar a dificuldade das perguntas, através do parâmetro “b”; e ainda, de dizer a probabilidade do indivíduo acertar casualmente (chutar) certos itens corretamente, através do parâmetro “c”. Assim, na atribuição da pontuação, são levadas em consideração as questões em que o indivíduo acertou, e as que errou, sendo um método mais eficaz para aferir diferenças na proficiência.

Nesta pesquisa, a aplicação do TRI possibilita que se saiba qual das etapas da trajetória política, organizadas em itens de um teste, têm maior poder de discriminação num grupo de deputados(as) novatos(as), provendo um cálculo mais sofisticado estatisticamente para o Índice. Importante ressaltar que o teste deste estudo avaliou somente o parâmetro “a” (Modelo de Rasch), de discriminação do item para o traço latente, que é, no caso, a relação do indivíduo com o universo político-partidário.

Cada variável que representa uma característica dos candidatos é considerada um item no contexto da TRI e a técnica assume que a probabilidade de um indivíduo *i* apresentar o atributo *j* está relacionado à dificuldade de o item ser respondido positivamente por um *outsider* na política. Em outras palavras, candidatos mais externos ou mais estranhos ao sistema político têm probabilidade maior de responder de uma certa maneira (negativamente) a um item específico.

A partir das características empiricamente observadas dos parlamentares, foram utilizadas técnicas estatísticas para estimar a posição latente de cada um nesta dimensão latente. Essa posição é, então, a medida abstrata que representa a intensidade com que um candidato se alinha com o conceito de *outsider* nos seus contextos políticos específicos.

⁵ Esta matéria mostra como funciona a metodologia da Teoria de Resposta ao Item no caso do ENEM. Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2021/10/veja-como-funciona-a-metodologia-da-teoria-de-resposta-ao-item-tri>>. Consulta em 4 fev. 2024.

Para garantir a robustez e a validade deste indicador sintético, são estimados modelos usando os valores de referência do RMSEA, do SRMSR e do CFI.

O RMSEA (*Root mean-square error of approximation*), mede o erro de aproximação por grau de liberdade no modelo e fornece uma medida ajustada pelo número de parâmetros. Segundo Maccallum, Browne e Sugawara (1996), os valores de RMSEA inferiores a 0.05 são considerados como indicativos de um ajuste bom; valores entre 0.05 e 0.08 indicam um ajuste razoável, e valores superiores a 0.10 indicam ajuste ruim.

O SRMSR (*Standardized Root Mean Square Residual*), mensura os resíduos padronizados entre as respostas observadas e as respostas esperadas pelo modelo. De acordo com Hu e Bentler (1999), valores de SRMSR próximos a 0.08 são adequados para indicar um bom ajuste do modelo. Valores menores que 0.06 são considerados muito bons, enquanto valores acima de 0.10 indicam um ajuste inadequado.

O CFI (*Comparative Fit Index*) compara o ajuste do modelo especificado com um modelo nulo. Ele leva em consideração o tamanho da amostra e a complexidade do modelo. Também de acordo com Hu e Bentler (1999), o valor de CFI maior ou igual a 0.95 é considerado bom ajuste. Valores entre 0.90 e 0.95 podem ser aceitáveis dependendo do contexto, mas um CFI menor que 0.90 geralmente indica um ajuste ruim.

Posteriormente, são apresentadas as estimativas “a”, que indicam o quanto um item diferencia respondentes com distintos níveis de “acerto” na medida latente. Valores elevados indicam assim forte relacionamento entre o item e a medida integrada.

A partir destes resultados foi construído o Índice de *Outsiderismo* em duas etapas: primeiro os escores θ (Thetas) foram atribuídos a cada indivíduo e na sequência, essas pontuações foram convertidas para a escala 0-10. É importante lembrar que esta medida leva em consideração as ausências das características comparando pares, ou seja, candidatos de um mesmo país, em uma mesma eleição.

Os dados foram tratados utilizando o software R Studio.

3.4 TIPOS DE PARTIDO

Para aplicar adequadamente a definição de *outsider*, uma tipologia partidária foi desenvolvida. Basicamente, ela é construída conforme as concepções apresentadas no QUADRO 13, mas há variações para cada país.

Essa tipologia foi desenvolvida para operacionalizar a dimensão partidária necessária para adequada classificação de *outsiders* políticos, segundo Barr (2009) e Carreras (2012), que postulam que *outsiders* tendem a ganhar proeminência em partidos recém-fundados, portanto novos, ou marginais, antigos, mas sem muita relevância no sistema partidário do país.

A classificação do que é antigo, novo, muito ou pouco relevante, no entanto, não é simples de definir em sistemas multipartidários como os do Brasil, Chile e Argentina. A tarefa incluiu a definição de um marco temporal para separar partidos antigos de novos, e um critério de tamanho de bancada parlamentar ao longo dos anos para definir a sua relevância no sistema partidário.

QUADRO 13 – DEFINIÇÃO DA TIPOLOGIA DOS PARTIDOS

Tipo do partido	Definição	Critérios
Tradicional	Partidos antigos e relevantes	Partidos novos são aqueles fundados há menos de quatro anos do período eleitoral considerado. Para cada país e cada eleição foi estabelecido um ano de corte para diferenciar antigos de novos.
Emergente	Partidos novos e relevantes	
Marginal	Partidos antigos e sem relevância	Partidos Relevantes são aqueles que acumularam bancadas numerosas durante várias legislaturas na Câmara dos Deputados. Esse cálculo foi feito em cada país considerando o desvio padrão das bancadas em ao menos cinco eleições. Partidos com pouca relevância são aqueles que a média das bancadas nas últimas eleições não atingiu a média padronizada.
Novo	Partidos novos e sem relevância	

FONTE: Elaborado pela autora, 2024

Nas seções dedicadas às especificidades de cada país, serão retomados os critérios mais subjetivos e outros detalhes da classificação proposta. Por enquanto importa informar que foi feita uma tipologia baseada nos critérios do QUADRO 13.

Na sequência, são apresentados os resultados da aplicação do Índice em cada país.

4 BRASIL – RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 BRASIL: A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO E A ONDA DA REJEIÇÃO DA CLASSE POLÍTICA EM 2018

As eleições de 2018 no Brasil foram marcadas pelos *slogans* de rejeição da “velha política” e dos partidos tradicionais, pela derrota de vários candidatos com carreira sólida e pelo sucesso de novatos e de *outsiders*.

Após 20 anos (1994-2014) de disputas presidenciais hegemônicas entre coalizões eleitorais lideradas pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 2018 essas coalizões perderam força e mais candidaturas de outros partidos foram apresentadas. No primeiro turno, candidatos sem tradição política ganharam mais votos do que aqueles já conhecidos. Por exemplo, os candidatos João Amoedo (Novo) e Cabo Daciolo (Patriotas) concorreram por partidos sem relevância eleitoral. Enquanto o primeiro tinha uma carreira consolidada no setor financeiro, Daciolo era um policial militar que desempenhava seu primeiro mandato como deputado federal. Terminaram a eleição como quinto e sexto candidatos mais votados, respectivamente, à frente de figuras como Marina Silva e Álvaro Dias, que gozavam de uma longa carreira política. O segundo turno foi disputado por um candidato do PT, Fernando Haddad, e pelo candidato Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), um partido antigo, porém sem relevância eleitoral até então, considerando que sua bancada na Câmara Federal nunca havia ultrapassado uma cadeira.

O Presidente eleito, Jair Bolsonaro, é um tipo de *outsider rebelde*, de acordo com a tipologia de Carreras (2012), com o agravante de utilizar uma retórica *anti-establishment* político, constituindo as bases para ser considerado um político populista, segundo a definição de Barr (2009).

Nas disputas pelos governos estaduais, Wilson Witzel (PSC) e Romeu Zema (NOVO) estrearam na política conquistando o cargo de Governador de estado no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. No Legislativo, candidatos novatos não só se elegeram como também obtiveram votações muito significativas. Em sua primeira eleição, Joice Hasselmann (PSL) foi então a mulher mais votada da história para a Câmara Federal

(1.078.666 votos). Além dela, figuras como Kim Kataguiri (DEM), Sargento Fatur (PSD) e Tábata Amaral (PDT) também debutaram com expressivas votações em seus estados.⁶ Por outro lado, nomes que não perdiam uma eleição há mais de duas décadas, como os senadores Roberto Requião (PMDB), Magno Malta (PR) e Cristovam Buarque (PPS), foram derrotados mesmo sem terem se envolvido em escândalos de corrupção, o grande assunto da campanha de 2018.

Outra novidade para 2018 foi a proibição de doações de pessoas jurídicas para campanhas eleitorais. Esta proibição foi, em parte, uma ressonância dos escândalos de corrupção expostos pela Operação Lava-Jato desde 2014. Em seu lugar, foi instituído o Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), que juntamente ao Fundo Partidário (FP), constituiu fonte pública de recursos. Essa nova dinâmica de financiamento beneficiava os candidatos e candidatas incumbentes. Ainda assim, candidatos novatos se elegeram, mesmo desfrutando de baixo financiamento, comparado aos incumbentes.

O estudo de (Picussa; Souza; Codato, 2023) separou os eleitos de 2018 em três grupos: Estabelecidos (deputados que não estavam em primeiro mandato); *Outsiders* (deputados que estavam em primeiro mandato); e Renovadores (*outsiders* que eram membros de organizações suprapartidárias de renovação política). Sobre o financiamento de campanha desses grupos, o estudo mostrou que os Estabelecidos foram aqueles com maiores investimentos de campanha, gastando em média R\$ 1,2 milhão, a maior parte advindo de recursos públicos. Por sua vez, os Renovadores e os *Outsiders* tiveram gastos médios semelhantes, aproximadamente R\$ 725 mil e R\$ 642 mil respectivamente.

Apesar de a taxa de renovação ter sido alta, 52% na Câmara dos Deputados, a maior desde 1994, segundo o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, esta deve ser relativizada, considerando que muitos nomes que se elegeram deputados federais em 2018 eram políticos que já ocupavam outras posições (Campos, 2018).

Para não considerar como renovação a eleição de parlamentares que haviam cumprido mandatos anteriormente, Carlomagno (2020) propôs uma fórmula para

⁶ Kim Kataguiri (DEM) foi o quarto candidato a deputado federal mais votado em São Paulo (465.310 votos), e Tábata Amaral (PDT), a sexta (264.450 votos). Sargento Fatur (PSD) foi o candidato a deputado federal mais votado no Paraná (314.963 votos).

calcular a taxa de renovação parlamentar chamada de “taxa de renovação bruta ajustada”. Ela considera no cálculo aqueles candidatos que se elegeram em eleições intermitentes e que em geral são considerados como não reeleitos simplesmente porque não foram eleitos em eleições consecutivas. Mesmo tendo em conta esse cálculo mais preciso, a taxa de renovação no parlamento brasileiro é alta nos anos analisados por ele (2002-2018), ficando sempre acima de 40% (Carlomagno, 2020).

Embora o Brasil tenha um histórico de alta renovação de quadros legislativos, os novatos eleitos em 2018 parecem ter chamado mais a atenção por características que, embora não sejam transformadoras, marcaram com mais ênfase o perfil de uma parcela dos deputados eleitos. Alguns analistas observaram o aumento de parlamentares alinhados a algum tipo de “nova direita” (Câmara *et al.*, 2020; Miguel, 2022; Nicolau, 2020), outros, a retórica adotada por eles, alinhada ao discurso do candidato Bolsonaro, de crítica ao sistema político brasileiro (Gregorio, 2020; Lopes; Albuquerque; Bezerra, 2020), aos partidos, aos políticos tradicionais, em especial ao PT (Amaral, 2020) e à prática política como um todo (Côrtes; Oliveira, 2021). Há ainda quem enfatize o grande número de representantes das forças de segurança entre os novos atores desde 2006, pelo menos, (Berlatto; Codato; Bolognesi, 2016) e sua retórica radical (Novello; Alvarez, 2022).

A proposta do *Índice de Outsiderismo* procura direcionar o debate sobre renovação parlamentar selecionando os candidatos que se elegeram para um cargo político pela primeira vez na vida, e dentro desse grupo, chamado de deputados e deputadas novatas, mensurar o grau de *outsiderismo* de cada parlamentar. Assim, quando se fala em renovação, não se refere ao debate comum sobre taxa de renovação parlamentar, mas sim a esse novo perfil de parlamentares, que são as pessoas sem experiência na política institucional ou partidária.

4.2 AS ELEIÇÕES DE 2022 E O RETORNO DO PRESIDENTE LULA PARA UM TERCEIRO MANDATO

Em 2022, a disputa eleitoral para a Presidência se deu entre o candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, que, após passar mais de dois anos sem um partido político, escolheu o Partido Liberal (PL), antigo Partido da República, para lançar sua candidatura, e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que, após ter os processos judiciais que o condenaram anulados, estava livre para disputar e assumir o cargo novamente.

A candidatura de Lula apresenta como vice Geraldo Alckimin, ex-governador de São Paulo e ex-candidato à Presidência, um quadro tradicionalíssimo do PSDB, que, por anos, foi o antagonista do PT nas eleições. A aliança entre os dois candidatos parecia representar a ideia de Levitsky e Ziblatt (2018), da classe política tradicional se unindo para barrar a entrada de um autocrata *anti-establishment*.

Jair Bolsonaro já não poderia ser considerado um *outsider rebelde* nesta eleição, mas seu discurso e seu governo permaneciam com as características de um político populista nos termos de Barr (2009). Bolsonaro ultrapassou as regras do jogo democrático inúmeras vezes, além de atuar para a desmobilização de muitas políticas públicas do Estado brasileiro (Avritzer *et al.* 2021), sendo o exemplo mais emblemático a campanha antivacina para a COVID-19, considerando que o Brasil tinha um programa de imunização bem-sucedido há décadas. Poderia ser feita uma tese somente descrevendo e analisando todas as ações não-republicanas ou autoritárias que Bolsonaro tomou durante seu governo, mas não é este o foco específico da análise.

O que importa para a comparação entre processos eleitorais da eleição de deputados(as) novatos(as) é que o Presidente eleito em 2022 foi Lula, político tradicional, ex-líder sindical, ex-Presidente, militante do PT desde a fundação, partido tradicional do sistema partidário brasileiro.

Quanto ao impacto de mudanças na legislação eleitoral sobre as eleições de 2022, destaca-se, em primeiro lugar, a modificação da Lei dos Partidos Políticos – Lei nº 9.096/1995, que criou as federações partidárias, permitindo que dois ou mais partidos constituam uma federação que atuará como uma única agremiação partidária; com abrangência no território nacional e perdurando por no mínimo quatro anos. Em segundo lugar, houve a consolidação da destinação de no mínimo 30% dos recursos de financiamento público de campanha a candidaturas femininas. Imposta pela Resolução TSE nº 23.607/2019, foi resultado de jurisprudências da Corte para punir os partidos que tentaram fraudar as cotas de gênero, após o julgamento de alguns casos que resultaram na cassação dos mandatos de parlamentares eleitos em listas fraudadas. Como a representatividade de mulheres na Câmara Federal é baixa, o fomento a candidaturas femininas poderia incentivar a entrada de deputadas novatas.

4.3 RESULTADO DA APLICAÇÃO DO ÍNDICE DE *OUTSIDERISMO*

Em 2018, foram encontrados 113 casos de deputados e deputadas federais novatas(os). Para estes casos, foi aplicado o método da Teoria de Resposta ao Item às variáveis do Índice de *Outsiderismo*. As medidas de ajuste do modelo contendo todas as sete variáveis atingiram os limites RMSEA de 0,01 e SRMSR de 0,07, e CFI de 1, que são valores excelentes.

Em 2022, foram encontrados 85 novatos(as), e quanto às medidas de ajuste do modelo, obteve-se RMSEA variando de 0 a 0,09 - que é uma estatística razoável; SRMSR de 0,07, e CFI de 1, que são padrões estatísticos bons, resultando em um modelo satisfatório. A TABELA 1 apresenta as estimativas para *a*.

TABELA 1 – CAPACIDADE DE DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS DO MODELO DE *OUTSIDERISMO*, BRASIL

	2018	2022
Item	<i>a</i>	<i>a</i>
Ativismo	0,07	-0.09
Associativismo	-0,19	0.79
Assessoria política	1,67	-0.23
Burocracia do Executivo	13,2	1.34
Secretariado	2,16	4.83
Filiação partidária	0,58	0.20
Direção partidária	1,9	0.07

FONTE: elaborado pela autora, 2024

Para o grupo de 2018, não ter tido experiência na burocracia do poder Executivo foi o item com maior capacidade de distinguir os casos. Não ter sido Secretário(a) de estado, município ou Ministro(a) vem em segundo lugar. Já as características que menos ajudaram a distinguir os *outsiders* foram a condição de ter se filiado ao partido político há menos de um ano das eleições, seguido da ausência de histórico de associativismo e ativismo.

Para o conjunto de 2022, o atributo mais significativo foi não ter tido experiência como Secretário ou Ministro, seguido de não ter tido cargo na burocracia do Executivo. Experiência em associações profissionais, tempo de filiação partidária e cargo na direção do partido vem em seguida, e, por fim, não ter sido assessor

parlamentar e não ter tido experiência com ativismo político são os itens com o menor poder de discriminação.

A TABELA 2 apresenta a distribuição de deputadas e deputados federais novatos por eleição:

TABELA 2 – NÚMERO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS FEDERAIS NOVATOS(AS) POR ELEIÇÃO E POR GÊNERO

Eleição	Mulheres			Homens			Total	Total
	N eleitas	N novatas	% de novatas	N eleitos	N novatos	% de novatos	Eleitos(as)	Novatos(as)
2018	77	25	32%	436	88	20%	513 (100%)	113 (22%)
2022	91	24	26%	422	61	14%	513 (100%)	85 (16%)

FONTE: elaborado pela autora, 2024

A proporção de parlamentares novatos, foi maior em 2018 do que em 2022. A porcentagem diminuiu 6% de uma eleição para a outra.

Os novatos foram separados também por gênero, apenas para visualização da proporção de mulheres e de homens entre eles. Em ambas as eleições, a porcentagem de mulheres novatas foi cerca de 10 pontos percentuais maior do que a de homens. Em 2022, o número total de deputados(as) novatos(as) caiu (de 113 para 85), principalmente de deputados (de 88 para 61). O número de deputadas novatas se manteve, porém, proporcionalmente à porcentagem de novatos, que diminuiu 6% para ambos os sexos de 2018 para 2022.

A TABELA 3 mostra a diferença entre os graus de *outsiderismo* dos conjuntos de 2018 e 2022.

TABELA 3 – GRAU DE *OUTSIDERISMO* PARA DEPUTADOS E DEPUTADAS FEDERAIS NOVATAS(OS), BRASIL

Eleição	medidas	Valores
2018	média	7,8
	mediana	8,2
	1º quartil	8,1
	min	0
	máx	10
2022	média	6,7
	mediana	7,9
	1º quartil	3
	min	0
	máx	10

FONTE: a autora, 2024

A TABELA 3 mostra que o grau de *outsiderismo* em 2018 é alto, sendo a mediana um pouco maior do que a média. O primeiro quartil também é muito elevado, o que evidencia que o grupo é homogêneo e há poucos casos de graus baixos de *outsiderismo*, ou seja, de parlamentares que tenham uma trajetória política mais próxima dos políticos profissionais (*insiders*). O valor mínimo é 0 e o máximo é 10, mostrando que há completos *insiders* e completos *outsiders* entre os casos.

Em 2022, percebe-se um perfil diferente. O grau de *outsiderismo* é mais baixo, e a mediana está bem elevada em relação à média, indicando que há mais heterogeneidade nos resultados. Quando se observa o primeiro quartil, vê-se que está bem abaixo das outras medidas, indicando que dentro dos novatos(as) de 2022 há mais casos de candidatos que, embora tenham sido eleitos pela primeira vez na vida a um cargo, já possuíam uma trajetória sólida na política. Tal como 2018, o valor mínimo é 0 e o máximo é 10, mostrando que há completos *insiders* e completos *outsiders* entre os casos.

Os dados das TABELAS 2 e 3 demonstram que há conexão entre a eleição de presidentes e parlamentares *outsiders*, pois quando foi eleito um Presidente *outsider* do tipo *rebelde*, mais parlamentares novatos foram eleitos, e eles obtiveram um grau de *outsiderismo* mais elevado do que os novatos que se elegeram em 2022, junto à eleição de um Presidente do *establishment* político-partidário, Lula.

Seguindo a indicação da literatura sobre *outsiders* na política, que argumentam que a ascensão de *outsiders* e de líderes *anti-establishment* político ocorre com mais frequência por meio de partidos novos, marginais ou de protesto, em contraposição aos partidos tradicionais, foi elaborada uma tipologia para partidos brasileiros que elegeram deputadas(os) novatas(os), como especificado no Capítulo 3.

A seguir o QUADRO 14 mostra a classificação dos partidos brasileiros. Conforme discutido no capítulo anterior, os critérios de classificação são antiguidade (tempo de existência) e relevância (tamanho da bancada na Câmara Federal).

QUADRO 14 – CLASSIFICAÇÃO DOS PARTIDOS BRASILEIROS POR TIPO E IDEOLOGIA

Sigla do partido	Nome do partido	Data de fundação ou registro	Renomeação	Ideologia	Tipo em 2018	Tipo em 2022
AVANTE / PTdoB	Avante	1989	sim	direita	marginal	marginal
DEM / PFL	Democratas	1985	sim	direita	tradicional	

MDB / PMDB	Movimento Democrático Brasileiro	1966 / 1980	sim	direita	tradicional	tradicional
NOVO	Novo	2015	não	direita	novo	marginal
PATRI	Patriotas	2012	sim	direita	marginal	marginal
PC do B	Partido Comunista do Brasil	1958	não	esquerda	marginal	marginal
PDT	Partido Democrático Trabalhista	1979	não	esquerda	tradicional	tradicional
PHS / Podemos	Partido Humanista da Solidariedade	1995	sim	direita	marginal	marginal
PMN	Partido da Mobilização Nacional	1990	sim	direita	marginal	marginal
PP	Partido Progressista	1995	sim	direita	tradicional	tradicional
PPS/Cidadania	Partido Popular Socialista/ Cidadania	1992	sim	centro	marginal	marginal
PR/PL	Partido da República/Partido Liberal	2006	sim	direita	marginal	tradicional
PRB/Republicanos	Partido Republicano Brasileiro/ Republicanos	2005	sim	direita	marginal	tradicional
PRP	Partido Republicano Progressista	1991	não	direita	marginal	marginal
PSB	Partidos Socialista Brasileiro	1985	não	esquerda	tradicional	tradicional
PSC	Partido Social Cristão	1985	não	direita	marginal	marginal
PSD	Partido Social Democrático	2011	não	direita	tradicional	tradicional
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira	1988	não	direita	tradicional	tradicional
PSL	Partido Social Liberal	1998	sim	direita	marginal	
Psol	Partido Socialismo e Liberdade	2005	não	esquerda	marginal	marginal
PT	Partido dos Trabalhadores	1982	não	esquerda	tradicional	tradicional
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro	1981	não	direita	tradicional	tradicional
PTC / Agir	Partido Trabalhista Cristão/	2000	sim	direita	marginal	marginal
PV	Partido Verde	1986	não	centro	marginal	marginal
REDE	Rede Sustentabilidade	2015	não	centro	novo	marginal
SOLIDARIEDADE	Solidariedade	2013	não	direita	marginal	marginal
União Brasil	União Brasil	2022	sim	direita		tradicional

FONTE: Elaborado pela autora com base em informações do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; em sítios eletrônicos dos partidos e no sítio eletrônico do Wikipédia (2024)

Para calcular se o partido era relevante, foi elaborada uma tabela com o número de cadeiras obtidas na Câmara Baixa por cada um dos partidos desde 1998. Calculou-se então, a média de cadeiras de cada partido ao longo das legislaturas e, posteriormente, as médias foram padronizados utilizando o *z-score*. Somente os

partidos com resultado positivo foram considerados relevantes ou competitivos. Importante salientar que os partidos novos foram considerados no cálculo somente após obter sua primeira cadeira no parlamento.

A seguir, a TABELA 4 mostra a distribuição de parlamentares novatos no Brasil:

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS FEDERAIS NOVATOS POR TIPO DE PARTIDO, BRASIL

Eleição	Tipo de partido	N	Média	%
2018	Marginal	70	7,9	62
	Novo	8	7,9	7
	Tradicional	35	7,6	31
	Total	113	7,8	100
2022	Marginal	11	8,6	13
	Tradicional	74	6,4	87
	Total	85	6,7	100

FONTE: Elaborado pela autora (2024)

Em 2018, vê-se que partidos marginais, com destaque para o PSL, trouxeram a maior quantidade de novatos para a Câmara Federal (62%), e em segundo lugar, bem abaixo, os partidos tradicionais, seguidos das legendas novas. Entretanto, o grau de *Outsiderismo* dos partidos tradicionais (MDB, PP, PSDB, PDT, PSB e PTB) é o mais baixo da Tabela (7,6).

Quanto aos deputados(as) federais novatos(as) em 2022, a maior parte deles está nos partidos tradicionais (87%). Entretanto, percebe-se que o grau de *outsiderismo* desse grupo é baixo (6,4), mais baixo do que em 2018. O grande aumento de novatos em partidos tradicionais de 2018 para 2022 pode ter algumas explicações: a primeira é que um dos principais partidos marginais que levaram novatos à Câmara em 2018, o PSL, foi fundido com o DEM, resultando na criação do União Brasil em 2022, partido classificado como tradicional, devido à antiguidade e tamanho de ambos. Outra possibilidade, é que os partidos tradicionais perceberam o potencial eleitoral de figuras novatas na política e apostaram mais em candidaturas desse tipo. Outra ainda, é que o baixo grau de *outsiderismo* pode demonstrar que candidatos com alguma trajetória na burocracia do Poder Executivo foram escolhidos para uma candidatura, o que é um movimento de carreira política comum. É importante relembrar que não ter tido experiência em “secretariado” e em “burocracia

do poder Executivo” foram os itens que mais discriminaram *outsiders* para o grupo de 2022.

O maior grau de *outsiderismo* em 2022 está nos partidos marginais (8,6) embora sua população seja diminuta. Não foi identificado nenhum partido novo entre os novatos eleitos, apenas velhos partidos com novas nomenclaturas.

Os resultados da TABELA 4 confirmam o que preconiza a literatura especializada sobre políticos *outsiders*, de que eles ascendem por meio dos partidos recém-fundados ou marginais, em contraposição aos partidos tradicionais que abrigam os políticos de carreira. Mesmo que em 2022 tenham sido os partidos tradicionais os que levaram mais novatos e novatas para a Câmara Federal, pela média do grau de *outsiderismo* percebe-se que não se trata predominantemente de *outsiders*.

A TABELA 5 apresenta os dados sobre a ideologia dos partidos que elegeram deputados e deputadas novatas. Utilizou-se para a classificação ideológica a que foi definida por especialistas da área (Bolognesi; Ribeiro; Codato, 2020). Para facilitar a visão dos dados, adaptações foram realizadas, assim, partidos de extrema-esquerda e centro-esquerda foram considerados de esquerda, a mesma lógica foi aplicada às variações de partidos alinhados à direita.

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS FEDERAIS NOVATOS POR IDEOLOGIA DO PARTIDO, BRASIL

Eleição	Ideologia do partido	Média do grau de <i>outsiderismo</i>	%
2018	Centro	7,3	3,5
	Direita	8	82,3
	Esquerda	6,9	14,2
2022	Centro	9,8	2,4
	Direita	7	82,4
	Esquerda	4,7	15,3

FONTE: a autora (2024)

Partidos de direita elegeram a maioria esmagadora dos *outsiders* em 2018 (82,3%). O grau de *outsiderismo* dos novatos de direita é o maior entre os deputados e deputadas. Em 2022, também foram os partidos de direita que elegeram mais novatos, mas o grau de *outsiderismo* é mais baixo (7). Curiosamente, são parlamentares de centro com o maior grau de *outsiderismo* (9,8), embora a

porcentagem deles seja baixíssima. A esquerda manteve a mesma proporção de *outsiders* nas duas eleições, e teve a menor média de *outsiderismo* também, mas em 2022, a média ficou muito baixa, indicando que muitos candidatos com experiência política foram eleitos como novatos.

Quanto à ideologia dos *outsiders*, na literatura há exemplos tanto à esquerda (Fergusson *et al.*, 2021; Silva, 2013; Wilpert, 2007) quanto à direita (Hartleb, 2015; McDonnell; Newell, 2011; Van Kessel, 2012), e há uma série de trabalhos que consideram a estratégia desses partidos focada em discursos radicalizados (à direita ou à esquerda) e no sentimento *anti-establishment* político, como uma característica muito mais marcante e definidora de sua atuação política do que a ideologia partidária (Fella; Ruzza, 2013; Hartleb, 2015; Schedler, 1996; Van Kessel, 2012).

Sobre a grande presença de parlamentares novatos e *outsiders* à direita, supõem-se que esteja alinhada à tendência de parte do eleitorado e dos partidos brasileiros para esse espectro político, que reflete em uma Câmara Federal também mais direitista (Codato; Bolognesi, 2015; Marques, 2019). A própria classificação de partidos utilizada nesse trabalho considera a grande maioria dos partidos como representantes da direita.

O QUADRO 15 lista os valores mais altos e mais baixos do índice de *outsider* para 2018, indicando os casos que são considerados extremos. Os cinco maiores valores são todos 10 que é o máximo na escala do Índice de *Outsiderismo*, indicando que estes parlamentares são considerados completamente *outsiders*. Do outro lado, têm-se valores que começam em 0 e vão até 1,86, que são considerados os mais baixos do índice para este conjunto de dados.

QUADRO 15 - CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA DEPUTADOS (AS) NOVATOS (AS), BRASIL (2018)

Nome	Partido	Ideologia do partido	Tipo do partido	Gênero	Cor / raça	Grau de <i>outsiderismo</i>
Coronel Tadeu	PSL	direita	marginal	masculino	branca	10
Delegado Pablo	PSL	direita	marginal	masculino	branca	10
Denis Bezerra	PSB	esquerda	tradicional	masculino	branca	10
Doutor Frederico	PATRI	direita	marginal	masculino	branca	10
Igor Timo	PODE	direita	marginal	masculino	parda	10
Dr. Luizinho	PP	direita	tradicional	masculino	branca	1,94
Marcos Pereira	PRB	direita	marginal	masculino	branca	1,86
Marcelo Calero	PPS	centro	marginal	masculino	branca	1,79
Alexandre Padilha	PT	esquerda	tradicional	masculino	branca	1,04

João Roma	PRB	direita	marginal	masculino	branca	0
-----------	-----	---------	----------	-----------	--------	---

Apenas uma lista parcial de casos com o valor 10,00 é mostrada na tabela de extremos superiores.

FONTE: Elaborada pela autora, 2024.

O índice foi desenvolvido para identificar dentre os que em sua primeira eleição alcançaram um cargo de relevância nas Câmaras Baixas, aqueles que são estranhos ao mundo político e, aqueles que pertenciam a ele, mas ainda não haviam conquistado um cargo eletivo.

Os deputados federais brasileiros de 2018 que obtiveram pontuação máxima no Índice são, em sua maioria, profissionais da segurança pública: Coronel Tadeu (PSL), Delegado Pablo (PSL) e Sanderson Federal (PSL), são oriundos da carreira de Policial Militar e Policial Federal. Fizeram sua filiação partidária no ano da eleição, no PSL, partido marginal de direita, o mesmo do ex-Presidente Jair Bolsonaro. Não haviam ocupado nenhum cargo na política institucional antes da eleição, mas tiveram passagens curtas pelo comando de associações profissionais de policiais.

Entre os que obtiveram nota máxima, somente um representante da esquerda, Denis Bezerra (PSB), fez carreira como advogado e concorreu por um partido tradicional, ao qual se filiou no mesmo ano de sua eleição. Ele nunca havia ocupado cargo na política institucional. A ligação de Bezerra com a política foi acumulando cargos de direção em associações profissionais de notários e registradores.

Com uma nota ainda acima de 9 no índice de *outsiderismo*, aparecem ainda outros 24 parlamentares; 83% deles não tinham nenhum dos atributos que caracterizam etapas da vida política, nem mesmo o envolvimento com algum tipo de ativismo político. Todos eles se filiaram a um partido político no mesmo ano da eleição, mais de 50% em partidos marginais de direita, mas há exemplos em todas as ideologias. No campo da direita destacamos o Deputado Kim Kataguirí (DEM).

Kim ganhou notoriedade como *youtuber*, com conteúdo sobre política e debates da atualidade, mas também abrangendo *games* (jogos de vídeo game online), *animes* (desenhos japoneses) e outros assuntos de interesse dos jovens. Ele é um dos líderes e fundadores do Movimento Brasil Livre (MBL), que foi o responsável pela organização de grandes passeatas pelo *Impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff (PT). Este movimento pode ser caracterizado como *anti-establishment* político, pois se alinha à crítica exacerbada dos agentes que comandam as instituições políticas e à classe política como um todo, além dos políticos da esquerda, em particular. Pessoas

associadas ao MBL já haviam conquistado outros cargos eletivos na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, como Arthur do Val, e na Câmara Municipal de São Paulo, Fernando Holiday. Atualmente o MBL sustenta um projeto chamado “Academia Valete”, focado na formação de líderes políticos, intelectuais e porta-vozes alinhados ao Liberalismo.

Já no campo da esquerda, tem-se apenas três parlamentares com nota acima de 9, todos do PSB, partido tradicional de centro-esquerda: um professor, Luiz Flávio Gomes, uma jornalista, Rosana Valle e uma cientista política, Tabata Amaral. Esta última tem uma biografia interessante, ela veio da periferia de São Paulo, mas fez graduação em Astrofísica e em Ciência Política na Universidade de Harvard, graças a um programa de bolsas de estudo da Fundação Estudar, criada pelos empresários Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira. Ao retornar ao Brasil, uniu-se a outros colegas brasileiros de Harvard e fundou, em 2014, o Movimento Mapa da Educação. Em 2017, fundou também o Movimento Acredito, focado na renovação política do país. Neste mesmo ano, foi uma das alunas do RenovaBR, outra iniciativa focada na formação e renovação dos políticos no Brasil. O RenovaBR selecionou 117 alunos para um programa de lideranças naquele ano: 16 líderes foram eleitos, sendo dez ao Congresso Nacional e seis às Assembleias Legislativas Estaduais. Ao todo, integrantes do RenovaBR receberam mais de 4,5 milhões de votos em 2018.

Um exemplo de deputado federal eleito pela primeira vez a um cargo eletivo, mas que pontuou zero no Índice de *Outsiderismo*, portanto, pode ser considerado um político estabelecido, é João Roma (Republicanos). Antes de se eleger, ele desempenhou uma longa carreira dentro da política institucional e partidária. Já em 1991, iniciou sua atuação como assessor do governo de Pernambuco. Em 1995, passou ao cargo de assessor do Ministério da Administração e Reforma do Estado. Posteriormente foi chefe do escritório da Agência Nacional do Petróleo (ANP) e, ainda, chefe de gabinete da Prefeitura de Salvador. Além disso, foi membro da direção executiva nacional do então PFL (Partido da Frente Liberal), como Presidente nacional da Juventude do Partido. Ele se elegeu por um partido marginal de direita, o PRB, atual Republicanos.

Outro exemplo de parlamentar com grau próximo a zero no índice, mas no campo da esquerda, foi Alexandre Padilha. Militante do Partido dos Trabalhadores, ajudou a fundar e assumiu a direção da primeira Secretaria da Juventude do partido no Estado de São Paulo, em 1992. Médico, seu principal cargo foi o de Ministro da

Saúde durante o primeiro governo da Presidente Dilma Rousseff (2011-2014), mas também desempenhou outros cargos na burocracia do Executivo, como Chefe de Gabinete da Secretaria de Relações Institucionais em Brasília-DF, e Secretário Municipal de Saúde da cidade de São Paulo, dentre outros, sempre na política institucional.

É interessante constatar que entre os casos máximos de *outsiders* e *insiders*, a maioria vem de partidos marginais. No caso dos *outsiders* nota 10, o partido marginal é o PSL, que antes de 2018 nunca tinha conquistado mais do que uma cadeira do parlamento. Já nos casos de nota perto de 0, ou seja, dos *insiders*, os partidos marginais são o PPS (atual Cidadania) e o PRB (atual Republicanos), que embora tenham conquistado mais cadeiras e mais relevância ao longo das legislaturas, até 2018 não haviam atingido o patamar dos partidos com as maiores bancadas da Câmara. Já em relação à ideologia, os mais *outsiders* eram de direita, e entre os menos *outsiders*, há a presença de apenas uma pessoa à esquerda e de outra ao centro. Quanto a diversidade, tanto os mais *outsiders* quanto os mais *insiders* do QUADRO 15 são homens brancos, com exceção de Igor Timo, que é pardo.

O QUADRO 16, a seguir, mostra que as notas máximas e mínimas de *outsiderismo* estavam nos partidos tradicionais em 2022. A diferença mais marcante é que os casos máximos são todos de direita, enquanto nos casos mais *insiders*, há três exemplares da esquerda.

QUADRO 16 - CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA DEPUTADOS(AS) NOVATOS(AS), BRASIL (2022)

Nome	Partido	Ideologia do partido	Tipo do Partido	Gênero	Cor / raça	Grau de <i>Outsiderismo</i>
Amália Barros	PL	direita	tradicional	feminino	branca	10
Dra. Alessandra Haber	MDB	direita	tradicional	feminino	branca	10
Sylvie Alves	UNIÃO	direita	tradicional	feminino	parda	10
Sargento Portugal	PODE	direita	Marginal	masculino	parda	10
Zé Trovão	PL	direita	tradicional	masculino	branca	10
Alfredo Gaspar	UNIÃO	direita	tradicional	masculino	branca	0
Jack Rocha	PT	esquerda	tradicional	feminino	preta	0,04
Dorinaldo Malafaia	PDT	esquerda	tradicional	masculino	parda	0,17
Dr. Ismael Alexandrino	PSD	direita	tradicional	masculino	branca	0,23
Josenildo	PDT	esquerda	tradicional	masculino	parda	0,35

FONTE: elaborado pela autora, 2024

Os deputados e deputadas novatas eleitos em 2022 que obtiveram pontuação máxima no índice de *outsiderismo* são todos de partidos da direita, a maioria é de partidos tradicionais. O grupo é composto por mulheres e homens, brancos e pardos. Um deles é Zé Trovão, que ganhou notoriedade ao ser entrevistado durante a greve dos caminhoneiros em 2018. Depois da fama, criou seu próprio canal no Youtube, em 2021, chamado *Zé Trovão, a Voz das Estradas*, e participava também de vídeos em outros canais, em que promovia conteúdos alinhados ao Bolsonarismo, como tratamento preventivo para Covid-19 (kit Covid), e o voto impresso em eleições. Ele foi investigado pelo Supremo Tribunal Federal por incitar atos antidemocráticos e violentos para a data de 7 de Setembro de 2021. O Ministro do STF, Alexandre de Moraes, determinou a prisão preventiva de Zé Trovão, que ficou foragido por dois meses antes de se entregar à Polícia Federal, e posteriormente foi solto mediante uso de tornozeleira eletrônica. Foi eleito com 71.140 votos pelo Estado de Santa Catarina.

Outro exemplo, Sylvie Alves, era jornalista, apresentava o Programa Cidade Alerta de 2011, ganhando notoriedade do público por seu jeito carismático. Além disso, sofreu e publicizou uma agressão do ex-companheiro e, depois do episódio, resolveu se engajar na luta pelo fim da violência contra a mulher. Foi a deputada federal mais votada de Goiás, com 254.653 votos.

Em relação aos que tiveram a pontuação mais baixa, todos pertencem a partidos tradicionais, o grupo é composto por adeptos da esquerda e da direita, por homens e mulheres, brancos, pretos e pardos. Um dos casos é Alfredo Gaspar (PL), que foi Promotor de Justiça e Procurador Geral de Justiça do Estado de Alagoas. Foi também presidente de Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado do Estado e, posteriormente, Secretário Estadual da Segurança Pública de Alagoas, conforme informações biográficas do site da Câmara dos Deputados, evidenciando que o deputado teve uma carreira pública extensa antes de vencer as eleições pela primeira vez.

Jack Rocha (PT) é uma mulher preta, foi Secretária de Municipal de Imprensa do município de Colatina/ES e participou da formação da Secretaria de Juventude da Central Única dos Trabalhadores. Também foi candidata à governadora do Espírito Santo em 2018, mas não foi eleita. Também foi candidata à vice-prefeita em 2020, novamente não resultando eleita. Assim, a deputada já acumulava experiência na política institucional, partidária e eleitoral. Em 2022, foi eleita pela primeira vez com 51.317 votos.

Os exemplos percorridos acima auxiliam na tarefa de diferenciar entre os novatos, aqueles que desempenhavam suas carreiras em outras áreas profissionais e, portanto, são inexperientes no âmbito da política, e aqueles que já estão familiarizados neste campo. O desempenho da função parlamentar inclui a representação política e a atividade legislativa e fiscalizatória, ou seja, trata-se de uma função de alta importância que exige habilidades específicas para seu adequado desempenho. Observar o nível de *outsiderismo* dos novatos em âmbito Legislativo pode auxiliar a entender que tipo de relação vão estabelecer com os ritos políticos praticados nessas instituições.

5 CHILE – RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 REFORMAS NAS LEGISLAÇÕES ELEITORAL E PARTIDÁRIA DO CHILE E A ELEIÇÃO DE SEBASTIAN PIÑERA

Datam de 2015 os episódios mais marcantes de decepção popular com a classe política chilena. Escândalos de corrupção no governo de Michelle Bachelet fizeram sua popularidade cair e movimentaram a cena política. Como resposta, seu governo criou um Conselho para combater o tráfico de influências e a corrupção, liderado pelo professor universitário Eduardo Engel. Este conselho propôs um pacote de medidas que deveriam ser tomadas pelo Congresso Nacional, a fim de reformar processos políticos. Uma série de modificações nas legislações eleitorais e nos partidos políticos foram aprovados como resultado deste processo.

Já nas eleições de 2017 operou uma importante mudança eleitoral (Lei 20.840/2015), em que foi extinto o sistema binomial para eleições parlamentares, e substituído por um sistema proporcional inclusivo, que considera os votos obtidos por cada candidato individualmente e, também, o total obtido pela lista de partidos ou pacto eleitoral. Além disso, foi aumentado o número de cadeiras, tanto no Senado (38 para 50) como na Câmara de deputados e deputadas (120 para 155), bem como, reduzido significativamente o número de distritos (60 para 28) e circunscrições eleitorais (19 para 15). Adicionalmente foi instituída a paridade de gênero para candidaturas.

Essas mudanças teriam como resultado previsível a entrada de novos atores no jogo político, tanto partidos como políticos. O sistema proporcional encorajaria novos partidos a disputarem cadeiras, já que o desenho do sistema antigo, o binominal, criado ainda na ditadura de Pinochet, desincentivava a participação eleitoral, pois favorecia a eleição dos candidatos das duas principais coligações e também a eleição dos incumbentes (Borel, 2019; Navia, 2004). Borel argumenta, inclusive, que o sistema binominal e o antigo desenho de Distritos eleitorais no Chile foram especialmente pensados pela Ditadura de Pinochet para evitar a ascensão de políticos de esquerda. A citação retirada por Borel do documento expedido pelo poder Executivo chileno à Comissão Legislativa responsável por decidir a fórmula eleitoral, deixa claro:

La iniciativa tiene por finalidad establecer un sistema electoral mayoritario, que dé expresión, fundamentalmente, a las grandes corrientes de opinión, que tenga um cierto efecto reductivo en el número de partidos, que no reitere la nefasta experiencia electoral y partidista del pasado, que ofrezca claridad al elector sobre el significado y consecuencias de su voto y que introduzca el pragmatismo en las decisiones en bien del país, favoreciendo la moderación de todos los actores políticos (Historia de la Ley 18799, p. 39 appud (Borel, 2019))

Na prática, o sistema binominal não reduziu o número efetivo de partidos no Chile, mas também não favoreceu o surgimento de novos, pois o desenho beneficiava as duas maiores coligações partidárias, de centro-direita e centro-esquerda, e prejudicava as forças alternativas.

Assim, as mudanças promovidas para 2017, aumento de cadeiras e redução dos Distritos, também favoreciam a possibilidade de mais pessoas e novas pessoas serem eleitas. Entretanto, análises sobre o impacto da nova legislação eleitoral nas eleições de 2017 concluíram que o novo sistema não teve um efeito substantivo em reduzir a desproporcionalidade da representação, as duas maiores forças políticas Chilenas continuaram a obter a grande maioria dos votos (Borel, 2019; Gamboa; Morales, 2020). Quanto à entrada de novos atores dentro dessas coligações ou em novas, esta pesquisa pretende desvendar.

Na primeira eleição sob o novo regramento, a coligação de direita *Chile Vamos*, encabeçada por Sebastian Piñera, recebeu 36,6% dos votos no 1º turno; a coligação de esquerda, *Nueva Mayoría* obteve 22,7% dos votos; e uma outra coligação de esquerda, a *Frente Amplia*, formada por uma série de pequenos partidos e movimentos de esquerda, conquistou 20% dos votos, alçando à posição de uma terceira força política, num cenário dominado por somente duas coligações até então. Essa candidatura tratava-se de Beatriz Sanchez Muñoz, uma jornalista famosa que foi convidada para ingressar na política para concorrer ao cargo de Presidente. Tratava-se, portanto, de uma completa *outsider*.

O segundo turno foi vencido com 54% dos votos por Sebastian Piñera, que era um candidato independente (sem partido), mas era também um ex-Presidente, uma figura já conhecida no panorama político e já testada no cargo.

5.2 A EXPLOSÃO SOCIAL NO CHILE, NOVAS PROPOSTAS DE MUDANÇA POLÍTICA E A ELEIÇÃO DE BORIC

Após as mudanças legislativas feitas para a eleição de 2017, a insatisfação da população chilena permaneceu e grandes protestos eclodiram em outubro de 2019 no Chile.

Tudo começou com protestos estudantis contra o aumento das passagens de metrô na cidade de Santiago, rapidamente, as manifestações se tornaram numerosas e violentas, causando degradação das estações de metrô, levando até o fechamento delas. A gravidade da situação fez com que houvesse um recuo no aumento das passagens, entretanto, o estopim da revolta popular já havia se alastrado pela população Chilena. Mais razões para o descontentamento popular foram lançadas: alto custo dos serviços públicos, do custo de vida, a desvalorização das aposentadorias etc., fazendo que com os protestos se alastrassem rapidamente por várias cidades, milhões foram às ruas.

A resposta inicial de Piñera foi a repressão e o reestabelecimento da ordem. Sem sucesso, ele teve de reconhecer a insensibilidade da classe política frente o descontentamento popular. Pouco menos de um mês do início dos protestos, o governo de Piñera junto da Oposição, elaborou uma série de medidas para responder as demandas do povo chileno e prometeu um plebiscito para consultar sobre a aprovação popular de uma nova Assembleia Constituinte, considerando que a Constituição Chilena vigente era a mesma desde a ditadura de Pinochet.

Depois dessa resposta robusta dos governantes, os protestos diminuíram, mas continuaram a acontecer. Segundo Dulci e Sadivia (2021) havia um ranço contra o passado ditatorial e as políticas neoliberais implantadas no Chile. Essas manifestações também foram ocasião para se rechaçar um passado que celebrava colonizadores e ditadores e resgatar a importância da história dos povos originários do Chile. Em março de 2020, as marchas pelo Dia Internacional da Mulher, 8M, levaram novamente milhares às ruas, seguidas de marchas estudantis. Os movimentos sociais continuaram muito vocativos, mas as medidas sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19, freou a possibilidade desses protestos se alastrarem novamente na mesma proporção.

A pandemia também postergou a realização do plebiscito por uma nova constituição, mas em outubro de 2020, um ano depois do início dos protestos, os chilenos foram às urnas e 78% dos eleitores votaram pela mudança da Carta. Além disso, os votantes decidiram que a nova Assembleia Constituinte seria formada exclusivamente por novos membros eleitos, sem necessidade de filiação partidária, e

com paridade de gênero de 50%. A rejeição de uma Constituinte mista, isto é, com a participação de parlamentares já eleitos, apontava mais uma vez para a insatisfação dos chilenos com a classe política.

A tendência por renovação se repetiu nas eleições para a composição da Assembleia Constituinte, em abril de 2021: dos 155 constituintes, 48 se apresentaram por listas independentes dos partidos políticos. Ainda, 17 cadeiras foram reservadas aos povos indígenas, e 50% de cadeiras para cada gênero. Apenas 50 militantes partidários se elegeram, e entre os não-militantes, se destacaram duas listas, a Lista do Povo, que surgiu nos protestos sociais de 2019 e conquistou 27 cadeiras na Assembleia (17,4%). Já a lista de Independentes para uma nova Constituição ficou com 11 cadeiras (Montes, 2021a).

Já as Eleições Gerais de 2021 foram realizadas em novembro, na esteira das eleições para a Constituinte e ainda em meio à pandemia de COVID-19. Era a primeira eleição em 16 anos sem Michelle Bachelet ou Sebastián Piñera. A disputa por si só já demonstrava o ímpeto do povo chileno em colocar uma figura nova na Presidência. Entre os três primeiros colocados no 1º turno, todos pertenciam a partidos recém fundados. Em primeiro lugar, José Antônio Kast (27,9% dos votos), candidato da extrema-direita, pelo *Partido Republicano*, criado em 2019, fruto de uma dissidência do *Unión Demócrata Independiente*. Em segundo, Gabriel Boric (25,8% dos votos) candidato de esquerda, pelo partido *Convergencia Social*, fundado em 2018 como resultado da união de diversos pequenos movimentos políticos de esquerda. E em terceiro Franco Parisi (12,8% dos votos), candidato do *Partido de La Gente*, criado em 2019, sem posição ideológica clara, claramente *anti-establishment* político, tendo ele próprio como um de seus fundadores. Parisi não tinha experiência política prévia, mas já havia concorrido em eleições anteriormente. Ele ganhou fama com participações em programas de rádio e em transmissões de plataformas digitais, fazendo comentários principalmente sobre a economia do país. Uma curiosidade é que ele fez toda a campanha residindo fora do Chile, e por questões judiciais de foro particular, não foi ao país nem mesmo para votar (Montes, 2021b).

O segundo turno foi disputado por José Antônio Kast e Gabriel Boric, o último venceu com 55,9% dos votos. Chegou ao cargo com 36 anos, antes disso, foi Deputado da República do Chile por dois mandatos. Em 2013 foi o único candidato independente que conseguiu se eleger fora do sistema eleitoral binominal, pelo Distrito de Magalhães e a Antártica Chilena. Em 2017, ajudou a formar o movimento político

Frente Ampla e foi reeleito ainda como Independente de partidos. Antes disso, Boric foi um destacado líder estudantil, ocupou o cargo de Conselheiro e depois de Presidente do Centro de Estudantes de Direito da Universidade do Chile e posteriormente foi Senador Universitário pela mesma instituição. Por esse histórico, a experiência política de Boric estava mais associada a mobilização social e a oposição ao governo (Badiola, 2023). A expertise para montar uma coalização, um gabinete presidencial e governar ainda seria testada.

Entre os presidentes Rebeldes tratados nesta tese, Boric é o único representante da esquerda, mas não da esquerda tradicional, e sim de uma “nova esquerda”, formada por duas correntes, a dos novos movimentos que emergem da mobilização estudantil de 2011 e a de partidos que se propunham como alternativa mais à esquerda da consolidada aliança de centro-esquerda chilena (Titelman, 2019). A chamada nova esquerda se caracteriza por enfatizar pautas como feminismo, multiculturalismo, ambientalismo, antineoliberalismo e, também, por defender de maneira intransigente a democracia e os direitos humanos, sendo crítica inclusive aos regimes governamentais de Cuba e Venezuela (Hoecker, 2022; Luna, 2022).

Sobre as eleições para o Congresso do Chile, além de todo o contexto de protestos e emergência de novos partidos à esquerda e à direita, uma nova regra eleitoral passou a vigorar, a Lei 21.238/2020, que reduziu o número de vezes que um parlamentar pode se reeleger para dois períodos. Desta forma, 50 deputados não puderam concorrer à reeleição em 2021. Antes, não havia limite para reeleição. Esse dispositivo favoreceu ainda mais que novatos entrassem na política, já que os políticos experientes estavam sendo literalmente barrados de concorrer novamente.

5.3 RESULTADO DA APLICAÇÃO DO ÍNDICE DE *OUTSIDERISMO*

A seguir inicia-se a análise com a apresentação do *corpus* da pesquisa, na TABELA 6:

TABELA 6 – DEPUTADOS E DEPUTADAS NOVATAS ELEITAS NO CHILE

Eleição	Total Eleitos(as)	Mulheres			Homens			Total Novatos (as)
		N eleitas	N novatas	% novatas	N eleitos	N novatos	% novatos	
2017	155 (100%)	35	15	42%	120	24	20%	39 (25%)
2021	155 (100%)	55	30	55%	100	26	26%	56 (36%)

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Em 2017, primeiro ano após a reforma eleitoral chilena, dos 155 deputados(as) eleitos(as) à Câmara dos Deputados, 39 eram novatos ou novatas (25%). Em 2021, esse número subiu para 56 parlamentares (36%), representando um aumento de 10 pontos percentuais na proporção de novatos(as) na Câmara.

Os dados também foram especificados por gênero. Como dito anteriormente, a reforma eleitoral de 2017 instituiu a paridade de gênero para candidaturas, sendo que um dos gêneros tem que ter ao menos 40% das candidaturas de uma lista. É um mecanismo transitório que será aplicado nos processos eleitorais parlamentares de 2017, 2021, 2025 e 2029. Até lá, os partidos políticos receberão recompensa financeira a cada candidata eleita. Além disso, as candidatas ao Senado e à Câmara passaram a ter direito ao reembolso adicional de suas despesas eleitorais de 0,0100 UF por cada voto obtido.

Percebe-se que o número de eleitas no geral aumentou consideravelmente de 2017 para 2021, e o número de novatas dobrou de uma eleição para a outra, de 15 para 30 casos, enquanto entre os homens, o número de novatos teve um leve aumento, de 24 para 26 casos. Esse dado por si só já demonstra que há mais mulheres do que homens sem experiência em outros cargos eleitorais chegando à Câmara das Deputadas e dos Deputados do Chile.

Ao aplicar a TRI a esses casos, o modelo original que reúne as sete variáveis foi proposto, mas seu ajuste ficou muito abaixo do estabelecido pela literatura sobre TRI. Testando várias possibilidades, combinações de diferentes itens de discriminação foram encontrados para cada eleição. Em 2017 o RMSEA variou de 0 a 0,9; o SRMSR ficou em 0,08, e o CFI com valor de 1. Em 2021, o ajuste do modelo ficou parecido, com os valores de RMSEA variando de 0 a 0,9, o SRMSR ficou em 0,07, e o CFI com valor de 1. Apesar das diferentes combinações, os itens que têm maior capacidade de discriminação são os mesmos em cada uma, conforme apresentado na TABELA 7:

TABELA 7 – CAPACIDADE DE DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS DO MODELO DE *OUTSIDERISMO*

Chile (2017)		Chile (2021)	
Item	<i>a</i>	Item	<i>a</i>
Ativismo	0.10	Ativismo	0.67
Burocracia Ex.	0.72	Associativismo	0.30

Secretariado	-0.12	Secretariado	0.12
Tempo fil. p.	12.7	Filiação partidária	1.4
Filiação partid.	24.7	Direção partidária	19.05
Direção partid.	12.09		

FONTE: a autora, 2024

Em 2017, o atributo com maior capacidade de discriminação era a condição de não ser filiado a um partido político, ou seja, concorrer como independente. Em seguida, há dois itens com grande capacidade de discriminação: o pouco tempo de filiação partidária, isto é, quem se filiou no mesmo ano da eleição, e o fato de não ter tido cargo de direção partidária também teve alto impacto. Não ter sido secretário de Estado foi indiferente, e não ter tido cargos na burocracia do Executivo ou não ter atuado como ativista político tiveram uma baixa capacidade de discriminação de *outsiders*.

Em 2021, o atributo com maior capacidade de discriminação é a condição de não ter exercido cargo de direção partidária, seguido pela condição de não estar filiado a um partido político. Mais distante está o atributo de não ter tido ativismo político, nem histórico de associativismo. Por fim, contou não ter exercido a função de Secretário ou Ministro. Em ambos os anos, a relação do novato com o sistema partidário determina seu caráter de *outsider*.

Na TABELA 8 observam-se as estatísticas do índice de *outsiderismo*, em que os valores de média e mediana são moderados, e o valor baixo do 1º quartil denuncia que há muitos *insiders* dentro do grupo de deputados novatos no Chile.

TABELA 8 - ESTATÍSTICAS DO ÍNDICE DE *OUTSIDER* PARA DEPUTADOS E DEPUTADAS DO CHILE

Eleição	medidas	Valores
2017	média	4,5
	mediana	4,5
	1º quartil	0,7
	min	0
	máx	10
2021	média	5,8
	mediana	5,8
	1º quartil	6,8
	min	0
	máx	10

FONTE: a autora, 2024

Todas as estatísticas de *outsiderismo* do grupo eleito em 2021 são consideravelmente mais altas do que o grupo de 2017. Em outras palavras, o grupo de parlamentares eleitos junto ao Presidente Boric é mais *outsider* do que o eleito junto à Piñera.

A mudança da legislação eleitoral para as eleições de 2017 já projetava a entrada de novos atores na cena política, membros de novos partidos e mulheres, devido à paridade de gênero, o que realmente ocorreu. Mas, em 2021, a entrada de novatos com perfil mais *outsider* foi maior. Ainda no mesmo ano, também entrou em vigor uma lei que proibia a reeleição de alguns candidatos, dificultando a tarefa de determinar o que mais influenciou esta renovação: restrição da legislação, momento político acalorado ou candidatos à Presidência Rebeldes, em novos partidos, vencendo no primeiro turno.

Retomando a análise dos dados, quanto aos tipos de partidos pelos quais esses novatos se elegeram, o QUADRO 17 apresenta a classificação dos partidos chilenos que elegeram novatos(as) em 2017 e 2021.

QUADRO 17 – CLASSIFICAÇÃO DOS PARTIDOS CHILENOS POR IDEOLOGIA E TIPOLOGIA

Partido	Fundação	Ideologia	Tipo de partido
<i>Partido Comunista de Chile</i>	1922	esquerda	tradicional
<i>Partido de La gente</i>	2019	direita	novo
<i>Partido Republicano de Chile</i>	2019	direita	novo
<i>Convergencia Social</i>	2018	esquerda	novo
<i>Partido Unión Demócrata Independiente</i>	1983	direita	tradicional
<i>Partido Socialista de Chile</i>	1933	esquerda	tradicional
<i>Partido Demócrata Cristiano</i>	1957	centro	tradicional
<i>Partido Social Cristiano</i>	2022	direita	novo
<i>Partido Ecologista Verde</i>	2006	esquerda	marginal
<i>Partido Renovacion Nacional</i>	1987	direita	tradicional
<i>Partido por la Democracia</i>	1987	esquerda	tradicional
<i>Revolución Democrática</i>	2012	esquerda	marginal
<i>Partido Humanista</i>	1984	esquerda	marginal
<i>Partido Comunes</i>	2020	esquerda	novo
<i>Partido Liberal de Chile</i>	2013	esquerda	marginal
<i>Partido Progressista</i>	2010	esquerda	marginal
<i>Partido Poder</i>	2015	sem informação	marginal

FONTE: A autora com base no sítio eletrônico da Biblioteca do Congresso Nacional do Chile, 2024

Sobre a proporção de deputados(as) novatos(as) em cada partido, a TABELA 9 mostra que em 2017 a maioria dos novatos estava em partidos novos e tradicionais, e o grau de *outsiderismo* para todos os tipos de partidos era muito baixo, aproximando-se de um perfil de *insider*. Já os novatos do grupo de independentes apresentavam o maior nível de *outsiderismo*. Esse resultado não surpreende, considerando que os atributos que mais discriminam *outsiders* no contexto chileno estão relacionados à participação em partidos e em suas instâncias. No Chile, a legislação eleitoral permite que candidatos se apresentem na condição de independentes, ou seja, sem estarem filiados a um partido político. Entretanto, eles precisam estar dentro de uma lista de candidatos apresentada por um partido.

TABELA 9 – DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS NOVATOS POR TIPO DE PARTIDO, CHILE

Eleição	Tipo de partido	N	média	%
2017	Independentes	7	9,9	18
	Marginal	4	4	10
	Novo	14	3	36
	Tradicional	14	3,4	36
2021	Independentes	22	8,8	39
	Marginal	5	2,5	9
	Novo	15	4,5	27
	Tradicional	14	3,8	25

FONTE: a autora, 2024.

Em 2021, a maioria dos novatos pertencia ao grupo dos independentes (39%), e esse grupo também apresentou a maior média do grau de *outsider* (8,8). Resultado que também é esperado considerando que em 2021 o poder de discriminação dos atributos relacionados ao partido também foram os mais impactantes. Da mesma forma, o grau de *outsiderismo* dos filiados a partidos foi baixo, sendo o mais baixo os de filiados a partidos marginais.

Estes achados confirmam a literatura ao indicar que *outsiders* ascendem fora do sistema partidário do seu país. No caso do Chile, eles estão mais evidentes na condição de independentes do que na condição de pertencentes a partidos novos ou marginais. Intriga, no entanto, que os filiados a partidos marginais tenham a média de grau de *outsiderismo* mais baixa do que os filiados a partidos tradicionais.

Acerca do alinhamento ideológico dos partidos pelos quais os novatos se elegeram, a TABELA 10 mostra que em 2017 os deputados novatos eram mais alinhados à esquerda do que à direita (56,6% x 43,4%). Em 2021 essa diferença diminuiu (50% x 46,4%). No caso dos independentes, optou-se por incorporá-los ao alinhamento ideológico da lista eleitoral pela qual se inscreveram para participar das eleições, ao invés de criar uma categoria separada só com independentes, como se fosse impossível supor seu alinhamento sem a filiação partidária.

Entre os países analisados, o Chile é o único com mais *outsiders* à esquerda do que à direita. Quanto aos dados de 2017, em que Piñera, um Presidente de direita, foi eleito, o resultado pode ter a ver com a hipótese de Borel (2019), de que o sistema eleitoral antigo dificultava a eleição de candidatos novos e da esquerda.

Já em 2021, a maior presença de deputados e deputadas novatas de esquerda pode ser atribuída ao efeito de cauda de Gabriel Boric, líder de esquerda. Entretanto, o adversário de Boric era um candidato Rebelde da extrema-direita. José Antônio Kast, apesar de ter experiência como parlamentar, fundou um novo partido para concorrer às eleições de 2021, e adotou discursos radicais em sua campanha.

TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DE DEPUTADOS(AS) NOVATOS(AS) POR IDEOLOGIA DO PARTIDO OU LISTA, CHILE

Eleição	Ideologia	N	média grau de <i>outsiderismo</i>	%
2017	Direita	17	4,6	43,6
	Esquerda	22	4,4	56,4
2021	Centro	2	7,2	3,6
	Direita	26	6,7	46,4
	Esquerda	28	4,9	50

FONTE: a autora, 2024

Quanto ao grau de *outsiderismo*, ele é ligeiramente maior entre os deputados da direita em 2017, e bem acentuado em 2021. Embora o maior grau seja dos deputados de centro, mas que tem um N muito pequeno. Assim, há mais novatos de esquerda do que de direita em ambas as eleições, mas os novatos de direita têm um grau de *outsiderismo* um pouco maior em 2017 e consideravelmente maior em 2021, do que os da esquerda.

A seguir, o QUADRO 18 traz uma lista de valores extremos para o grau de *outsider* de deputadas e deputados novatos do Chile em 2017. Os valores extremos são divididos em dois grupos: os mais altos e os mais baixos. Cinco casos são listados como os mais baixos, com grau 0, isto é, novatos com atributos de políticos profissionais. E cinco casos estão listados como os mais altos, com valores que variam de 9,92 a 10 no índice de *outsider*, indicando que se tratam de novatos que são completos *outsiders* dentro do contexto do estudo, possivelmente indicando que eles têm pouca ou nenhuma ligação com o *establishment* político tradicional.

QUADRO 18 – CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA CHILE, 2017

Nome	Partido	Ideologia	Tipo do partido	Gênero	Grau
Alvaro C. Fernandez	Independente (UDI)	direita	tradicional	masculino	10
Camila R. Valderrama	Independente (izq. aut.)	esquerda	novo	feminino	9,92
Erika O. de la Fuente	Independente (RN)	direita	tradicional	feminino	9,92
Diego S. Sepulveda	Independente (RN)	direita	tradicional	masculino	9,92
Diego I. Cotreno	Independente (Mov aut.)	esquerda	marginal	masculino	9,92
Miguel C. Serrano	<i>Revolucion Democratica</i>	esquerda	novo	masculino	0
Pablo V. Rojas	<i>Revolucion Democratica</i>	esquerda	novo	masculino	0
Tomas H. Goldsmidt	<i>Partido Humanista</i>	esquerda	marginal	masculino	0
Mario D. Jimenez	<i>Renovacion Nacional</i>	direita	tradicional	masculino	0
Camila F. Oporto	<i>Renovacion Nacional</i>	direita	tradicional	feminino	0

FONTE: a autora, 2024.

Entre os que obtiveram grau zero, o Deputado Tomas Goldsmidt, iniciou sua trajetória política nos anos 1980, como ativista contra a ditadura miliar, sendo o dirigente nacional do Movimento por Eleições Livres. Em 1984, participa da fundação do partido *Humanista*, tornando-se seu presidente anos depois. Participa do desenvolvimento de outras organizações políticas ao longo dos anos, e se candidatou a vários cargos políticos, inclusive ao de Presidente, resultando eleito como deputado, porém, somente nas eleições de 2017.

Outro exemplo é a Deputada Camila Oporto, que é militante do partido *Renovación Nacional* desde os 18 anos de idade, tendo ocupado o cargo de Presidenta da Juventude do Partido em âmbito municipal e distrital, além de ser Conselheira em nível nacional. Foi assessora da Direção Nacional da Guarda Prisional e Chefe de gabinete do Diretor Nacional da mesma instituição. Posteriormente, ingressou na Prefeitura de Cerro Navia, atuando como Diretora

Adjunta de Desenvolvimento Comunitário. Elegeu-se ao cargo de Deputada aos 30 anos de idade.

Quanto aos exemplos de *outsiders*, a Deputada Erika Oliveira é uma ex-atleta chilena, recordista em número de participações em Olimpíadas e em participação de maratonas de corrida. Anos antes de encerrar a carreira de atleta, manifestou o interesse de ingressar na política. Elegeu-se em 2017 como Independente dentro da lista eleitoral do *Renovacion Nacional*.

Ainda entre os mais *outsiders* está o Deputado Alvaro Carter, que se elegeu em 2017 com a pauta do *Bullying*. Antes de sua eleição, não havia ocupado nenhum cargo na política institucional, nem em partidos, tampouco fez parte de sindicatos ou grêmios estudantis. A pauta eleitoral foi o combate ao *Bullying* infantil.

Importante destacar que vários *outsiders* tiveram em comum com os *insiders* a passagem pelo comando de grêmios estudantis e federações de estudantes universitários. Este engajamento é comum também entre deputados de direita e de esquerda no Chile.

Passando para a análise dos casos extremos da eleição de 2021, o QUADRO 19 mostra que os mais *outsiders* da eleição pontuaram nota máxima, 10, e os menos *outsiders* pontuaram nota 0 ou próximo de 0, indicando que estes deputados são considerados muito menos *outsiders* em comparação com o resto dos novatos, possivelmente indicando uma maior integração com o *establishment* político.

QUADRO 19 – CASOS REPRESENTATIVOS DOS VALORES EXTREMOS DO ÍNDICE PARA CHILE, 2021

Nome	Partido	ideologia do partido ou lista	tipo do partido ou lista ⁷	Gênero	Grau outisderismo
Gonzalo de La Correa	Independente	direita	novo	masculino	10
Paula Labra Besserer	Independente	direita	novo	feminino	10
Javiera Ignacia Morales Alvarado	Independente	esquerda	novo	feminino	10
Natalia Romero Talguia	Independente	direita	tradicional	feminino	10
Hotuiti Teao Drago	Independente	direita	novo	masculino	10
Nathalie Castillo Rojas	<i>Partido Comun. de Chile</i>	esquerda	tradicional	feminino	0

⁷ No caso dos independentes, foi colocado uma proxy da ideologia e do tipo do partido da lista pelo qual concorreram.

Daniel Manouchehri Lobos	<i>Partido Social. de Chile</i>	esquerda	tradicional	masculino	0
Ericka Ñanco Vásquez	<i>Revolución Democrática</i>	esquerda	marginal	feminino	0
Emilia Schneider Videla	<i>Partido Comunes</i>	esquerda	novo	feminino	0
Daniela Serrano Salazar	<i>Partido Comum. de Chile</i>	esquerda	tradicional	feminino	0

FONTE: Elaborada pela autora, 2024.

Novamente, todos os casos que obtiveram pontuação máxima no índice são candidaturas independentes, com exemplos mais à direita do que à esquerda. Um dos casos destacados é Hotuiti Teao Drago, um homem da etnia rapanui. Drago é independente, concorreu na lista do Partido *Evópoli*, de direita. Iniciou a carreira profissional como modelo e apresentador de TV em 2003. Já em 2009 foi cotado como possível candidato à Câmara de Deputados por Valparaíso, mas a candidatura não prosperou. Em 2013, a candidatura foi oficialmente lançada, mas não obteve votos suficientes para ser eleito. Foi candidato novamente nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, mas, mais uma vez, não resultou eleito.

Outro caso é de Natalie Romero, eleita como Independente dentro da aliança *Chile Podemos Mas*, construída por partidos tradicionais à direita. Antes da eleição, a atuação política de Romero se restringiu à Chefia de Comunicações da Diretoria de Serviços de Saúde da região de O'Higgins (2011-2014).

Destaca-se que para o grupo de deputados eleitos em 2021 no Chile, o atributo de ter atuado em funções da burocracia do Executivo foi excluído do modelo, pois a inclusão desse atributo não apresentou bons ajustes. Desse modo, muitos dos *outsiders* chilenos já tiveram uma trajetória no serviço público, mas considerando os demais atributos da carreira política chilena, ter um histórico de militância estudantil, ativismo e vínculos partidários são fatores que distinguem mais o *outsider* do que a passagem por cargos no poder Executivo.

Quanto aos parlamentares que obtiveram nota 0 no Índice, todos os exemplos são do campo da esquerda e pertencem a partidos políticos, sendo quatro mulheres e um homem. Emilia Schneider Videla, eleita por um partido novo, o *Comunes*, foi dirigente estudantil. Emília é a primeira parlamentar transgênero do Chile e, antes de sua eleição, teve atuação ativa pelos direitos LGBTQIAPN+, foi coordenadora do 8M, Maio Feminista, também participou ativamente dos protestos de rua por uma nova

constituição chilena entre 2019 e 2020. Além disso, ocupou o cargo de vice-Presidente de seu partido.

Outro exemplo é Nathalie Castillo, que iniciou a carreira política como dirigente da Federação de Estudantes da Universidade de La Serena e foi militante da Juventude Comunista. Como membra do Partido Comunista, fez parte do Comitê da Região de Coquimbo e do Comitê Central para o período 2020-2024. Além disso, foi Chefe de Gabinete da Secretaria Ministerial Regional de Saúde da mesma região.

Embora se tratem de duas deputadas muito jovens, ambas evidenciam uma longa relação com o universo político antes de sua primeira eleição.

Em comparação com o conjunto de *outsiders* do Brasil, percebe-se o quanto a legislação eleitoral pode impactar na discriminação do que é ser *outsider*. No Brasil, em que a possibilidade concorrer como independente não é permitida, os fatores associados aos partidos têm baixo poder de discriminação, e o que mais impacta é se eles exerceram ou não cargos de secretariado ou na burocracia do Executivo. Já no Chile, os atributos que relacionam o sujeito ao mundo político são outros, estão fundados na relação dele com o partido, seja a filiação, o tempo de filiação, e a participação em cargos de direção do partido. Outro fator é a participação na direção de grêmios estudantis, trajetória que é muito comum a parlamentares chilenos, tanto da esquerda como da direita.

6 ARGENTINA – RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 A ELEIÇÃO DE ALBERTO FERNANDEZ E O AGRAVAMENTO DA CRISE FINANCEIRA E POLÍTICA DA ARGENTINA

A história recente da crise econômica e política da Argentina tem um marco fundamental em 2001, sob a Presidência de Fernando de la Rúa (UCR), quando o país passava por índices de pobreza e desemprego alarmantes, e não conseguia mais sustentar as medidas impostas pelo Fundo Monetário Internacional. Para solucionar a questão, novos ministros da Fazenda foram nomeados e impuseram medidas econômicas impopulares. Uma delas foi o congelamento do dinheiro nas poupanças, medida conhecida como *corralito*, que fez eclodir protestos de rua em toda a Argentina, violentamente reprimidos pelo Estado, e que resultou na renúncia do então Presidente (Costa, 2018).

Este episódio impactou todo o sistema político argentino. Conforme demonstrado na Introdução, os índices de confiança no Congresso, no Presidente e nos partidos políticos sofreram grandes quedas entre 2001 e 2003. Um dos impactos foi no sistema partidário do país. O período de 1983 até 1999 foi caracterizado por um bipartidarismo protagonizado pelo Partido *Justicialista* e pela *União Cívica Radical* - UCR (Mauro, 2020). Após a crise de 2001 a UCR, partido do Presidente de La Rúa, foi descredibilizado por seus eleitores. Assim, nas eleições que se seguiram, em 2003, 2007 e 2011, o partido fez baixas votações, abrindo espaço para o surgimento de novos partidos que tomaram seu lugar, como o PRO, criado em 2005 (Costa, 2018).

No período de 2003 a 2013, o Peronismo, liderado pelo *Frente para la Victoria*, estabeleceu uma hegemonia, especialmente sob as presidências de Néstor Kirchner e Cristina Kirchner. As vitórias consecutivas em eleições presidenciais em 2007 e 2011 consolidaram essa posição dominante. A oposição não peronista, por sua vez, era fragmentada e instável, incapaz de oferecer uma alternativa coesa e duradoura ao eleitorado. Diversas forças políticas não peronistas surgiram e desapareceram ao longo do tempo, sem conseguir um espaço significativo e permanente. (Degiustti; Scherlis, 2020).

Outro fator que contribuiu para essa hegemonia do peronismo frente outras forças políticas foi a tendência à desnacionalização da competição eleitoral e das

organizações partidárias (Clerici, 2015), o que levou a um aumento da fragmentação legislativa.

Em 2015 houve uma ruptura, com a vitória de Mauricio Macri, do *Propuesta Republicana* - PRO, na coalização *Cambiamos*, apoiada pela UCR, e *La Coalición Cívica* Ari e outros partidos menores. Era a primeira vez que uma força política de direita e não-peronista chegava ao poder na Argentina através de eleições democráticas desde a transição democrática do país (Anria; Vommaro, 2020). Segundo Anria e Vommaro (2020), o governo de Macri foi mal-sucedido porque não houve apoio suficiente de sua coalizão de governo para implementar as reformas econômicas prometidas, e ainda, os sindicatos e movimentos sociais, representando os setores populares, mantiveram alta capacidade de mobilização, bloqueando tentativas de eliminar proteções estatais. Finalmente, com a perda de acesso ao crédito internacional e o subsequente pedido de resgate ao FMI, o governo teve de adotar uma política de austeridade. Isso levou à perda de apoio de setores sociais importantes para a ascensão de Macri, incluindo grandes segmentos da classe média.

Após a derrota durante o governo Macri, as forças peronistas se reorganizaram para voltar ao poder em 2019. A vitória de *Cambiamos* em 2015 e o retorno do peronismo com a *Frente de Todos* em 2019, gerou uma alternância de forças que contribuiu para estabilizar e nacionalizar a competição política (Degiusti; Scherlis, 2020).

Sobre a eleição de Alberto Fernandez, tema principal desta seção, de acordo com Montal e Vázquez (2021), a vitória só foi possível em virtude da formação de uma coalizão que incluiu uma ampla gama de partidos e facções com diferentes interesses e preferências políticas, o que impôs grandes desafios de governabilidade, já que muitas políticas públicas encontravam críticas dentro da própria coalizão. Além disso, o novo governo assumiu tendo como cenário a inflação persistente acima de dois dígitos por mais de uma década. Apesar da redução do déficit fiscal, a dívida pública em moeda estrangeira cresceu, atingindo cerca de 70% do PIB até o final de 2019. A pobreza aumentou desde 2016, afetando mais de 25% dos lares e mais de 35% da população na posse do novo governo.

Além do desafio da renegociação da dívida pública, Fernandez ainda teve que enfrentar a pandemia de COVID-19, e os efeitos da polarização ideológica entre eleitores e líderes políticos. As medidas de enfrentamento da pandemia de COVID-19, como a política de isolamento social severo, ensejaram o contexto que permitiu o

crescimento e a visibilidade pública de atores que vinham se aproximando de posturas de direita radical (Morresi; Ramos, 2023). As eleições parlamentares de meio de mandato, em 2021, realizadas neste contexto de desgaste do governo, resultaram em uma derrota da coalizão governista. A composição da Câmara de Deputados ficou com 118 cadeiras para o governo, 116 para *Juntos por el Cambio*, e 23 para outros partidos. No Senado, a bancada do governo caiu de 41 para 35 assentos (Oliveros; Vommaro, 2022).

A vitória numérica do *Juntos por el Cambio*, junto à ascensão de um novo partido de direita, o *La Libertad Avanza* (LLA), que obteve 13,66% dos votos em Buenos Aires, elegendo ao Congresso Javier Milei e Vitória Villarruel, mostrou um desempenho significativo para uma força política emergente e apontou um movimento de guinada à direita do eleitorado argentino (Cruz Olmeda; Soto Licea, 2021).

6.2 A REJEIÇÃO DA CLASSE POLÍTICA ARGENTINA E A VITÓRIA DE JAVIER MILEI

O resultado das primárias argentinas, realizadas em agosto de 2023, mostrou Javier Milei a frente dos candidatos das principais coligações partidárias e colocou partidos e outros observadores em alerta. Javier usava um discurso que combina propostas neoliberais com ataques à classe política tradicional, o que levou a comparações com líderes como Donald Trump e Jair Bolsonaro devido ao seu perfil *anti-establishment* político (Cruz Olmeda; Soto Licea, 2021). Milei era um economista que ganhou notoriedade participando de programas de TV, e exibindo neles toda sua excentricidade, que vai das opiniões radicais sobre economia, até sua estranha relação espiritual com um cachorro de estimação já falecido. Mas o repertório e os movimentos de Milei em direção à política eram estratégicos, e vinham sendo construídos desde 2019. Conforme argumentam Morresi e Ramos (2023), a vitória de Milei não foi um “raio em céu azul”.

La influencia del Rothbard paleolibertario y populista en Milei es indudable. Cada una de las propuestas del teórico norteamericano fue retomada por el político argentino con dos excepciones. La primera es que en lugar de buscar capturar un partido, optó por crear un sello propio. Esto le permitió, por un lado, liberarse de realizar compromisos o negociar su plataforma y, por el otro, extremar su carácter anti-establishment. Esto ha llevado a algunos observadores a considerar la propuesta de LLA como anti-política una percepción que a nuestro entender es errada, no solo porque Milei tomó la

decisión de dedicarse a la política sino también porque sus constantes denuncias a la casta (un término que ya había sido usado desde la izquierda por Podemos en España) están dirigidas a ciertos políticos a los que él considera en algún punto de izquierda o contaminados por el colectivismo. En este sentido, más que anti-política, lo que Milei proyecta es una imagen que amalgama el extremista y el outsider que impugna el statu quo, lo que en una situación de crisis económica y de fracasos sucesivos de gobiernos distintos (JPC en 2015-2019 y FDT en 2019-2023) representa un activo. (Morresi; Ramos, 2023, p. 07)

Em 2023, no primeiro turno das eleições, o candidato governista da aliança *Union por la Pátria*, Sergio Massa, saiu na frente com 36,6 % dos votos. Em segundo lugar, com 29,9% dos votos, ficou Javier Milei, e por fim, a candidata do *Juntos por el Cambio*, Patricia Bullrich, representante da direita tradicional, ganhou 23,8% dos votos. No segundo turno, com o apoio de Bullrich, Milei superou o candidato governista e venceu as eleições presidenciais argentinas com 55,6% dos votos.

Essas eleições argentinas foram realizadas sob uma forte crise econômica, com a inflação batendo acúmulo de 142% no mês da eleição. Não seria a primeira vez que uma crise econômica mexeria com o sistema político a ponto de ajudar a ascensão de novas forças políticas. Mas a estratégia de nacionalização do *LLA* pelas províncias argentinas chama a atenção pela modulação de diferentes pautas para cada contexto, embora todas sejam alinhadas à ideias liberais para o mercado, mas conservadoras nos costumes (Morresi; Ramos, 2023).

6.3 CLASSIFICAÇÃO DE PARTIDOS, BLOCOS E COLIGAÇÕES

Uma particularidade sobre o caso argentino, foi o desafio de estabelecer a ideologia e o tipo do partido. Primeiramente, porque a informação sobre qual partido os deputados são filiados é de difícil acesso, pois não é possível encontrar essa informação nem através do site do Congresso Nacional Argentino, nem pela Câmara Argentina Eleitoral, tampouco no sítio do Diretório Legislativo. Ao invés disso, é informado o bloco ou a lista partidária eleitoral e a aliança partidária a qual pertencem. Assim, embora a Lei dos Partidos Políticos (Lei 23.298) da Argentina cite que aos partidos "são incumbidos de forma exclusiva a indicação de candidatos a cargos públicos eletivos", ao que parece os partidos são menos importantes do que as coligações eleitorais e blocos parlamentares formados entre os partidos.

A complexidade do sistema partidário argentino é muito bem explicada por Clerici (2015). Segundo a autora, legalmente, a Argentina reconhece diversas formas

de organizações políticas, incluindo partidos nacionais, provinciais, de distrito e municipais. Esses partidos podem se organizar em confederações, que oferecem uma união mais permanente entre partidos, preservando suas identidades legais, mas agindo como uma única entidade e, também, podem se organizar em alianças, que são temporárias e formadas exclusivamente para fins eleitorais. Em 2009, ano em que foi aprovada uma reforma eleitoral no país, foram contabilizadas 785 agrupações políticas de distrito aptas para apresentar candidatos para compor o Congresso Nacional.

Desde a redemocratização da Argentina até 2019, as alianças eleitorais e coalizões de governo tiveram formatos e importância diferentes em cada período, mas sempre foram a forma hegemônica de apresentação eleitoral dos partidos (Cruz, 2019).

Como já mencionado, houve uma reforma eleitoral em 2009 que buscava corrigir este e outros problemas do sistema partidário e eleitoral argentino. A Lei de "Democratização da Representação Política, da Transparência e da Equidade Eleitoral" de 2009 alterou significativamente o Código Nacional Eleitoral, introduzindo as eleições primárias abertas simultâneas e obrigatórias (conhecida como PASO), e estabelecendo critérios mais rigorosos para a formação e manutenção de partidos políticos. Essas mudanças visavam aumentar a transparência e a equidade no processo eleitoral argentino (Straface; Page, 2009).

Esta pesquisa encontrou a filiação partidária de deputados e deputadas somente quando essa informação constava em sua biografia. Em sítios eletrônicos oficiais, a informação disponível era o bloco parlamentar ou a aliança partidária pela qual o candidato se elegeu. Embora o Diretório Legislativo forneça informações intituladas "bloco" e "partido", com a coleta foi possível perceber que essas informações eram confusas, sem distinguir partido de coalizão.

A seguir o QUADRO 20 apresenta a classificação por ideologia e tipo dos partidos e dos blocos que concorreram às eleições argentinas em 2021 e 2023. Uma particularidade que merece atenção é que os blocos se reformulam e mudam de nome a cada eleição, mesmo que os grupos políticos e os principais partidos que o compõem permaneçam o mesmo. Por exemplo, as coligações *Union por la Patria* e *Frente de Todos* são coligações que mantêm como base o Partido *Justicialista*. Em 2015 se chamava *Frente por la Victoria* e teve outros nomes em anos anteriores. Apesar de a coligação sofrer mudanças incrementais a cada eleição, envolvendo mais

ou menos partidos marginais de esquerda e centro, ou alas do Partido *Justicialista*, não houve nenhuma mudança que pudesse descaracterizar essa coligação.

QUADRO 20 – CLASIFICACIÓN DOS PARTIDOS E BLOCOS ARGENTINOS POR ELEIÇÃO, IDEOLOGIA E TIPO

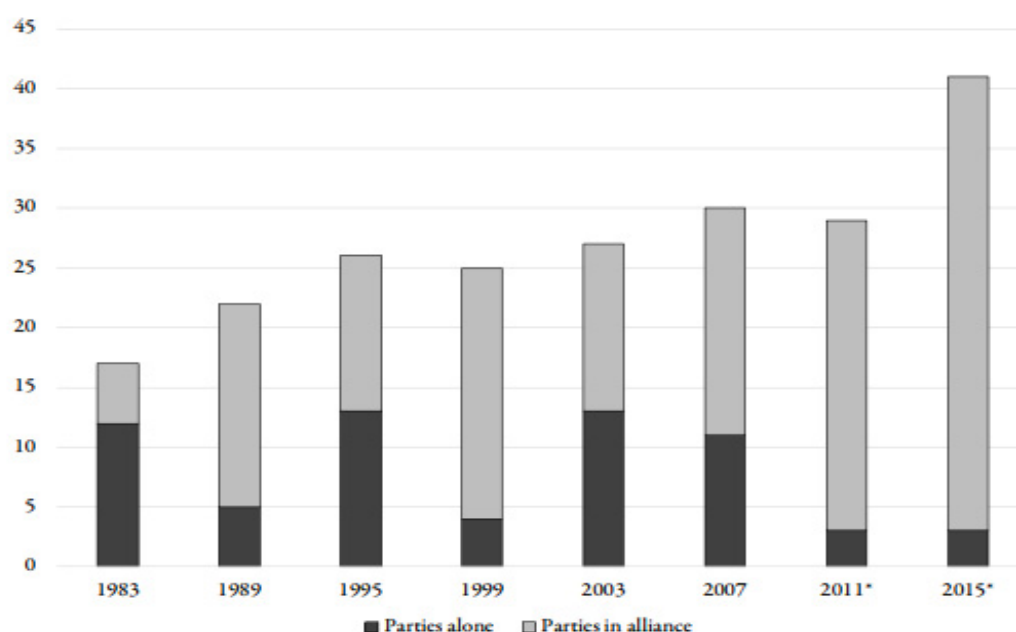
Blocos partidários 2023	Ano de fundação	Ideologia do Bloco	Tipo do Bloco
<i>PRO</i>	2005	direita	tradicional
<i>Innovacion Federal</i>	2023	centro	novo
<i>Union por la Patria</i>	Renomeação	esquerda	tradicional
<i>Hacemos Coalicion Federal</i>	2023	centro	novo
<i>UCR</i>	1891	centro	tradicional
<i>La Libertad Avanza</i>	2021	direita	emergente
Partidos e coligações 2023		Ideologia	Tipo
<i>Libertário CABA</i>	2018	direita	marginal
<i>Movimiento Popular Neuquino.</i>	1961	centro	marginal
<i>Partido democrata</i>	1931	direita	marginal
<i>Buenos Aires Libre</i>	2023	direita	novo
<i>Republicanos</i>	2020	direita	novo
<i>Ciudadanos</i>	2021	direita	novo
<i>Alianza la fuerza de Santa Fe</i>	s/i	direita	novo
<i>Frente Renovador de la Concordia</i>	s/i	centro	novo
Blocos partidários 2019		Ideologia do Bloco	Tipo do Bloco
<i>PRO</i>	2005	direita	tradicional
<i>Coalición Cívica</i>	2002	centro	tradicional
<i>Frente de Todos</i>	Renomeação	esquerda	tradicional
<i>Córdoba Federal</i>	s/i	centro	novo
<i>Consenso Federal</i>	2019	centro	novo
<i>UCR</i>	1891	centro	tradicional
Partidos e coligações 2019		Ideologia	Tipo
<i>Partido Justicialista</i>	1946	centro	tradicional
<i>Partido Comunista Revolucionario</i>	1968	esquerda	marginal
<i>Juntos por el Cambio/Cambiemos</i>	2015	direita	tradicional
<i>Izquierda popular</i>	1968	esquerda	marginal
<i>Cambia Mendoza</i>	2015	centro	marginal
<i>Unión por Córdoba</i>	1998	centro	marginal
<i>Consenso Federal</i>	2019	centro	novo

FONTE: Elaborado pela autora, 2024.

Essa disputa política mais centrada em alianças e blocos eleitorais do que nos partidos, é um desafio enorme para classificar os deputados novatos, pois fica a

dúvida se o que deve ser levado mais em conta é o partido ou o bloco. A FIGURA 4 abaixo mostra que de 1999 em diante, a tendência da competição eleitoral argentina foi formar alianças eleitorais (Clerici, 2015; Mauro, 2020). Essa tendência e o fato da informação dos blocos ser mais presente do que dos partidos, embasa esta opção metodológica de classificar a ideologia e o tipo das alianças e não dos partidos.

FIGURA 4 – NÚMERO DE PARTIDOS E ALIANÇAS QUE COMPETEM POR BANCADAS DE DEPUTADOS NACIONAIS (1983-2017)



FONTE: (MAURO, 2020)

Certamente, esta classificação foi feita com padrões menos adequados do que os aplicados nos casos de Chile e Brasil, mas é a possível diante da complexidade do sistema partidário argentino.

6.4 APLICAÇÃO DO ÍNDICE DE *OUTSIDERISMO*

A análise inicia com a apresentação do *corpus*. A TABELA 11 mostra que o número de deputados(as) novatos(as) aumenta quase 15% de 2019 para 2023.

TABELA 11 – NÚMERO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS NACIONAIS NOVATOS(AS) POR ELEIÇÃO E POR GÊNERO

Eleição	Mulheres			Homens			Total
	N eleitas	N novatas	% novatas	N eleitos	N novatos	% novatos	

2019	52	20	38	78	13	17	130 (34)
2023	49	21	43	81	30	37	130 (51)

FONTE: elaborado pela autora, 2024

A TRI foi aplicada ao Índice de *Outsiderismo* com os dados da Argentina. Apontam-se algumas dificuldades com as medidas de ajuste do modelo: os testes realizados com as sete variáveis não ficaram dentro dos ajustes estatísticos aceitáveis. Sobre os dados de 2019, é possível que o ajuste seja mais difícil devido ao tamanho pequeno do grupo, 34 casos. É um problema que não tem uma resolução clara, pois estes 34 casos não são uma amostra, mas sim toda a população de novatos eleitos em 2019. Uma possibilidade de sanar essa questão seria fazer uma descrição dos atributos presentes e ausentes destes 33 casos, a fim de demonstrar qual era o perfil dos novatos eleitos em 2019.

No entanto, para não desistir de realizar o teste estatístico da TRI, acrescentou-se a esse grupo os eleitos em 2021, já que as eleições parlamentares argentinas são realizadas de dois em dois anos: uma junto à eleição presidencial, e outra no meio do mandato do presidente. De qualquer forma, utilizando o método descritivo ou a adaptação para o método quantitativo, a comparação com os casos de 2023 fica prejudicada. Não é possível fazer a mesma adaptação aos dados de 2023, já que as eleições do meio de mandato de Javier Milei ainda estão por acontecer.

O *corpus* da pesquisa para as eleições de 2019, 2021 e 2023 ficaram, portanto, assim:

TABELA 12 – NÚMERO DE DEPUTADAS E DEPUTADOS NACIONAIS NOVATOS(AS) POR ELEIÇÃO E POR GÊNERO

Eleição	Mulheres			Homens			total
	N eleitas	N novatas	% novatas	N eleitos	N novatos	% novatos	
2019	52	20	38	78	13	17	130 (34)
2021	59	16	27	68	15	22	127 (31)
2023	49	21	43	81	30	37	130 (51)

FONTE: elaborado pela autora, 2024

O número de novatos e novatas em 2021 era de 31 parlamentares, mantendo a mesma proporção que em 2019 e mostrando que o número de novatos(as) em 2023 aumentou muito.

Quanto à distribuição por gênero, proporcionalmente se elegeram mais novatas do que novatos em todas as eleições. Numericamente, em 2023 se elegeram

mais novatos do que novatas. A lei de paridade de gênero na Argentina foi aplicada nas eleições de 2019, desde então, ao menos 40% da Câmara Baixa argentina está ocupada por mulheres. A proporção de novatas foi o dobro da de novatos em 2021 (38% x 17%), o que denota que a novidade dessa eleição ficou por conta das mulheres, já que as cotas femininas na Argentina possibilitaram a eleição de muitas mulheres à Câmara Baixa que nunca haviam se eleito a nenhum cargo político anteriormente. Já em 2023, o número de mulheres eleitas no total baixou em relação a 2021 e, pela primeira vez, foram eleitos mais novatos homens do que mulheres.

Quanto à análise do grau de *outsiderismo* para cada grupo, procedeu-se uma série de testes combinando ausência e presença das variáveis do modelo.

Para o grupo eleito em 2019/2021, a combinação de atributos que tiveram um bom ajuste de modelo foi ativismo, associativismo, burocracia do Executivo, secretariado e direção partidária. O valor do RMSEA variou de 0 a 0.09, o que é um ajuste razoável; quanto ao SRMSR, o valor foi de 0,04, um padrão excelente; e o CFI deu valor 1, que também é um valor estatístico bom.

Para o grupo eleito em 2023, a combinação de cinco variáveis, ativismo, associativismo, assessoria política, burocracia do Executivo e secretariado mostraram um bom ajuste de modelo. O valor do SRMSR foi 0,06, considerado um padrão excelente de ajuste. Os valores de RMSEA variaram de 0 a 0,12, o que é um pouco elevado estatisticamente. Entretanto, o CFI teve valor de 1. Assim, para este conjunto de dados, o ajuste do modelo não foi ideal, pois uma das estatísticas ficou ligeiramente acima do valor razoável. Contudo, avaliando os resultados contextualmente, eles fazem sentido.

A TABELA 13 a seguir mostra os valores de *a* de cada variável. Para o conjunto de eleitos em 2019 e em 2021, os atributos que mais auxiliaram a discriminação de *outsiders* foi não ter sido Secretário ou Ministro de Estado, em primeiro lugar, e não ter exercido cargo na burocracia do Executivo, em segundo lugar, seguido de não ter feito parte da direção do partido. O ativismo político e o associativismo deram valores negativos, mostrando que são atributos que não ajudam na discriminação de *outsiders*, provavelmente porque a participação em movimentos ativistas e associativos seja algo mais comum na Argentina.

TABELA 13 – CAPACIDADE DE DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS DO MODELO DE *OUTSIDERISMO*, ARGENTINA

2019/2021		2023	
Item	A	Item	a
Ativismo	- 0.39	Ativismo	-1.04
Associativismo	- 1.24	Assessoria pol.	-0.82
Burocracia do Exec.	2.13	Associativismo	-0.40
Secretariado	1.35	Burocracia do Exec.	1.22
Direção partidária	0.50	Secretariado	9.25

FONTE: elaborado pela autora, 2024.

Para 2023, as variáveis que mais auxiliaram a discriminar *outsiders* de *insiders* foi, em primeiro lugar, a não participação em cargos de Secretário e Ministro, e em segundo, a não participação em cargos da burocracia do Executivo, ou seja, as mesmas do conjunto anterior. Esses atributos também foram determinantes para os(as) deputados(as) brasileiros(as). Os outros itens, no entanto, resultaram valor negativo, o que denota que esses atributos não auxiliam na tarefa de distinguir *outsiders* de *insiders* nesse modelo, e que, a escala precisa ser analisada mais criticamente para o contexto argentino.

Nos casos argentinos, somente um atributo relacionado ao partido pode ser utilizado em ambos os modelos: o de participação na direção do partido. O atributo de tempo de filiação partidária não pode ser utilizado, pois não foi possível encontrar esta informação de maneira sistemática nas biografias dos parlamentares e nem em outras fontes de informação digitais.

A TABELA 14 mostra as estatísticas do grau de *outsiderismo* das deputadas e deputados novatos. Os(as) novatos(as) eleitos em 2023 eram mais *outsiders* que os(as) novatos(as) eleitos em 2019 e 2021. No grupo de 2019 e 2021, os valores da média e mediana abaixo de 5 denotam que há uma grande quantidade de novatos com características de *insider*, ou seja, com mais experiência política acumulada, e poucos casos de novatos com muitas características de *outsider*.

TABELA 14 – GRAU DE *OUTSIDERISMO* PARA DEPUTADOS E DEPUTADAS NACIONAIS, ARGENTINA

Eleição	medidas	Valores
2019 / 2021	média	4,6
	mediana	5
	1º quartil	3
	min	0

	máx	10
	média	6
	mediana	6,2
2023	1º quartil	4,7
	min	0
	máx	10

FONTE: elaborado pela autora, 2024.

Já dentre os novatos(as) eleitos em 2023, a mediana é um pouco mais elevada do que a média, mostrando que há nesse grupo mais casos de novatos com atributos de *outsider* do que no grupo anterior. O 1º quartil mostra que os *outsiders* do grupo têm grau de *outsiderismo* consideravelmente maior do que o do grupo anterior, ou seja, em 2023 há um grupo menor de novatos com vasta experiência na política, um grupo maior de novatos com atributos de *insider* e *outsiders*, e um grupo pequeno de verdadeiros *outsiders*. Há casos de completos *insiders* (mínimo de 0) e *outsiders* (máximo de 10) em ambos os grupos.

Em geral, percebe-se que o grau de *outsiderismo* na Argentina não é tão elevado quanto no Brasil.

Seguindo com a análise mais aprofundada, a TABELA 15 mostra o grau de *outsiderismo* por tipo de partido/aliança partidária.

TABELA 15 – MÉDIA DO GRAU DE *OUTSIDERISMO* POR TIPO DE PARTIDO / BLOCO PARTIDÁRIO ARGENTINA

Eleição	Tipo	N	média	%
2023	Emergente	25	6,6	49
	Marginal	4	6,5	7,8
	Novo	9	7,4	17,6
	Tradicional	13	4	25,5
2019/ 2021	Marginal	4	7,3	6
	Novo	14	4,8	22
	Tradicional	46	4,9	72

FONTE: Elaborado pela autora, 2024.

O grupo de novatos eleito em 2019 e 2021 estava, em sua maioria, nos partidos tradicionais (72%), e tinha uma média de grau de *outsiderismo* moderada (4.9). A maior média de *outsiderismo* está nos eleitos por partidos marginais (7,3), que se tratavam de apenas quatro casos. Por fim, os membros de partidos novos eram

22% dos casos, e o grau de *outsiderismo* ficou no mesmo patamar dos partidos tradicionais, ligeiramente abaixo.

Estes resultados se alinham parcialmente à literatura sobre *outsiders*, já que apenas os deputados de partidos marginais são os mais *outsiders*, e os novos, ao contrário, os mais *insiders*.

Em 2023, a maior média de *outsiderismo* está nos partidos novos (7,4) e nos emergentes (6,6), este último que também acumula praticamente a metade dos novatos(as) (49%). Importante lembrar que a aliança *La Libertad Avanza* (LLA), de Milei, foi classificada como emergente, pois apesar de ter sido lançada recentemente, já acumulou uma grande bancada em 2023. O Partido de Milei não acumulou a maior média de *outsiderismo*, o que pode indicar que, apesar de ser um partido/coligação fundada recentemente, alguns políticos que já tinham certa experiência política se filiaram ao LLA para aderir ao movimento político em ascensão.

Os partidos e blocos tradicionais acumularam número considerável de novatos em sua bancada (25%), entretanto, o índice de *outsiderismo* é muito baixo (4). Já os partidos marginais têm pouquíssimos casos (7,8%), que apresentaram a média de *outsiderismo* próxima dos emergentes (6,5).

Os resultados de 2023 vão ao encontro da literatura sobre *outsiders* na política, pois são os partidos novos, recém-fundados, que levaram mais novatos e novatas e de maior grau médio de *outsiderismo*.

A TABELA 16 a seguir mostra o grau de *outsiderismo* por ideologia do partido ou bloco partidário. Como poderia se esperar, os novatos dos partidos da direita tiveram mais casos e a maior média de *outsiderismo*. Era esperado, pois o Presidente eleito em 2023 é de extrema-direita, e o *La Libertad Avanza* é um partido de direita.

TABELA 16 – GRAU DE *OUTSIDERISMO* POR IDEOLOGIA DO PARTIDO/BLOCO PARTIDÁRIO, ARGENTINA

Eleição	Ideologia do partido/bloco	N	Média	%
2019/ 2021	Centro	23	4,4	36
	Direita	15	6,2	23
	Esquerda	26	4,8	41
2023	Centro	8	5,3	15,7
	Direita	35	7	68,6
	Esquerda	8	2,9	15,7

FONTE: Elaborada pela autora, 2024.

Quanto à ideologia dos partidos e blocos que elegeram novatos, em 2019 e 2021 era, em sua maioria, de esquerda (41%) e, em sua minoria, de direita (23%). Entretanto, o grau de *outsiderismo* dos alinhados à esquerda era baixo (4,8), e o grau dos novatos e novatas da direita era consideravelmente maior (6,2). Este dado é interessante, pois nas últimas eleições haviam passado presidentes de esquerda e de direita: de 2015 a 2019 governou Mauricio Macri, do PRO, alinhado à direita, e de 2019 a 2023, Alberto Fernandez, do Partido *Justicialista*. Assim, quadros da esquerda e da direita tiveram oportunidade, nos últimos anos, de figurar nos cargos que aparecem como os atributos significativos para discriminar *outsiders* (secretariado e burocracia do Executivo). No entanto, é possível que os novatos alinhados à esquerda tenham tido oportunidade de passar pelos dois atributos, já que houve mais governos de esquerda do que de direita nas últimas décadas, enquanto os da direita provavelmente tiveram oportunidade de passar somente por um cargo.

Em 2023, há uma grande mudança no perfil dos novatos. A maioria deles (68,6%) está alinhada à direita e acumula a maior média do grau de *outsiderismo* (7), provando que os novatos da direita de 2023 são o grupo mais *outsider* entre todos avaliados no cenário argentino. Partidos de centro tiveram grau moderado de *outsiderismo*, e os de esquerda um grau ainda mais baixo do que nas eleições passadas.

O QUADRO 21 apresenta casos extremos do Índice de *outsiderismo*, para ilustrar as diferenças entre os deputados e deputadas novatas eleitas em 2019 e 2021.

QUADRO 21 – CASOS EXTREMOS (MÍNIMO E MÁXIMO) DE GRAU DE *OUTSIDERISMO*, ARGENTINA

Eleição	Nome	Bloco	Ideologia	tipo do partido	gênero	grau
2021	Victoria Villarruel	<i>La Libertad Avanza</i>	direita	novo	feminino	10
2019	Ximena García	<i>UCR</i>	centro	tradicional	feminino	10
2019	Itaí Hagman	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Novo	masculino	10
2021	Pablo Cervi	<i>Juntos por el cambio</i>	direita	novo	masculino	9,1
2021	Sergio Palazzo	<i>Frente de todos</i>	esquerda	tradicional	masculino	9,1
2021	Danya Tavela	<i>Evolución Radical</i>	centro	novo	feminino	0,8
2021	Cintia Calletti	<i>Frente de todos</i>	esquerda	tradicional	feminino	0
2021	Emiliano Estrada	<i>Frente de todos</i>	esquerda	tradicional	masculino	0
2019	Juan Martín	<i>UCR</i>	centro	tradicional	masculino	0
2019	Paola Vessvessian	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	tradicional	feminino	0

FONTE: Elaborado pela Autora, 2024

Entre os casos de grau máximo há representantes dos três espectros políticos, de partidos novos e tradicionais. Já entre os casos de grau mínimo, não há representantes da direita, e a maioria é de partidos tradicionais. Há mulheres e homens em todos os casos.

Uma deputada novata que pontuou grau 10 é atual vice-Presidente da Argentina, Victória Villarruel, que em 2021 havia sido eleita pela primeira vez a um cargo político. Antes disso, não exerceu nenhum cargo na administração pública. Filha e neta de oficiais militares, o envolvimento de Villarruel com a política era como ativista de uma revisão histórica sobre as ações dos governos militares na Argentina, e do reconhecimento dos grupos armados que combateram o regime militar (*montoneros*), como um grupo terrorista. Ela fundou em 2003 o *Centro de Estudos Legais sobre o Terrorismo e suas Vítimas* e chegou a discursar no Fórum da Liberdade, em Oslo, em 2011, pela defesa de uma nova visão sobre os crimes ocorridos durante o regime militar. Ganhou bastante notoriedade na Argentina pela posição polêmica de vitimizar os militares argentinos e foi acusada pelos movimentos de direitos humanos do país de ser uma negacionista dos crimes da ditadura. Elegeu-se em 2021 já em uma campanha conjunta com Javier Milei no *La Libertad Avanza*.

Outro exemplo que pontuou 10 é o da deputada Ximena Garcia, que se elegeu em 2019 com 29 anos de idade. Antes disso, ela foi estudante do curso de Direito, onde também fez parte do movimento estudantil do grupo *Franja Morada*, ligado ao partido UCR. Foi também Presidente do centro estudantil da universidade onde estudou e assumiu outros cargos dentro da estrutura acadêmica antes de sua primeira eleição.

Avançando para os casos que pontuaram 0 no grau de *outsiderismo* é Emiliano Estrada, que antes de sua primeira eleição já havia desempenhado o cargo de Ministro da Economia da Província de Salta. Foi candidato a vice-governador na província, em uma chapa que não venceu as eleições, e foi Subsecretário Nacional das Relações com as Províncias.

Outro exemplo é Paola Vessvessian, que foi militante da ala separatista do Partido *Justicialista*, o *Kolina*, e ajudou a organizar e coordenar nacionalmente este novo partido. Foi Secretária Nacional da Infância, Adolescência e Família, e presidiu

o Comitê Nacional de Coordenação de Políticas Sociais. Além disso, foi Ministra de Desenvolvimento Social da Província de Santa Cruz.

No QUADRO 22, apresentam-se os casos extremos do Índice de *outsiderismo* para os(as) novatos(as) eleitos em 2023.

QUADRO 22 – CASOS EXTREMOS (MÍNIMO E MÁXIMO) DE GRAU DE *OUTSIDERISMO*, ARGENTINA, 2023

Nome	Bloco partidário	Ideologia do partido/bloco	tipo do partido/bloco	gênero	grau de outsiderismo
Lilia Lemoine	<i>La Libertad Avanza</i>	direita	emergente	feminino	10
Santiago Santurio	<i>La Libertad Avanza</i>	direita	emergente	masculino	10
Alejandro Bongiovanni	<i>PRO</i>	direita	tradicional	masculino	9,07
María Celeste Ponce	<i>La Libertad Avanza</i>	direita	emergente	feminino	9,07
Verónica Razzini	<i>PRO</i>	direita	tradicional	feminino	9,07
Jorge Chica	<i>Union por la Patria</i>	esquerda	tradicional	masculino	0,78
Alejandra Torres	<i>Union por la Patria</i>	esquerda	tradicional	feminino	0,3
Fernanda Avila	<i>Union por la Patria</i>	esquerda	tradicional	feminino	0
José Glinski	<i>Union por la Patria</i>	esquerda	tradicional	masculino	0
Patricia Vásquez	<i>PRO</i>	direita	tradicional	feminino	0

FONTE: Elaborado pela Autora, 2024

Entre os novatos que obtiveram os maiores graus de *outsiderismo*, todos da direita, três pertencem ao partido de Javier Milei. O primeiro exemplo de grau máximo de *outsider* é a deputada Lilia Lemoine. Em sua conta no Instagram (@lilialemoine), ela se descreve como “Influencer, IT Girl, activista libertaria y cosplayer”. De fato, a ocupação profissional dela por 10 anos foi a participação em eventos como *cosplayer*, isto é, fantasiada de personagens de filmes e histórias em quadrinhos. Segundo reportagem do El Pais (Sivak, 2023), Lilia é do círculo próximo de Milei e já trabalhou produzindo a imagem dele, como maquiadora e cabelereira. Além disso, é vice-presidenta do Partido Libertário de Buenos Aires e trabalha intensamente como influenciadora nas redes sociais. A reportagem conta com uma entrevista em que é possível conhecer o discurso político de Lilia:

“A mí me subestiman y me presentan como la maquilladora y la peluquera, pero soy una de las mejores *cosplayers* del mundo, trabajé en informática y estuve en la batalla cultural contra el feminismo y la cuarentena” (Lemoine, 2023).

Lilia se considera antifeminista e antiesquerda. Chama a atenção em sua entrevista o fato de que tomou cloroquina para se prevenir contra a COVID-19 e denunciou fraudes em processos eleitorais argentinos. Vê-se aí a proximidade das pautas da extrema-direita argentina e brasileira.

Aproximou-se da política durante a pandemia, pois era contra o isolamento social proposto pelo governo. Conheceu Milei nesta época, ao maquiá-lo para um programa de TV, depois disso buscou ficar mais próxima dele e se inteirou sobre as teorias liberais e se considera uma libertária.

“¿Y sabés qué? Yo no quiero ser diputada. Voy a ser diputada porque el país me necesita, porque Javier me necesita. No me gusta la política. Por eso llegan hijos de puta a la política. Porque a la gente buena la política la saca, se quiere ir corriendo después de ver lo que es.” (Lemoine, 2023).

Outro exemplo entre os completos *outsiders* é Maria Ponce, de Córdoba, empresária do ramo da informática que fundou em 2022 o movimento *Pumas Libertários*, uma agrupação política para militantes liberais. Foi nesta época que conheceu Milei e se tornou muito próxima a ele. Ela se considera uma mulher de direita, contra relativismos morais, e entrou na política porque considerava seu país destruído do ponto de vista econômico e cultural, contou em uma entrevista a um site de notícias (Luna, 2024).

Quanto aos *insiders*, aqueles que fizeram as menores pontuações no Índice, tem-se quatro parlamentares da coligação Peronista, de Sergio Massa, e um da direita moderada, do *Juntos por el Cambio*.

Fernanda Ávila, do *Unión por la Patria*, segundo informações de sua conta do LinkedIn, teve diversos cargos no poder Executivo, dentre eles, diretora geral de despacho do município de San Fernando del Valle de Catamarca, além de assessora geral de Governo da Província de Catamarca, Ministra de Minérios do governo da mesma província e chegou ao cargo de Secretária de Minérios da nação Argentina em 2021, cargo que ocupou até sua eleição.

Outra novata *insider* é Patricia Vasquez do *Juntos por el Cambio*. Ela foi Secretária de Estado do Ministério da Segurança Nacional e diretora do Fundo de Aposentadorias e Pensões da Polícia Federal. Está na política desde 2012, filiada inicialmente ao *Partido Unión por la Libertad* e atualmente ao PRO. Já foi candidata

em outras oportunidades, e comandou o comitê de Patrícia Bullrich em Buenos Aires, antes de se eleger.

Os exemplos citados aqui mostram a diferença entre os perfis profissionais e a visão política de deputados *outsiders* e *insiders* eleitos em 2023 na Argentina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese teve como objetivo principal explorar o fenômeno do político *outsider*. Além de compreender seu significado no campo da Ciência Política, e de demonstrar de que formas o fenômeno é tratado, buscou-se fornecer uma definição conceitual do político *outsider* que pudesse ser operacionalizada para membros do Parlamento, nicho ainda pouco explorado dentro da literatura sobre políticos *outsiders*.

Foram colocadas como problema desta pesquisa algumas questões, que com base nos resultados obtidos ao longo do texto, podem ser respondidas a seguir:

- a) Como discernir novatos no Congresso de novatos na política?

Separar eleitos pela primeira vez a um cargo político, daqueles que, embora fossem debutantes no Congresso, já haviam sido eleitos anteriormente, é uma forma simples de discernir novatos no Congresso dos novatos na Política. Entretanto, há outras ocupações políticas não-eletivas que conferem ao indivíduo certos graus de envolvimento com a política que o diferenciam de aventureiros. Isto é, mesmo entre os novatos no Congresso há diferenças marcantes na trajetória política que podem variar do completo *outsider* para um político profissional.

- b) Como operacionalizar o conceito de *outsider* para classificar membros do parlamento como tal?

Utilizando as definições estabelecidas na literatura especializada sobre *outsiders* e sobre políticos profissionais, juntamente com a observação empírica de trajetórias políticas no Legislativo, elaborou-se o Índice de *Outsiderismo*, em que sete variáveis de uma trajetória política foram concebidas, considerando a dimensão de experiência na política (profissional e não-profissional), incluindo aí a experiência junto aos partidos políticos. O Índice teve como objetivo estabelecer um *continuum* entre o político profissional (*Insider*) e o político sem experiência e sem vínculos com partidos (*outsider*). A posição de cada parlamentar nesse *continuum* não foi obtida através de um simples *escore*, como de praxe. Ao invés disso, foi utilizada a Teoria de Resposta ao Item, um método inovador que permitiu a discriminação do traço latente que caracteriza o *outsider*. A aplicação do modelo estatístico utilizando o *R Studio* permitiu transformar as medidas em graus que variam de 0 a 10 para cada parlamentar testado, sendo 0 o mais *insider* e 10 o mais *outsider*. Em todos os casos aplicados

encontramos parlamentares com grau 0 e grau 10, mostrando que há diferenças marcantes na trajetória política deles antes de sua primeira eleição.

c) Como se mensura quão *outsider* são os parlamentares em diferentes contextos?

A aplicação da Teoria da Resposta ao Item às variáveis de *Outsiderismo* em três países, demonstrou que atributos diferentes impactaram na discriminação dos *outsiders* em cada um deles. No Brasil e na Argentina, a não passagem por cargos da burocracia do poder Executivo e em cargos de Secretário e Ministro de Estado foram os atributos mais determinantes. Já no Chile, os fatores mais relevantes eram relacionados ao não pertencimento a partidos políticos.

A aplicação da TRI também possibilitou vislumbrar que, atributos políticos relevantes para Brasil e Argentina não tinham a mesma relevância no Chile. Na Argentina, alguns itens resultaram em um “a” negativo, mostrando que aqueles atributos, naquele contexto, não estavam auxiliando na tarefa de discriminar *outsiders*. Alguns problemas com diferenças na quantidade e qualidade dos dados encontrados foram mencionados como parte da explicação da diferença de impacto de alguns atributos em cada país.

Importa destacar que se o grau de *outsiderismo* fosse calculado por uma mera somatória dos atributos, não seria possível identificar quais deles têm mais relevância em cada país.

d) Há relação entre a eleição de presidentes *outsiders*/rebeldes e de deputados(as) *outsiders*?

O modelo, chamado Índice de *Outsiderismo*, foi testado em três países, Brasil, Argentina e Chile, em duas eleições consecutivas. O Índice demonstrou que mais parlamentares novatos se elegeram junto aos Presidentes Rebeldes (Jair Bolsonaro no Brasil, Gabriel Boric no Chile e Javier Milei na Argentina), do que junto à Presidentes do *establishment* político, Lula no Brasil, Sebastián Piñera no Chile e Alberto Fernandez na Argentina. Além disso, os novatos eleitos junto aos Presidentes rebeldes e *outsiders* tinham uma média de grau de *Outsiderismo* maior do que os parlamentares eleitos junto aos Presidentes do *establishment*.

Para além das questões propostas no início da tese, os resultados mostraram que as variáveis do Índice se adequaram mais ao Brasil, país que foi usado como base para a criação das variáveis, embora elas também tenham embasamento teórico em estudos feitos em outros países da América Latina e da Europa. Uma explicação

possível para esse resultado é que o Brasil apresentava mais e melhores dados sobre candidatos e parlamentares do que Argentina e Chile. Nestes países não é possível baixar uma planilha do Excel contendo diversas informações sobre os candidatos já detalhadas e até codificadas, tal qual obtém-se no TSE do Brasil. Para montar a planilha de coleta de dados da Argentina e do Chile, foi preciso coletar nome por nome nos sítios eletrônicos eleitorais de cada país, e depois coletar informações como gênero e partido nas informações biográficas de cada parlamentar.

No caso do Chile, havia boas biografias dos parlamentares no sítio eletrônico da Biblioteca do Congresso Nacional, embora as informações não estivessem agregadas. Já na Argentina, nem sempre era possível confiar nas informações do Diretório Legislativo, pois por vezes as biografias dos parlamentares estavam incompletas ou ausentes. Além disso, certas informações importantes, como o ano de filiação ao partido, não foram encontradas nem em outros sítios eletrônicos oficiais.

As diferentes formas de organizar e apresentar as biografias dos parlamentares em cada país foram fatores que dificultaram a aplicação integral das variáveis que compunham o Índice de *Outsiderismo*.

Mesmo com as dificuldades e limitações mencionadas, foi possível, através da aplicação do Índice, perceber diferenças marcantes entre as deputadas e deputados novatos que já tinham experiência na política ou vínculos com partidos, daqueles que não tinham e, que, eram, portanto, *outsiders*.

A pesquisa sobre *outsiders* no Parlamento cresceu desde que foi realizada a revisão bibliográfica do tema, no início de 2021. Deste ano em diante, alguns artigos sobre o impressionante número de novatos chegando ao Parlamento contemplaram vários países da América Latina, além da França e dos Estados Unidos (Levita; Romo, 2023; Porter; Treul, 2024; Volle; Cazals; Rafhi, 2021). Além disso, outros estudos têm investigado a importância que políticos com pouca ou nenhuma experiência legislativa têm adquirido para o eleitorado e para a conquista de cargos de liderança e do governo (Cowley, 2012; Hansen; Treul, 2021; Kerby; Snagovsky, 2021).

O estudo de Levita e Romo (2023), preocupou-se em criar um indicador para medir experiência parlamentar. Chamado de “amadorismo legislativo”, é atribuído àqueles deputados sem experiência política anterior no Parlamento nacional, isto é, aqueles que se elegeram à Câmara Baixa de seus países pela primeira vez, sem considerar se tiveram mandatos em outros cargos anteriormente. Os autores consideraram essa uma ferramenta mais precisa para identificar novatos do que a

taxa de rotatividade (*turnover*), que é a mais utilizada para medir renovação parlamentar. O estudo compreendeu uma base de dados que abrange 18 Câmaras Baixas ou legislaturas unicamerais nacionais ao longo de quase três décadas.

O artigo de Volle, Cazals e Rafhi (2021), sobre a entrada de *outsiders* no Parlamento francês, usou uma definição semelhante à desenvolvida nesta tese. *Outsiders* eram deputados eleitos que não possuíam experiência prévia em mandatos políticos em níveis municipal, estadual, regional ou nacional, nem em posições importantes da política, como chefe de gabinete de um ministro ou de um prefeito. Isto é, os autores também visualizaram a importância de olhar para além da carreira eleitoral do novo parlamentar e verificar suas conexões com outras atividades políticas institucionais, como a atuação em chefias próximas aos políticos do primeiro escalão.

O estudo sobre a América Latina enfatizou que altas taxas de amadorismo no Legislativo não contribuem com a profissionalização e o fortalecimento da instituição. Destacou, ainda, que a alta profissionalização no Legislativo produz legislações e políticas públicas mais eficientes e ajudam a manter o sistema partidário estável. Já o estudo sobre a França pondera que os parlamentares *outsiders* demoram um pouco, mas acabam alcançando o patamar de produtividade dos estabelecidos.

No caso do Congresso dos Estados Unidos, alguns estudos têm investigado qual pode ser a motivação para a mudança significativa na preferência dos eleitores. Historicamente, a experiência política e o *status* de incumbente foram os principais preditores de sucesso eleitoral. No entanto, as recentes eleições, de 2014 em diante, mostram que candidatos sem experiência política prévia têm conseguido vencer primárias e, às vezes, até eleições gerais (Porter; Treul, 2020, 2024).

Um desses estudos levanta uma questão interessante e que também permeou a elaboração deste trabalho: em relação ao eleitorado, são os candidatos sem experiência na política que tem ganhado a preferência do eleitorado, ou são os candidatos que utilizam o discurso *anti-establishment* político? Como Barr (2009) já havia pontuado, muitas vezes o candidato sem experiência se utiliza do discurso *anti-establishment*, mas também o candidato experiente pode fazê-lo. Os autores (Hansen; Treul, 2021) aplicaram um *survey* com eleitores para dirimir essa dúvida e descobriram que os eleitores reagem mais positivamente à retórica *anti-establishment*, independentemente da experiência do candidato.

Em todos os artigos citados, *outsiders* no parlamento foram assim considerados devido à sua inexperiência política. Nos artigos que tratam da França e

dos Estados Unidos, inexperiência política é caracterizada pela ausência de mandatos anteriores. No caso da França, além de não ter mandato, o sujeito, para ser considerado um *outsider*, também não podia ter sido chefe de gabinete antes de sua primeira eleição. Já no artigo sobre países da América Latina, os autores chamaram de “amadorismo legislativo” os deputados que tinham sido eleitos pela primeira vez ao parlamento nacional, apenas.

Em nenhum dos casos foi feita uma discussão mais aprofundada sobre o que caracteriza o *outsider* como nesta tese. Os estudos norte-americanos discutiram a conexão do fenômeno dos *outsiders* com a insatisfação dos eleitores e o sentimento *anti-establishment* político. O estudo francês focou na atuação parlamentar dos *outsiders* em comparação aos políticos de carreira. Já o estudo latino-americano, buscou uma medida mais precisa para falar de renovação parlamentar, no sentido de escapar da armadilha de contabilizar como renovação os deputados que se elegeram em eleições não consecutivas ao parlamento nacional.

Assim, considerando estudos similares publicados nos últimos anos, os resultados desta tese estão muito mais avançados no que diz respeito à metodologia para classificar *outsiders* no parlamento.

O aumento da adesão do eleitorado à retórica *anti-establishment* político também tem recebido atenção de pesquisadores nos últimos três anos (Cox; Garbiras-Díaz, 2023; Droste, 2021; Meléndez, 2022). Meléndez, por exemplo, explora os casos do Brasil, Argentina, Chile, Peru e Honduras, em que o sentimento anti-petismo, anti-peronismo, anti-fujimorismo e similares, têm sido as novas identidades políticas do eleitorado.

Esses estudos recentes mostram que é promissora a agenda de pesquisa sobre como uma mudança das preferências do eleitorado, seja em busca de candidatos sem experiência política, seja de candidatos com discurso *anti-establishment* político, tem levado a uma mudança do perfil do parlamento em direção aos *outsiders*.

Para trabalhos futuros, seria interessante reproduzir a pesquisa de Hansen e Treaul no Brasil, Argentina, Chile e outros países da América Latina, a fim de compreender o que o eleitor deseja: pessoas novas na política, no sentido de que elas não estavam na política antes, ou pessoas que, independentemente de sua experiência política, se coloquem como opositoras da classe política estabelecida.

Outra possibilidade de pesquisa futura é explorar a atuação parlamentar e o destino político daqueles deputados e deputadas que pontuaram alto no grau de *outsiderismo*. Estes parlamentares são os verdadeiros *outsiders* e aqueles que poderiam atuar de forma mais disruptiva em relação ao regime democrático, seguindo o que preconiza a literatura da Ciência Política sobre presidentes *outsiders*. Dessa forma, analisar a atuação parlamentar deles e, também, qual destino político tiveram, é uma forma de verificar a força e a resiliência que esses políticos *outsiders* obtiveram no parlamento.

Mais uma possibilidade é verificar, no caso do Brasil e da Argentina, se os deputados que possuem discursos mais extremados, principalmente da extrema-direita, são os *outsiders*, e o grau de *outsiderismo* deles. Esta seria uma forma de verificar a correlação do fenômeno do *outsiderismo* com a utilização de discursos radicais e *anti-establishment* político no Parlamento.

Por fim, alguns dos estudos explorados na conclusão abrem também a questão sobre qual o impacto dos novatos no Legislativo: eles vão diminuir o nível de profissionalismo no Legislativo e produzir piores leis e políticas públicas ou vão acabar se adequando aos padrões de comportamento e produtividade vigentes na instituição? Ou será que a entrada de *outsiders* poderá fortalecer a representatividade da sociedade, já que a entrada de novos atores pode representar um afastamento de uma classe política muito distanciada dos problemas reais dos cidadãos, e uma oportunidade para novos grupos acessarem o poder.

Conforme destacado na Introdução, os níveis de desconfiança no Congresso, medidos pelo Latinobarômetro, baixaram logo após as eleições em que mais novatos foram eleitos em cada país. Sendo assim, é possível investigar se a entrada de mais novatos/*outsiders* pode ser também um sinal de fortalecimento da representação democrática.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, P. Linking pre-parliamentary political experience and the career trajectories of the 1997 general election cohort. **Parliamentary Affairs**, Oxford, v. 66, n. 4, p. 685–707, 2013.
- ALMEIDA, C.; LÜCHMANN, L.; RIBEIRO, Ednaldo. Associativismo e representação política feminina no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 8, p. 237–263, 2012.
- AMARAL, O. The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018. **Brazilian Political Science Review**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1–13, 2020.
- ANDRADE, D.; ANJOS, A. **Teoria da Resposta ao Item com uso do R**. João Pessoa: 2012.
- ANRIA, S.; VOMMARO, G. En Argentina, un “giro a la derecha” que no fue y el improbable regreso del peronismo de centro-izquierda. **Más poder local**, Murcia, n. 40, p. 6–10, 2020. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7228592&info=resumen&idioma=ENG%0Ahttps://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7228592&info=resumen&idioma=SPA%0Ahttps://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7228592>.
- ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: Towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology: Theory and Practice**, Londres, v. 8, n. 1, p. 19–32, 2005.
- ASPINALL, E. Oligarchic populism: Prabowo subianto's challenge to Indonesian democracy, **Indonesia**, n. 99, p. 1–28, 2015.
- AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BADIOLA, C. Gabriel Boric o las peripecias de los hijos de la transición chilena. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 305, p. 64–73 2023.
- BARR, R. Populists, outsiders and anti-establishment politics. **Party Politics**, Thousand Oaks, v. 15, n. 1, p. 29–48, 2009.
- BERLATTO, F.; CODATO, A.; BOLOGNESI, B. Da polícia à política: explicando o perfil dos candidatos das forças repressivas de Estado à Câmara dos Deputados. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 21, p. 79–122, 2016.
- BOLOGNESI, B.; RIBEIRO, E.; CODATO, A. **Esquerda, centro ou direita? Como classificar os partidos no Brasil**. Observatório das Eleições - Portal UOL, São Paulo, 24 nov. 2020.

BORDIGNON, R. Recrutamento e modalidades de entrada na carreira política: candidatos aos cargos legislativos no Rio Grande do Sul (1998 – 2006). **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 35, p. 351, 2017.

BOREL, M. Ascenso y caída del sistema binominal chileno. **Polis Revista Latino Americana**, Santiago, v. 54, p. 1–24, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/18013>.

CAIRNEY, P. The professionalisation of MPs: Refining the “politics-facilitating” explanation. **Parliamentary Affairs**, Oxford, v. 60, n. 2, p. 212–233, 2007.

CÂMARA, R. *et al.* O que há de novo na direita brasileira? Um olhar sobre as opiniões dos congressistas. *In:* , 2020. **44º Encontro Anual da ANPOCS**. ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2020. p. 1–21.

CAMPOS, A. C. **Taxa de renovação da Câmara dos Deputados foi a maior em 20 anos**. EBC - Agência Brasil, Brasília, 08 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/taxa-de-renovacao-da-camara-dos-deputados-foi-maior-em-20-anos>

CARLOMAGNO, M. **O Brasil precisa de limite de mandatos legislativos? reforma política baseada em evidências**. 2020. 103 f. - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Curitiba, 2020.

CARRERAS, M. Outsiders and Executive-Legislative Conflict in Latin America. **Latin American Politics and Society**, Cambridge, v. 56, n. 3, p. 70–92, 2014.

CARRERAS, M. Presidentes outsiders y ministros neófitos: un análisis a través del ejemplo de Fujimori. **América Latina Hoy**, Salamanca, v. 64, p. 95–118, 2013.

CARRERAS, M. The Rise of Outsiders in Latin America, 1980-2010: An Institutional Perspective. **Comparative Political Studies**, Thousand Oaks, v. 45, n. 12, p. 1451–1482, 2012.

CERON, A.; GANDINI, A.; LODETTI, P. Still ‘fire in the (full) belly’? Anti-establishment rhetoric before and after government participation. **Information Communication and Society**, London, v. 24, n. 10, p. 1460–1476, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1776373>.

CLERICI, P. La creciente importancia de las alianzas electorales en un escenario de competencia territorializada. El caso argentino. **Revista SAAP**, Buenos Aires, v. 9, n. 2, p. 313–341, 2015.

CODATO A.; BOLOGNESI B.; ROEDER, K. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *In:* VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). **Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 115–144.

CORRALES, J. Latin America's neocaudillismo: Ex-presidents and newcomers running for president ... and winning. **Latin American Politics and Society**, Cambridge, v. 50, n. 3, p. 1–35, 2008.

CÔRTEZ, P.; OLIVEIRA, A. Os partidos políticos em formação no Brasil pós-2013 e a retórica anti-establishment político. **Opinião Pública**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 127–153, 2021.

COSTA, B. **A Crise de 2001 e seus impactos sobre o sistema partidário argentino**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

COWLEY, P. Arise, novice leader! The continuing rise of the career politician in Britain. **Politics**, Thousand Oaks, v. 32, n. 1, p. 31–38, 2012.

COX, L.; GARBIRAS-DÍAZ, N. The nature, sources, and consequences of citizens' anti-establishment sentiments: Evidence from two Latin American countries. Toronto: EGAP, 2023.

CRUZ, F. Construction of electoral coalitions in denationalized scenarios. A theoretical approach. **Revista de Estudios Políticos**, Madrid, n. 184, p. 161–194, 2019.

CRUZ OLMEDA, J.; SOTO LICEA, J. C. Las elecciones primarias en Argentina en 2021: ¿anticipo de un cambio de rumbo?. **Revista Elecciones**, Lima, v. 20, n. 22, p. 375–388, 2021.

DA VINHA, L. M. The electoral victory of Donald Trump: An analysis of institutional dysfunction. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 26, n. 66, p. 7–30, 2018.

DE OLIVEIRA, R. *et al.* Família, parentesco, instituições e poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, 2018.

DEGIUSTTI, D.; SCHERLIS, G. Backtracking paths. Rebalance of forces and alternation in the Argentine party system, 2015-2019. **Colombia Internacional**, Bogotá, n. 103, p. 139–169, 2020.

DONATELLO, L. M.; LEVITA, G. ¿Renovación de las elites o renovación de las élites políticas? Los diputados outsiders en los países del Mercosur (2003-2015). **RIPS: Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas**, Santiago de Compostela, v. 16, n. 2, 2017.

DONOVAN, M. The politics of electoral reform in Italy. **International Political Science Review**, Thousand Oaks, v. 16, n. 1, p. 47–54, 1995.

DOYLE, D. The legitimacy of political institutions: explaining contemporary populism in Latin America. **Comparative Political Studies**, Thousand Oaks, v. 44, n. 11, p. 1447–1473, 2011.

DROSTE, L. Feeling left behind by political decisionmakers: Anti-establishment sentiment in contemporary democracies. **Politics and Governance**, Lisboa, v. 9, n. 3, p. 288–300, 2021.

DULCI, T. M.; SADIVIA, V. El Estallido Social en Chile: ¿rumbo a un Nuevo Constitucionalismo?. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 43–52, 2021.

FELLA, S.; RUZZA, C. Populism and the Fall of the Centre-Right in Italy: The End of the Berlusconi Model or a New Beginning?. **Journal of Contemporary European Studies**, Londres, v. 21, n. 1, p. 38–52, 2013.

FERGUSON, L. *et al.* The Real Winner's Curse. **American Journal of Political Science**, v. 65, n. 1, p. 52–68, 2021.

FIGUS, A.; ALBERTI, A.; DE SERIO, L. Ukraine a country in crisis between Europe, Russia, and a complex electoral process. Geopolitical, Social Security and Freedom Journal, Varsóvia, v. 3, n. 1, p. 87–119, 2020.

FRESCHI, A. C.; METE, V. The electoral personalization of Italian mayors. A study of 25 years of direct election. **Rivista Italiana di Scienza Politica**, Siena, v. 50, n. 2, p. 271–290, 2020.

GAMBOA, R.; MORALES, M. Pactos electorales y proporcionalidad de la representación. Evidencia del caso de Chile, 2017. **Colombia Internacional**, Bogotá, n. 103, p. 111–138, 2020.

GREGORIO, P. C. A direita nas eleições presidenciais brasileiras de 2018: prioridades temáticas e variações ideológicas. **Agenda Política**, São Carlos, v. 8, n. 1, p. 10–49, 2020.

HANSEN, E.; TREUL, S. Inexperienced or anti-establishment? Voter preferences for outsider congressional candidates. **Research and Politics**, Thousand Oaks, v. 8, n. 3, 2021.

HARTLEB, F. Here to Stay: Anti-establishment Parties in Europe. **European View**, Thousand Oaks, v. 14, n. 1, p. 39–49, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12290-015-0348-4>.

HOECKER, M. La nueva izquierda allendista como mayoría política. **Análisis Carolina**, Tarragona, n. 1, p. 1–11, 2022.

HU, L.; BENTLER, P. Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. **Structural Equation Modeling**, Londres, v. 6, n. July 2012, p. 1–55, 1999.

KELLNER, D. Brexit Plus, Whitelash, and the ascendancy of Donald J. Trump. **Cultural Politics**, Durham, v. 13, n. 2, p. 135–149, 2017.

KENNEY, C. D. Outsider and anti-party politicians in power: New conceptual strategies and empirical evidence from Peru. **Party Politics**, Thousand Oaks, v. 4, n. 1, p. 57–75, 1998.

KERBY, M.; SNAGOVSKY, F. Not All Experience is Created Equal: MP Career Typologies and Ministerial Appointments in the Canadian House of Commons, 1968–2015. **Government and Opposition**, Cambridge, v. 56, n. 2, p. 326–344, 2021.

KING, A. The Rise of the Career Politician in Britain - And its Consequences. **British Journal of Political Science**, Cambridge, v. 11, n. 3, p. 249–285, 1981.

LEVITA, G.; ROMO, C. Assessing Congressional Institutionalization and Political Elites ' Renewal in Latin America Through Legislative Amateurism. **Journal of Politics in Latin America**, Thousand Oaks, v. 15(3), p. 287–310, 2023.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2018.

LOPES, M.; ALBUQUERQUE, G.; BEZERRA, G. “2018, a batalha final”: Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 377–389, 2020.

LORENCETTI, M. A. **O QUE QUEREMOS DIZER QUANDO FALAMOS EM “PROFISSIONALIZAÇÃO POLÍTICA”? UMA ANÁLISE DO USO DO CONCEITO EM ESTUDOS SOBRE LEGISLADORES**. 2024. 105 f. - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

LUNA, M. Quién es María Celeste Ponce, la diputada cordobesa que se volvió viral por un foto. **TN**, Buenos Aires, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://tn.com.ar/tecno/redes-sociales/2024/01/24/quien-es-maria-celeste-ponce-la-diputada-cordobesa-que-se-volvio-viral-por-subir-una-foto-en-su-despacho/>.

LUNA, J. P. Una promesa llamada Gabriel Boric. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 299, 2022.

MACCALLUM, R. C.; BROWNE, M. W.; SUGAWARA, H. M. Power analysis and determination of sample size for covariance structure modeling. **Psychological Methods**, Washington, v. 1, n. 2, p. 130–149, 1996.

MARENCO, A. Nas fronteiras do campo político: raposas e outsiders no Congresso Nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 33, p. 87–101, 1997.

MARENCO, A.; SERNA, M. Por que carreiras políticas na esquerda e na direita não são iguais? Recrutamento legislativo em Brasil, Chile e Uruguai. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 93–113, 2007.

MARQUES, R. M. Brasil: Direita, Vovler!. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Niterói, v. 52, n. janeiro-Abril, p. 29, 2019.

MAURO, S. Coaliciones electorales y nuevos partidos políticos en Argentina. El caso de Propuesta Republicana. **Convergencia Revista de Ciencias Sociales**, Toluca, v. 27, p. 1, 2020.

MCDONNELL, D.; NEWELL, J. L. Outsider parties in government in Western Europe. **Party Politics**, Thousand Oaks, v. 17, n. 4, p. 443–452, 2011.

MELÉNDEZ, C. **The Post-Partisans: Anti-Partisans, Anti-Establishment identifiers, and Apartisans in Latin America**. Cambridge University Press, 2022.

MÉNY, Y. A tale of party primaries and outsider candidates: the 2017 French presidential election. **French politics**, Londres, v. 15, n. 3, p. 265–278, 2017.

MIGUEL, L. F. Carreira política e sistema partidário no Brasil: entropia ou reconfiguração?. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 50, p. 231–256, 2022.

MIGUEL, L. F.; MARQUES, D.; MACHADO, C. Familial capital and political careers in Brazil: Gender, party and region of origin on the road to the chamber of deputies. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 721–747, 2015.

MONTAL, F.; VÁZQUEZ, P. Argentina 2020: The pandemic, foreign debt and the region's turn to the right. **Revista de Ciencia Política**, Santiago, v. 41, n. 2, p. 187–209, 2021.

MONTES, R. Independentes estremecem tabuleiro político do Chile e controlarão 64% da Assembleia Constituinte. **El País**, Madrid, 17 mai. 2021 a. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-18/independentes-estremecem-tabuleiro-politico-do-chile-e-controlarao-64-da-assembleia-constituente.html>. Consulta em 7 out 2024.

MONTES, R. El economista Franco Parisi, que hizo su campaña desde Estados Unidos, logró un 13% de votos y será decisivo en la segunda vuelta. **El País**, Madrid 23 nov. 2021 b. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2021-11-23/el-candidato-sorpresa-que-no-piso-chile.html>. Consulta em 7 out 2024.

MOON, D. S. The role of cultural production in celebrity politics: comparing the campaigns of Jesse 'The Body' Ventura (1999) and Donald Trump (2016). **Politics**, Thousand Oaks, v. 40, n. 2, p. 139–153, 2020.

MORRESI, S.; RAMOS, H. Apuntes sobre el desarrollo de la derecha radical en argentina: el caso de "La Libertad Avanza". **Caderno CRH**, Salvador, v. 36, p. 1–18, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v36i0.55307>.

MURAVCHIK, S.; SHIELDS, J. A. Trump: new populist or old democrat? **Critical Review**, Londres, v. 31, n. 3–4, p. 405–419, 2019.

NAVIA, P. Legislative Candidate Selection in Chile. In: **Symposium "Pathways to Power: Political Recruitment and Democracy in Latin America"**. Winston-Salem, p. 1–28, 2004.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita : uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. [S. l.]: Cambridge University Press, 2019.

NOVELLO, R.; ALVAREZ, M. Da “bancada da segurança” à “bancada da bala”: Deputados-policiais no legislativo paulista e discursos sobre segurança pública. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 81–101, 2022.

OLIVEIRA, V. *et al.* Outsiders na política melhoram a gestão municipal? **Policy Paper**, São Paulo, n. 36, p. 1–35, 2019. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2019/01/Policy-Paper-Outsiders.pdf>.

OLIVEROS, V.; VOMMARO, G. Argentina 2021: Elections in Context of Crisis. **Revista de Ciencia Política**, Santiago, v. 42, n. 2, p. 153–174, 2022.

ORTIZ DE ROZAS, V.; LEVITA, G.; RODRIGO, C. Neither CEOs nor Outsiders. Changes and continuities at the Argentine Congress in 2015. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, Montevideu, v. 29, n. 2, p. 115–137, 2020.

PAIVA, D.; ALVES, V. O voto dos desiludidos: a ascensão de um prefeito outsider e o declínio dos partidos tradicionais em São Paulo. **Eleições municipais: novas ondas na política**, 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, v. 1, p. 143–164, 2020.

PASQUALI, L.; PRIMI, R. Fundamentos da Teoria da Resposta ao Item – TRI Basic Theory of Item Response Theory – IRT. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 99–110, 2003.

PEROTTINO, M.; GUASTI, P. Technocratic populism à la française? The roots and mechanisms of Emmanuel Macron's success. **Politics and Governance**, Lisboa, v. 8, n. 4, p. 545–555, 2020.

PETRARCA, C.; GIEBLER, H.; WESSELS, B. Support for insider parties: The role of political trust in a longitudinal-comparative perspective. **Party Politics**, Thousand Oaks, v. 28, n. 2, p. 329–341, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354068820976920>.

PICUSSA, R. Outsiders: um conceito de difícil operacionalização na Ciência Política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 31, p. 1–27, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/ffzhYNmjfhVZmHGhCyBQW>.

PICUSSA, R.; SOUZA, R.; CODATO, A. Estabelecidos, outsiders e renovadores: mensurando a lealdade partidária dos deputados federais eleitos em 2018. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 41, p. 1–31, 2023.

PORTER, R.; TREUL, S. Evaluating (in)experience in congressional elections. **American Journal of Political Science**, [s. l.], p. 1–15, 2024.

PORTER, R.; TREUL, S. Reevaluating Experience in Congressional Primary Elections. **American Journal of Political Science**, Harvard Dataverse, 2023.

RODRÍGUEZ ANDRÉS, R. El ascenso de los candidatos outsiders como consecuencia de las nuevas formas de Comunicación Política y la desafección ciudadana. **Comunicación y Hombre**, Madrid, n. 12, p. 73–95, 2016.

SCHEDLER, A. Anti-political-establishment parties. **Party Politics**, Thousand Oaks, v. 2, n. 3, p. 291–312, 1996.

SILVA, E. Social movements, policy, and conflict in post-neoliberal latin america: Bolivia in the time of evo morales. **Voices of Globalization (Research in Political Sociology)**, Emerald Group Publishing Limited, Leeds, v. 21, p. 51-76, 2013.

SILVA, M.; CHAVES, V.; BARBOSA, L. Mulheres eleitas e capital político familiar na Câmara dos Deputados: uma análise da 56ª legislatura (2019-2023). **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 95–124, 2023.

SIVAK, M.; Lilia Lemoine, custodia de la imagen de Javier Milei: “Se ha vuelto uno de los hombres más deseados del país”. **El País**, Madrid, 13 set. 2023. Disponible em: <https://elpais.com/argentina/2023-09-13/lilia-lemoine-custodia-de-la-imagen-de-javier-milei-se-ha-vuelto-uno-de-los-hombres-mas-deseados-del-pais.html>.

SNAGOVSKY, F.; TAFLAGA, M.; KERBY, M. Responsive to whom? Political advising and elected careers in institutionalized democracies. **Party Politics**, Thousand Oaks, v. 29, n. 3, p. 435-447, 2023.

STRAFACE, F.; PAGE, M. Reforma política 2009 : ¿cómo impacta en el sistema de partidos y en los electores? **Documento de Políticas Públicas**, Rio de Janeiro, v. 71, p. 1-16, 2009.

TITELMAN, N. La nueva izquierda chilena. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 281, p. 117–128, 2019. Disponible em: <https://biblat.unam.mx/es/revista/contrahistorias-la-otra-mirada-de-clio/articulo/la-nueva-izquierda>.

TRONCONI, F. The Italian Five Star Movement during the crisis: towards normalisation? **South European Society and Politics**, Londres, v. 23, n. 1, p. 163–180, 2018.

VAN KESSEL, S. A Matter of Supply and Demand: The Electoral Performance of Populist Parties in Three European Countries. **Government and Opposition**, Cambridge, v. 48, n. 2, p. 175–199, 2012.

VAN KESSEL, S. A Matter of Supply and Demand: The Electoral Performance of Populist Parties in Three European Countries. **Government and Opposition**, Cambridge, v. 48, n. 2, p. 175–199, 2012.

VERCESI, M. Approaches and lessons in political career research: Babel or pieces of patchwork?. **Revista Espanola de Ciencia Politica**, Madrid, n. 48, p. 183–206, 2018.

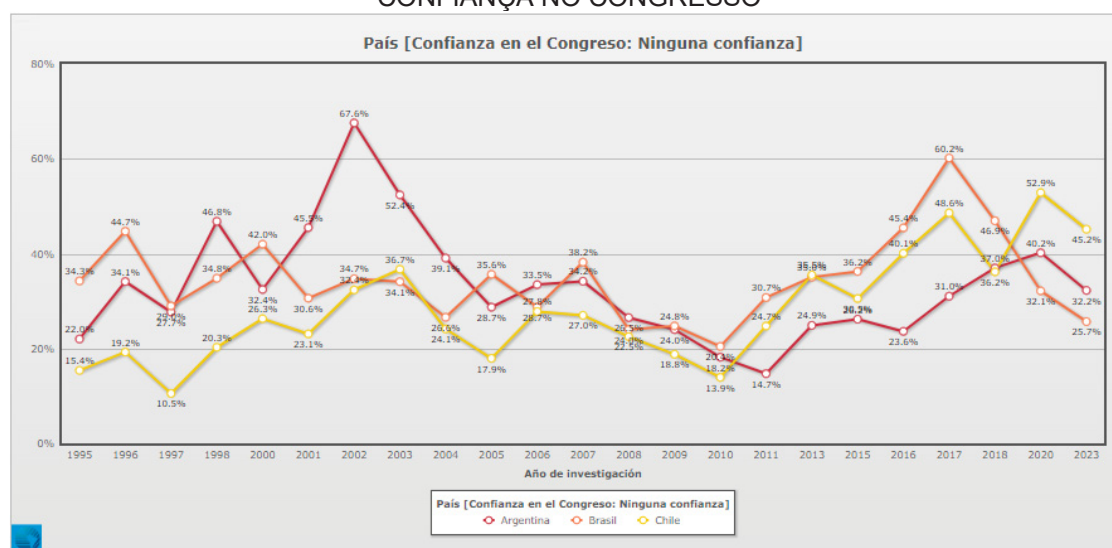
VOLLE, A.; CAZALS, A.; RAFHI, B. Another Wind of Change? evidence from Political Outsiders within French Parliament. **Revue d'économie politique**, Paris: Dalloz, vol. 133(2), pages 203-231, 2023.

WILPERT, G. Chavez's Venezuela and 21st Century Socialism. **Research in Political Economy**, Leeds, v. 24, p. 3–42, 2007.

APÊNDICE 1 – GRÁFICOS SOBRE CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES DE BRASIL, ARGENTINA E CHILE

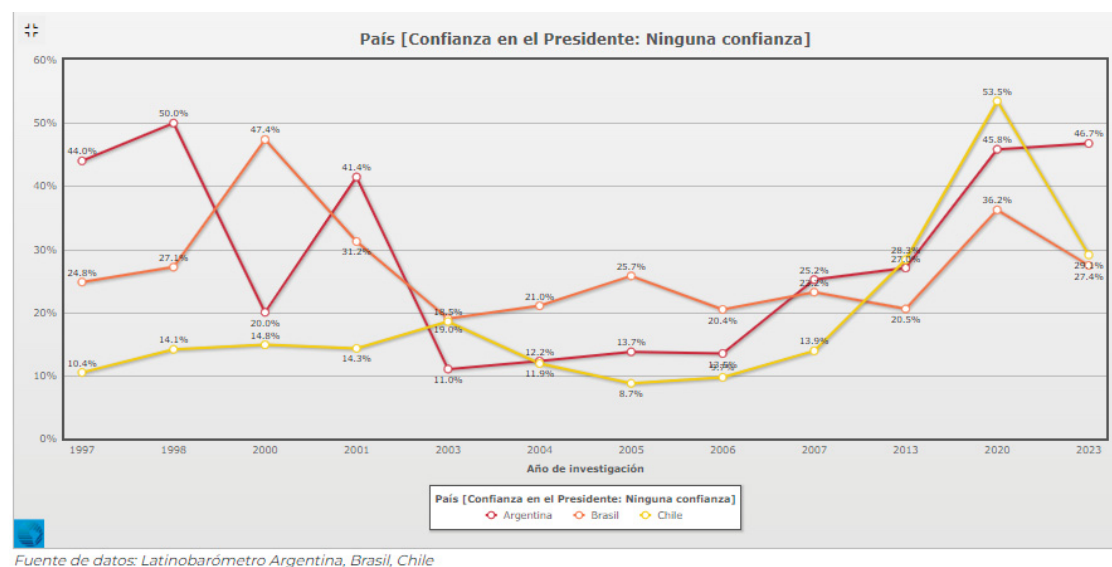
A seguir, as FIGURAS 5, 6 e 7, se referem aos gráficos mencionados na Introdução da tese. Eles foram obtidos no sítio eletrônico do Latinobarômetro e representam a porcentagem de respostas do tipo “nenhuma confiança” nas Instituições investigadas, ao longo dos anos de 1995 até 2023.

FIGURA 5 – GRÁFICO DA SÉRIE TEMPORAL DO SURVEY DO LATINOBARÔMETRO SOBRE CONFIANÇA NO CONGRESSO



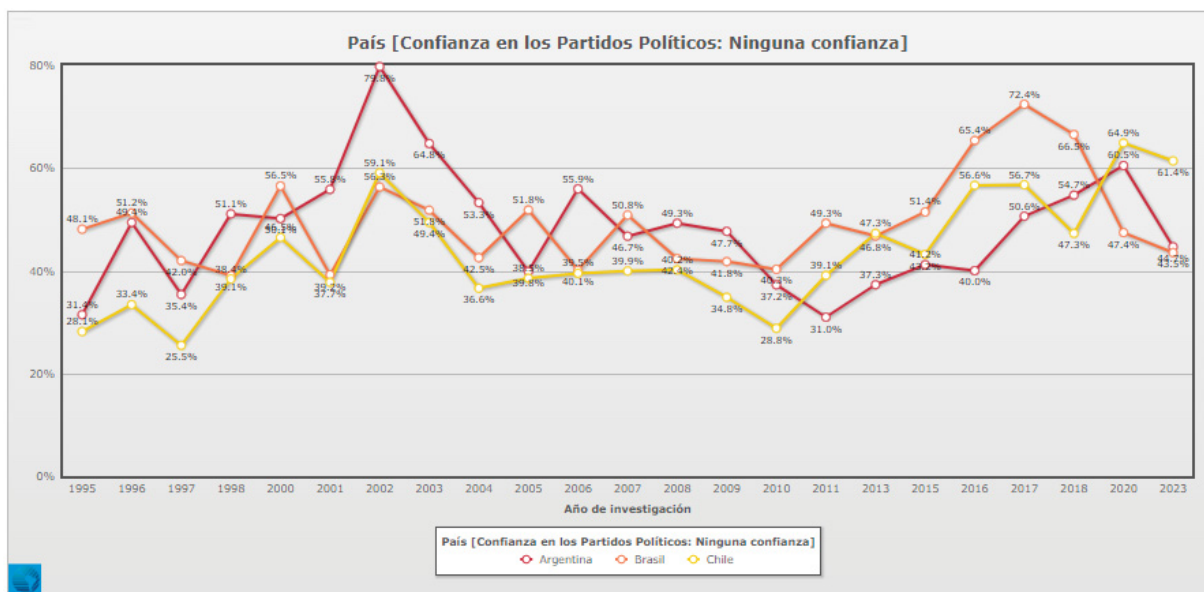
FONTE: Sítio Eletrônico do Latinobarômetro, 2024.

FIGURA 6 – GRÁFICO DA SÉRIE TEMPORAL DO SURVEY DO LATINOBARÔMETRO SOBRE CONFIANÇA NO PRESIDENTE



FONTE: Sítio Eletrônico do Latinobarômetro, 2024.

FIGURA 7 – GRÁFICO DA SÉRIE TEMPORAL DO SURVEY DO LATINOBARÔMETRO SOBRE CONFIANÇA NOS PARTIDOS POLÍTICOS



Fuente de datos: Latinobarómetro Argentina, Brasil, Chile

Fonte: Sítio Eletrônico do Latinobarômetro, 2024.

APÊNDICE 2 – QUADROS COM OS GRAUS DE OUTSIDERISMO PARA OS DEPUTADOS E DEPUTADAS NOVATAS

QUADRO 23 - GRAU DE OUTSIDER - ARGENTINA, ELEIÇÕES DE 2019 E 2021

Ano da Eleição	Nome Parlamentar	Gênero	Bloco	Partido	Ideologia do partido	tipo do partido/bloco	Grau outsider
2021	Victoria Villarruel	feminino	<i>La Libertad Avanza</i>	<i>La Libertad Avanza (Partido Demócrata de la Provincia de Buenos Aires)</i>	direita	Novo	10
2019	Ximena García	feminino	<i>UCR</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	10
2019	Itaí Hagman	masculino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Patria Grande</i>	esquerda	Novo	10
2021	Pablo Cervi	masculino	<i>Juntos por el cambio</i>	<i>Cambia Neuquén</i>	direita	Novo	9,19
2021	Sergio Omar Palazzo	masculino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	tradicional	9,19
2021	Claudio Vidal	masculino	<i>SER - Somos Energía para Renovar</i>	<i>SER - Somos Energía para Renovar</i>	esquerda	Novo	9,19
2019	Federico Frigerio	masculino	<i>PRO</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	direita	Tradicional	9,19
2019	Claudia Beatriz Ormachea	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	9,19
2021	Brenda Magali Vargas Matyi	feminino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	8,98
2019	Lía Verónica Caliva	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Partido comunista revolucionario</i>	esquerda	Marginal	8,98
2021	Karina Ethel Bachey	feminino	<i>PRO</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	direita	Tradicional	7,6
2021	Varinia Lis Marín	feminino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	7,6
2021	Martín Tetaz	masculino	<i>Evolución Radical (Juntos por el Cambio)</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Novo	7,6
2019	Federico Fagioli	masculino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Izquierda popular</i>	esquerda	Marginal	7,6
2019	Susana Graciela Landriscini	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Partido Justicialista</i>	centro	Tradicional	7,6
2021	Hernán Santiago Lombardi	masculino	<i>PRO</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	direita	Tradicional	7,4

2021	Sabrina Carlota Ajmechet	feminino	PRO		<i>Juntos por el Cambio</i>	dereita	Tradicional	6,91
2021	Florencia Klipauka Lewtak	feminino	PRO		<i>Juntos por el Cambio</i>	dereita	Tradicional	6,91
2021	Mariú Quiroz	feminino	PRO		<i>Chaco Cambia + Juntos por el Cambio</i>	dereita	Tradicional	6,91
2019	Lidia Inés Ascarate	feminino	UCR		<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	6,91
2019	Laura Carolina Castets	feminino	Coalición Cívica		<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	6,91
2019	Mónica Edith Frade	feminino	Coalición Cívica		<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	6,91
2019	Mario Alberto Leito	masculino	Frente de Todos		<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	6,91
2019	Carlos Ybrahin Ponce	masculino	Frente de Todos		<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	6,91
2021	Javier Gerardo Milei	masculino	La Libertad Avanza		<i>LA Libertad Avanza</i>	dereita	Novo	6,73
2019	Juan Carlos Alderete	masculino	Frente de todos		<i>Partido comunista revolucionario</i>	esquerda	Marginal	6,73
2019	Jorge Alberto Vara	masculino	UCR		<i>Encuentro por Corrientes + Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	6,72
2021	Fernando Carbajal	masculino	UCR		<i>Juntos por Formosa Libre</i>	centro	tradicional	6,08
2021	José Luis Espert	masculino	Avanza Libertad		<i>Avanza Libertad</i>	dereita	marginal	6,07
2019	Mariana Stilman	feminino	Coalición Cívica		<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	6,07
2019	Emiliano Benjamín Yacobbitti	masculino	UCR		<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	5,27
2021	Gustavo Alfredo Bouhid	masculino	UCR		<i>Cambia Jujuy</i>	centro	Tradicional	4,69
2019	Carlos Aníbal Cisneros	masculino	Frente de Todos		<i>Partido Justicialista</i>	centro	Tradicional	4,63
2021	Facundo Francisco Manes	masculino	UCR		<i>Juntos</i>	centro	Tradicional	4,08
2019	Florencia Lampreabe	feminino	Frente de Todos		<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	4,08
2019	Germán Pedro Martínez	masculino	Frente de Todos		<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	4,08

2019	Marisa Lourdes Uceda	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	4,08
2021	Tanya Bertoldi	feminino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	3,88
2021	Ricardo Hipólito López Murphy	masculino	<i>Republicanos Unidos (Juntos por el Cambio)</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	dereita	Novo	3,88
2021	Maria Sotolano	feminino	<i>PRO</i>	<i>Juntos</i>	dereita	Tradicional	3,43
2019	María de las Mercedes Joury	feminino	<i>PRO</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	dereita	Tradicional	3,43
2019	Claudia Gabriela Márquez	feminino	<i>Córdoba Federal</i>	<i>Unión por Córdoba</i>	centro	Novo	3,43
2019	María Dolores Martínez	feminino	<i>UCR</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	centro	Tradicional	3,43
2019	María Graciela Parola	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	3,43
2019	Hernán Pérez Araujo	<i>masculino</i>	<i>Frente de Todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	3,43
2019	Liliana Patricia Yambrún	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Partido Justicialista</i>	centro	Tradicional	3,43
2019	María Rosa Martínez	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Partido Justicialista</i>	centro	Tradicional	3,25
2021	Rossana Elena Chahla	feminino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	3,24
2021	Magalí Mastaler	feminino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	2,58
2021	Paula Omodeo	feminino	<i>CREO (Juntos por el cambio)</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	dereita	Novo	2,58
2019	Dina Esther Rezinovsky	feminino	<i>PRO</i>	<i>Juntos por el Cambio</i>	dereita	Tradicional	2,58
2021	Daniel Gustavo Gollán	masculino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	1,76
2021	Gabriela Pedrali	feminino	<i>Frente de todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	1,76
2021	Agustín Domingo	masculino	<i>Juntos Somos Río Negro</i>	<i>Juntos Somos Río Negro</i>	centro	Novo	1,01
2021	Alejandro Finocchiaro	masculino	<i>Juntos</i>	<i>PRO</i>	centro	Novo	1,01
2019	Jimena Hebe Latorre	feminino	<i>UCR</i>	<i>Cambia Mendoza</i>	centro	Novo	1,01
2019	María Jimena López	feminino	<i>Frente de Todos</i>	<i>Frente de Todos</i>	esquerda	Tradicional	1,01
2019	Alejandro Rodríguez	masculino	<i>Consenso Federal</i>	<i>Consenso Federal</i>	centro	Novo	1,01

2021	Ana Fabiola Aubone	feminino	Frente de todos		partido justicialista	esquerda	Tradicional	0,81
2021	Danya Verónica Tavela	feminino	Evolución Radical (Juntos por el Cambio)		Juntos	centro	Novo	0,81
2021	Cintia Pamela Calletti	feminino	Frente de todos		Frente de todos	esquerda	Tradicional	0
2021	Emiliano Estrada	masculino	Frente de todos		Frente de Todos	esquerda	Tradicional	0
2019	Juan Martín	masculino	UCR		Juntos por el Cambio	centro	Tradicional	0
2019	Paola Vessvessian	feminino	Frente de Todos		Frente de Todos	esquerda	Tradicional	0

FONTE: Elaborado pela autora, 2024.

QUADRO 24 - GRAU DE OUTSIDER - ARGENTINA, ELEIÇÃO DE 2023

Nome parlamentar	Gênero	Bloco	Partido	Ideologia	Tipo Partido	Grau Outsider
Lilia Lemoine	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	10
Santiago Santurio	Masculino	La Libertad Avanza	Ciudadanos	Direita	Novo	10
Alejandro Bongiovanni	Masculino	PRO	Juntos por el Cambio	Direita	Emergente	9,07
María Celeste Ponce	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	9,07
Verónica Razzini	Feminino	PRO	Juntos por el Cambio	Direita	Emergente	9,07
Facundo Correa Llano	Masculino	La Libertad Avanza	Partido democratico mendozino	Direita	Novo	8,6
Guillermo Montenegro	Masculino	La Libertad Avanza	Partido Democrata	Direita	Marginal	8,6
Nicolás Emma	Masculino	La Libertad Avanza	Libertário CABA	Direita	Marginal	8,22
Bertie Benegas Lynch	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	8,22
Romina Diez	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	8,22
Mercedes Llano	Feminino	La Libertad Avanza	Partido democrata	Direita	Marginal	8,22
Santiago Pauli	Masculino	La Libertad Avanza	Republicanos	Direita	Novo	8,22
María Florencia De Sensi	Feminino	PRO	Juntos por el Cambio	Direita	Emergente	7,77

Lourdes Micaela Arrieta	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Dereita	Emergente	7,77
Lorena Macyszyn	Feminino	La Libertad Avanza	Buenos aires Libre		Dereita	Novo	7,77
Belén Avico	Feminino	PRO	Juntos por el Cambio		Dereita	Emergente	6,95
Jorge Antonio Avila	Masculino	Hacemos Coalicion Federal	Juntos por el Cambio		Centro	Novo	6,95
Beltrán Benedit	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,95
Gabriel Bornoroni	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,95
Carlos D'alessandro	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,95
Eduardo Falcone	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,95
José Gomez	Masculino	Union por la Patria	Partido Justicialista		Centro	Tradicional	6,95
Mario Manrique	Masculino	Union por la Patria	Union por la Patria		Esquerda	Tradicional	6,95
Esteban Paulón	Masculino	Hacemos Coalicion Federal	Alianza la fuerza de santa fe		Dereita	Novo	6,61
Jorge Neri Araujo Hernández	Masculino	Union por la Patria	Frente Union por la patria		Esquerda	Tradicional	6,24
Alberto Arrúa	Masculino	Innovacion Federal	Frente renovador de la concordia-innovacion federal mnes		Centro	Novo	6,24
Emmanuel Bianchetti	Masculino	PRO	Juntos por el Cambio		Dereita	Emergente	6,24
Rocío Bonacci	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,24
Sergio Eduardo Capozzi	Masculino	PRO	Juntos por el Cambio		Dereita	Emergente	6,24
Carlos García	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,24
Pablo Juliano	Masculino	UCR	Juntos por el Cambio		Centro	Tradicional	6,24
Marcela Marina Pagano	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,24
Manuel Quintar	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Emergente	6,24
César Treffinger	Masculino	La Libertad Avanza	Ciudadanos		Dereita	Novo	6,24
Lorena Villaverde	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza		Dereita	Novo	6,24
Luciana Potenza	Feminino	Union por la Patria	Partido Justicialista		Centro	Tradicional	5,93
Damián Arabia	Masculino	PRO	Juntos por el Cambio		Dereita	Emergente	5,6
Mariela Coletta	Feminino	UCR	Juntos por el Cambio		Centro	Tradicional	5,01

Daiana Fernández Molero	Feminino	PRO	Juntos por el Cambio	Direita	Emergente	4,53
Gerardo Gustavo González	Masculino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	4,53
María Cecilia Ibañez	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	4,53
Juliana Santillán Juárez Brahim	Feminino	La Libertad Avanza	La Libertad Avanza	Direita	Emergente	4,53
Julia Strada	Feminino	Union por la Patria	Union por la Patria	Esquerda	Tradicional	4,53
Pablo Todero	Masculino	Union por la Patria	Partido Justicialista	Centro	Tradicional	4,53
Christian Alejandro Zulli	Masculino	Union por la Patria	Union por la Patria	Esquerda	Tradicional	4,53
Osvaldo Llancafilo	Masculino	Innovacion Federal	Movimiento Popular Neuquino.	Centro	Marginal	0,78
Jorge Chica	Masculino	Union por la Patria	Union por la Patria	Esquerda	Tradicional	0,78
Alejandra Torres	Feminino	Union por la Patria	Union por la Patria	Esquerda	Tradicional	0,3
Fernanda Avila	Feminino	Union por la Patria	Union por la Patria	Esquerda	Tradicional	0
José Gliniski	Masculino	Union por la Patria	Union por la Patria	Esquerda	Tradicional	0
Patricia Vásquez	Feminino	PRO	Juntos por el Cambio	Direita	Emergente	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

QUADRO 25 - GRAU DE OUTSIDER - BRASIL, ELEIÇÃO DE 2018

Nome parlamentar	Gênero	Partido	Ideologia do partido	Tipo do partido	Grau Outsider
Sanderson Federal	Masculino	PSL	Direita	Marginal	10
Delegado Pablo	Masculino	PSL	Direita	Marginal	10
Igor Timo	Masculino	PODE	Direita	Marginal	10
Coronel Tadeu	Masculino	PSL	Direita	Marginal	10
Doutor Frederico	Masculino	PATRI	Direita	Novo	10
Denis Bezerra	Masculino	PSB	Esquerda	Tradicional	10
Haroldo Cathedral	Masculino	PSD	Direita	Emergente	9,52
Cabo Junio Amaral	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Capitão Alberto Neto	Masculino	PRB	Direita	Marginal	9,52
Paula Belmonte	Feminino	PPS	Centro	Marginal	9,52

Daniel Silveira	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Enrico Misasi	Masculino	PV	Centro	Marginal	9,52
Glaustin Da Fokus	Masculino	PSC	Direita	Marginal	9,52
Coronel Armando	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Policial Katia Sastre	Feminino	PR	Direita	Marginal	9,52
Tio Trutis	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Alê Silva	Feminino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Rosana Valle	Feminino	PSB	Esquerda	Tradicional	9,52
Tenente Derrite	Masculino	PP	Direita	Tradicional	9,52
Professor Luiz Flavio Gomes	Masculino	PSB	Esquerda	Tradicional	9,52
Chris Tonietto	Feminino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Julian Lemos	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Major Vitor Hugo	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Prof. Dayane Pimentel	Feminino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Nereu Crispin	Masculino	PSL	Direita	Marginal	9,52
Kim Kataguirí	Masculino	DEM	Direita	Tradicional	9,34
Tabata Amaral	Feminino	PDT	Esquerda	Tradicional	9,34
Bia Kicis	Feminino	PRP	Direita	Marginal	9,34
Emanuelzinho	Masculino	PTB	Direita	Tradicional	9,34
Delegado Marcelo Freitas	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,63
Celio Moura	Masculino	PT	Esquerda	Tradicional	8,63
Luiz Carlos Motta	Masculino	PR	Direita	Marginal	8,63
Hercílio Coelho Diniz	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	8,63
Dr. Luiz Ovando	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,63
Alexis	Masculino	NOVO	Direita	Novo	8,63
Dra. Vanda Milani	Feminino	SOLIDARIEDADE	Direita	Novo	8,63
Otto Alencar Filho	Masculino	PSD	Direita	Emergente	8,63
Carlos Veras	Masculino	PT	Esquerda	Tradicional	8,47
Joenia Wapichana	Feminino	REDE	Centro	Novo	8,47
Leda Sadala	Feminino	AVANTE	Direita	Marginal	8,22
Fábio Henrique	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	8,22
Lucas Gonzalez	Masculino	NOVO	Direita	Novo	8,22
Felício Laterça	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22

Márcio Labre	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Sargento Gurgel	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Pedro Bezerra	Masculino	PTB	Direita	Tradicional	8,22
Delegado Antônio Furtado	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Hélio Costa	Masculino	PRB	Direita	Marginal	8,22
Sargento Fahur	Masculino	PSD	Direita	Emergente	8,22
Zé Vitor	Masculino	PMN	Direita	Marginal	8,22
Coronel Chrisóstomo	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Junior Marreca Filho	Masculino	PATRI	Direita	Novo	8,22
Dr. Zacarias Calil	Masculino	DEM	Direita	Tradicional	8,22
Adriana Ventura	Feminino	NOVO	Direita	Novo	8,22
Pastor Abilio Santana	Masculino	PHS	Direita	Marginal	8,22
Dra. Soraya Manato	Feminino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Abou Anni	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Lourival Gomes	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Luis Miranda	Masculino	DEM	Direita	Tradicional	8,22
General Peternelli	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Jesus Sérgio	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	8,22
Luiz Carlos	Masculino	PSDB	Direita	Tradicional	8,22
Tiago Mitraud	Masculino	NOVO	Direita	Novo	8,22
Paulo Martins	Masculino	PSC	Direita	Marginal	8,22
Otaci	Masculino	SOLIDARIEDADE	Direita	Novo	8,22
Luisa Canziani	Feminino	PTB	Direita	Tradicional	8,22
Wladimir Garotinho	Masculino	PRP	Direita	Marginal	8,22
Aroldo Martins	Masculino	PRB	Direita	Marginal	8,22
Mara Rocha	Feminino	PSDB	Direita	Tradicional	8,22
Eduardo Bismarck	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	8,22
Fernando Rodolfo	Masculino	PHS	Direita	Marginal	8,22
Marcos Aurelio Sampaio	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	8,22
Gutemberg Reis	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	8,22
Fabio Schiochet	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Guilga Peixoto	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22
Helio Fernando Barbosa Lopes	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,22

Dra. Marina	Feminino	PTC	Direita	Marginal	8,22
Igor Kannario	Masculino	PHS	Direita	Marginal	8,22
Euclydes Pettersen	Masculino	PSC	Direita	Marginal	8,22
Pastor Gildenemyr	Masculino	PMN	Direita	Marginal	8,22
Maria Rosas	Feminino	PRB	Direita	Marginal	8,22
Gilson Marques	Masculino	NOVO	Direita	Novo	8,22
Flordelis	Feminino	PSD	Direita	Emergente	8,22
Vavá Martins	Masculino	PRB	Direita	Marginal	8,22
Luiz Philippe O. Bragança	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,07
Felipe Rigoni	Masculino	PSB	Esquerda	Tradicional	8,07
Paulo Ganime	Masculino	NOVO	Direita	Novo	8,07
Alexandre Frota	Masculino	PSL	Direita	Marginal	8,07
Carla Zambelli	Feminino	PSL	Direita	Marginal	8,07
Andre Janones	Masculino	AVANTE	Direita	Marginal	8,07
Joice Hasselmann	Feminino	PSL	Direita	Marginal	8,07
Alex Santana	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	6,32
Nicoletti	Masculino	PSL	Direita	Marginal	6,28
Major Fabiana	Feminino	PSL	Direita	Marginal	5,72
Adriano Do Baldy	Masculino	PP	Direita	Tradicional	5,61
Heitor Freire	Masculino	PSL	Direita	Marginal	5,58
Caroline De Toni	Feminino	PSL	Direita	Marginal	5,38
Jaqueline Cassol	Feminino	PP	Direita	Tradicional	5,38
Túlio Gadêlha	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	5,31
Flavia Arruda	Feminino	PR	Direita	Marginal	5,14
Vinicius Poit	Masculino	NOVO	Direita	Novo	5,14
Luiz Lima	Masculino	PSL	Direita	Marginal	5,14
General Girao	Masculino	PSL	Direita	Marginal	5,14
Idilvan	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	5,14
Daniela Do Waquinho	Feminino	MDB	Direita	Tradicional	5,14
João Campos	Masculino	PSB	Esquerda	Tradicional	4,18
Tiago Dimas	Masculino	SOLIDARIEDADE	Direita	Novo	2,27
Dr. Luizinho	Masculino	PP	Direita	Tradicional	1,94
Marcos Pereira	Masculino	PRB	Direita	Marginal	1,86

Marcelo Calero	Masculino	PPS	Centro	Marginal	1,79
Alexandre Padilha	Masculino	PT	Esquerda	Tradicional	1,04
João Roma	Masculino	PRB	Direita	Marginal	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

QUADRO 26 - GRAU DE OUTSIDER - BRASIL, ELEIÇÃO DE 2022

Nome parlamentar	Gênero	partido	Ideologia do partido	Tipo do partido	Grau do Outsider
Amália Barros	Feminino	PL	Direita	Tradicional	10
Dra Alessandra Haber	Feminino	MDB	Direita	Tradicional	10
Silvye Alves	Feminino	UNIÃO	Direita	Tradicional	10
Sargento Portugal	Masculino	PODE	Direita	Marginal	10
Zé Trovão	Masculino	PL	Direita	Tradicional	10
Luciano Amaral	Masculino	PV	Centro	Marginal	9,83
Rafael Pezenti	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	9,83
Helena Da Asatur	Feminino	MDB	Direita	Tradicional	9,75
Coronel Assis	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	9,75
Defensor Stélio Dener	Masculino	REPUBLICANOS	Direita	Tradicional	9,75
Fred Linhares	Masculino	REPUBLICANOS	Direita	Tradicional	9,75
Icaro De Valmir	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,75
Jadyl Da Jupi	Masculino	PV	Centro	Marginal	9,75
Matheus Noronha	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,75
Mauricio Do Volei	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,75
Pastor Diniz	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	9,75
Pedro Aihara	Masculino	PATRIOTA	Direita	Marginal	9,75
Roberto Monteiro Pai	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,75
Waldemar Oliveira	Masculino	AVANTE	Direita	Marginal	9,65
Iza Arruda	Feminino	MDB	Direita	Tradicional	9,57
Julia Zanatta	Feminino	PL	Direita	Tradicional	9,46
Samuel Viana	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,46
Gustavo Gayer	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,29
Miguel Ângelo	Masculino	PT	Esquerda	Tradicional	9,29
Coronel Fernanda	Feminino	PL	Direita	Tradicional	9,23

Dani Cunha	Feminino	UNIÃO	Direita	Tradicional	9,23
Dayany Do Capitão	Feminino	UNIÃO	Direita	Tradicional	9,23
Ivoneide Caetano	Feminino	PT	Esquerda	Tradicional	9,23
Roberta Roma	Feminino	PL	Direita	Tradicional	9,23
Sonize Barbosa	Feminino	PL	Direita	Tradicional	9,23
Daniel Barbosa	Masculino	PP	Direita	Tradicional	9,23
Deltan Dallagnol	Masculino	PODE	Direita	Marginal	9,23
Duda Ramos	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	9,23
Fabio Teruel	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	9,23
Geraldo Mendes	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	9,23
Sergento Gonçalves	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,23
Yury Do Paredão	Masculino	PL	Direita	Tradicional	9,23
Yandra De André	Feminino	UNIÃO	Direita	Tradicional	9,06
Lula Da Fonte	Masculino	PP	Direita	Tradicional	9,06
Mauricio Neves	Masculino	PP	Direita	Tradicional	9,06
Marcos Pollon	Masculino	PL	Direita	Tradicional	8,12
Rosângela Moro	Feminino	UNIÃO	Direita	Tradicional	7,93
Bruno Farias	Masculino	AVANTE	Direita	Marginal	7,93
Sônia Guajajara	Feminino	PSOL	Esquerda	Marginal	7,72
Guilherme Boulos	Masculino	PSOL	Esquerda	Marginal	7,72
Atila	Masculino	PP	Direita	Tradicional	7,54
Bandeira De Mello	Masculino	PSB	Esquerda	Tradicional	7,54
Delegado Ramagem	Masculino	PL	Direita	Tradicional	7,35
Célia Xakriabá	Feminino	PSOL	Esquerda	Marginal	7,15
Delegado Matheus Laiola	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	6,94
Dr. Pupio	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	6,94
Coronel Meira	Masculino	PL	Direita	Tradicional	6,62
Coronel Ulysses	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	6,62
Delegado Da Cunha	Masculino	PP	Direita	Tradicional	6,62
Delegado Paulo Bilynskyj	Masculino	PL	Direita	Tradicional	6,62
Gabriel Nunes	Masculino	PSD	Direita	Tradicional	6,62
Pedro Campos	Masculino	PSB	Esquerda	Tradicional	6,62
Neto Carletto	Masculino	PP	Direita	Tradicional	6,51
Rodolfo Nogueira	Masculino	PL	Direita	Tradicional	6,51
Delegada Ione Barbosa	Feminino	AVANTE	Direita	Marginal	5,66

Silvia Watäpi	Feminino	PL	Direita	Tradicional	5,66
Luiz Gastão	Masculino	PSD	Direita	Tradicional	5,54
Amanda Gentil	Feminino	PP	Direita	Tradicional	3
Dr Fernando Máximo	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	3
Andreia Siqueira	Feminino	MDB	Direita	Tradicional	2,93
Gilvan Maximo	Masculino	REPUBLICANOS	Direita	Tradicional	2,8
Murillo Gouvea	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	2,8
Ana Paula Junqueira Leao	Feminino	PP	Direita	Tradicional	2,2
Ana Pimentel	Feminino	PT	Esquerda	Tradicional	1,96
Thiago De Joaldo	Masculino	PP	Direita	Tradicional	1,93
Professora Goreth	Feminino	PDT	Esquerda	Tradicional	1,51
General Pazuello	Masculino	PL	Direita	Tradicional	1,51
Ricardo Salles	Masculino	PL	Direita	Tradicional	1,36
Castro Neto	Masculino	PSD	Direita	Tradicional	1,23
Daniel Soranz	Masculino	PSD	Direita	Tradicional	1,23
Dimas Gadelha	Masculino	PT	Esquerda	Tradicional	1,23
Keniston	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	1,23
Marangoni	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	1,23
Mario Frias	Masculino	PL	Direita	Tradicional	1,23
Josenildo	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	0,35
Rafael Brito (Tio Rafa)	Masculino	MDB	Direita	Tradicional	0,35
Dr Ismael Alexandrino	Masculino	PSD	Direita	Tradicional	0,23
Dorinaldo Malafaia	Masculino	PDT	Esquerda	Tradicional	0,17
Jack Rocha	Feminino	PT	Esquerda	Tradicional	0,04
Alfredo Gaspar	Masculino	UNIÃO	Direita	Tradicional	0

FONTE: a autora, 2024.

QUADRO 27 - GRAU DE OUTSIDER - CHILE, ELEIÇÃO DE 2017

Nome	Partido	Ideologia partido	Tipo e proxy do partido	Gênero	Grau outsiderismo
Alvaro Carter Fernandez	Independente (UDI)	Direita	Tradicional	Masculino	10
Gonzalo Winter Etcheberry	Independente (RD)	Esquerda	Novo	Masculino	9,92
Diego Ibañez Cotreno	Independente (Mov autonomista)	Esquerda	Marginal	Masculino	9,92

Camila Rojas Valderrama	Independiente (izquierda autonó.)	Esquerda	Novo	Feminino	9,92
Erika Oliveira de la Fuente	Independiente (RN)	Direita	Tradicional	Feminino	9,92
Diego Schalper Sepulveda	Independiente (RN)	Direita	Tradicional	Masculino	9,92
Sandra Amar Mancilla	Independiente (UDI)	Direita	Tradicional	Feminino	9,56
Carolina Marzan Pinto	<i>Partido Por la Democracia</i>	Esquerda	Tradicional	Feminino	7,02
Sebastian Keitel Bianchi	<i>Evopoli</i>	Direita	Novo	Masculino	7,01
Pablo Kast Sommerhoff	<i>Evopoli</i>	Direita	Novo	Masculino	7,01
Alejandro Bernales Maldonado	<i>Partido Liberal de Chile</i>	Esquerda	Marginal	Masculino	6,95
Claudia Nathalie Mix Jimenez	<i>Poder</i>	Esquerda	Novo	Feminino	6,93
Francisco Eguiguren Correa	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Masculino	4,61
Jose Miguel Castro Bascuñan	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Masculino	4,61
Catalina Perez Salinas	<i>Revolucion Democratica</i>	Esquerda	Novo	Feminino	4,58
Amaro Labra Sepulveda	<i>Partido Comunista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Masculino	4,58
Boris Anthony Barrera Moreno	<i>Partido Comunista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Masculino	4,58
Pamela Jiles Moreno	<i>Partido Humanista</i>	Esquerda	Marginal	Feminino	4,58
Florcita Alarcon Rojas	<i>Partido Humanista</i>	Esquerda	Marginal	Masculino	4,58
Marisela Santibañez Novoa	<i>Partido Progressista</i>	Esquerda	Novo	Feminino	4,58
Francesca Muñoz Gonzalez	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Feminino	4,58
Luis Pardo Sainz	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Masculino	4,58
Carmen Hertz Cadiz	<i>Partido Comunista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Feminino	4,36
Patricio Rosas Barrientos	<i>Partido Socialista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Masculino	4,35
Andres Longton Herrera	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Masculino	4,35
Renato Garin Gonzalez	<i>Revolucion Democratica</i>	Esquerda	Novo	Masculino	4,31
Natalia Castillo Muñoz	<i>Revolucion Democratica</i>	Esquerda	Novo	Feminino	4,31
Luciano Cruz-coke Carvalho	<i>Evopoli</i>	Direita	Novo	Masculino	0,82
Francisco Undurrada Gazitua	<i>Evopoli</i>	Direita	Novo	Masculino	0,8
Maite Orsini Pascal	<i>Revolucion Democratica</i>	Esquerda	Novo	Feminino	0,72
Gael Fernanda Yeomans Araya	<i>Revolucion Democratica</i>	Esquerda	Novo	Feminino	0,72
Jorge Brito Hasbun	<i>Revolucion Democratica</i>	Esquerda	Novo	Masculino	0,72

Guillermo Ramirez Diez	<i>Union Demócrata Independiente</i>	Direita	Tradicional	Masculino	0,12
Joanna Perez Olea	<i>Partido Demócrata Cristiano</i>	Direita	Tradicional	Feminino	0,12
Miguel Crispi Serrano	<i>Revolucion Democrática</i>	Esquerda	Novo	Masculino	0
Pablo Vidal Rojas	<i>Revolucion Democrática</i>	Esquerda	Novo	Masculino	0
Tomas Hirsch Goldsmidt	<i>Partido Humanista</i>	Esquerda	Marginal	Masculino	0
Mario Desbordes Jimenez	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Masculino	0
Camila Flores Oporto	<i>Renovacion Nacional</i>	Direita	Tradicional	Feminino	0

FONTE: a autora, 2024.

QUADRO 28 - GRAU DE OUTSIDER - CHILE, ELEIÇÃO DE 2021

Nome	Partido	Ideologia do partido	Tipo e proxy do partido	Gênero	Grau de outsiderismo
Gonzalo De La Carrera Correa	Independente	Direita	Independente	Masculino	10
Paula Labra Besserer	Independente	Direita	Independente	Feminino	10
Christian Matheson Villán	Independente	Direita	Independente	Masculino	10
Javiera Ignacia Morales Alvarado	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	10
Natalia Romero Talguia	Independente	Direita	Independente	Feminino	10
Hotuiti Teao Drago	Independente	Direita	Independente	Masculino	10
María Luisa Cordero Velásquez	Independente	Direita	Independente	Feminino	9,26
Enrique Lee Flores	Independente	Direita	Independente	Masculino	9,26
Stephan Schubert Rubio	Independente	Direita	Independente	Masculino	9,26
Mónica Arce Castro	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	8,43
María Mercedes Bulnes Nuñez	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	8,43
Felipe Camaño Cárdenas	Independente	Direita	Independente	Masculino	8,43
Ana María Gazmuri Vieira	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	8,43
Francisco Pulgar Castillo	Independente	Centro	Independente	Masculino	8,43
Marcela Patricia Riquelme Aliaga	Independente	Direita	Independente	Feminino	8,43
Clara Sagardía Cabezas	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	8,43

Sebastián Videla Castillo	Independente	Esquerda	Independente	Masculino	8,43
Andrés Giordano Salazar	Independente	Esquerda	Independente	Masculino	7,83
Marta América González Olea	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	7,83
Tomás Lagomarsino Guzmán	Independente	Esquerda	Independente	Masculino	7,83
Camila Musante Müller	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	7,83
Lorena Fries Monleón	Independente	Esquerda	Independente	Feminino	7,59
Francisca Bello Campos	Convergencia Social	Esquerda	Novo	Feminino	6,96
Gustavo Benavente Vergara	Partido Unión Demócrata Independiente	Dereita	Tradicional	Masculino	6,96
Mauro González Villarroel	Partido Renovacion Nacional	Dereita	Tradicional	Masculino	6,96
Karen Medina Vásquez	Partido de La gente	Dereita	Novo	Feminino	6,96
Agustín Romero Leiva	Partido Republicano de Chile	Dereita	Novo	Masculino	6,96
Marta Bravo Salinas	Partido Unión Demócrata Independiente	Dereita	Tradicional	Feminino	6,77
Helia Molina Milman	Partido por la democracia	Esquerda	Tradicional	Feminino	6,77
Roberto Arroyo Muñoz	Partido de La gente	Dereita	Novo	Masculino	6,51
Benjamín Moreno Bascur	Partido Republicano de Chile	Dereita	Novo	Masculino	6,51
Gloria Naveillán Arriagada	Partido Republicano de Chile	Dereita	Novo	Feminino	6,51
Víctor Pino Fuentes	Partido de La gente	Dereita	Novo	Masculino	6,51
Chiara Barchiesi Chávez	Partido Republicano de Chile	Dereita	Novo	Feminino	6,03
Ricardo Cifuentes Lillo	Partido Demócrata Cristiano	Centro	Tradicional	Masculino	6,03
Luis Cuello Peña y Lillo	Partido Comunista de Chile	Esquerda	Tradicional	Masculino	6,03
Johannes Kaiser Barents-von Hohenhagen	Partido Republicano de Chile	Dereita	Novo	Masculino	6,03
Luis Fernando Sánchez Ossa	Partido Republicano de Chile	Dereita	Novo	Masculino	6,03
Consuelo Veloso Ávila	Revolución Democrática	Esquerda	Marginal	Feminino	6,03
María Candelaria Acevedo Sáez	Partido Comunista de Chile	Esquerda	Tradicional	Feminino	5,7
Viviana Delgado Riquelme	Partido Ecologista Verde	Esquerda	Marginal	Feminino	5,7
Lorena Pizarro Sierra	Partido Comunista de Chile	Esquerda	Tradicional	Feminino	5,7
Tomás De Rementería Venegas	Independente	Esquerda	Tradicional	Masculino	1,44

José Meza Pereira	<i>Partido Republicano de Chile</i>	Direita	Novo	Masculino	0,71
Carolina Tello Rojas	<i>Partido Comunista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Feminino	0,71
Yovana Ahumada Palma	<i>Partido de La gente</i>	Direita	Novo	Feminino	0,35
Sara Concha Smith	<i>Partido Social Cristiano</i>	Direita	Novo	Feminino	0,35
Rubén Oyarzo Figueroa	<i>Partido de La gente</i>	Direita	Novo	Masculino	0,35
Hernán Palma Pérez	<i>Partido Humanista</i>	Esquerda	Marginal	Masculino	0,35
Jaime Sáez Quiroz	<i>Revolución Democrática</i>	Esquerda	Marginal	Masculino	0,35
Ana María Bravo Castro	<i>Partido Socialista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Feminino	0,21
Nathalie Castillo Rojas	<i>Partido Comunista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Feminino	0
Daniel Manouchehri Lobos	<i>Partido Socialista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Masculino	0
Ericka Ñanco Vásquez	<i>Revolución Democrática</i>	Esquerda	Marginal	Feminino	0
Emilia Schneider Videla	<i>Partido Comunes</i>	Esquerda	Novo	Feminino	0
Daniela Serrano Salazar	<i>Partido Comunista de Chile</i>	Esquerda	Tradicional	Feminino	0

FONTE: a autora, 2024